

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ-UFC  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO-FACED  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

**Ariza Maria Rocha**

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: HISTÓRIA DA INSERÇÃO E  
CONSOLIDAÇÃO NA CAPITAL CEARENSE.**

**Fortaleza-Ceará**

**2008**

**Ariza Maria Rocha**

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: HISTÓRIA DA INSERÇÃO E  
CONSOLIDAÇÃO NA CAPITAL CEARENSE.**

Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação - FACED/UFC - Núcleo de Educação, Currículo e Ensino no Eixo Temático Currículo, Cultura, Políticas e Práticas Curriculares sob a orientação do Professor Dr. José Arimatea Barros Bezerra.

**Fortaleza-Ceará  
2008**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ-UFC  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO-FACED  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**Ariza Maria Rocha**

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: HISTÓRIA DA INSERÇÃO E  
CONSOLIDAÇÃO NA CAPITAL CEARENSE.**

Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação - FACED/UFC - Núcleo de Educação, Currículo e Ensino no Eixo Temático Currículo, Cultura, Políticas e Práticas Curriculares sob a orientação do Professor Dr. José Arimatea Barros Bezerra.

Aprovado em 10/12/2008

**BANCA EXAMINADORA**

---

Presidente - Prof. Dr. José Arimatea Barros Bezerra

---

Profª Dra. Andréa Borges Leão

---

Profª Dra. Maria de Lourdes Peixoto Brandão

---

Profa. Dra. Zuleide Fernandes de Queiroz

---

Prof. Dr. Francisco Carlos Jacinto Barbosa

## **DEDICATÓRIA**

---

Para Pedro, Mateus e Hideraldo.

## AGRADECIMENTOS

---

*Uma tese não é um trabalho  
de uma mão única.  
Várias mãos constroem,  
corrigem, lêem, observam,  
apóiam, orientam,  
sugerem, incentivam, criticam,  
aconselham, compreendem, exigem e dividem  
a tarefa nas linhas da escrita e da vida.  
Para todas as mãos, só resta agradecer.*

Este trabalho é resultado de uma investigação desenvolvida durante quatro anos e que contou com o apoio financeiro (bolsa de estudo) do Programa PQI-CAPES.

Esta pesquisa teve a sorte de ter como Professor e Orientador, Dr. José Arimatea Barros Bezerra, sempre com a tranquilidade, paciência e valiosas orientações e conselhos.

Agradeço também a Professora Dra. Manuela Hasse, Faculdade de Motricidade, Universidade Técnica de Lisboa, que seria minha co-orientadora durante o período em que permaneceria em Portugal realizando atividades de doutorado-sanduiche, o que não se concretizou pela intransigência burocrática do Governo do Estado do Ceará, no entanto, nem a distância impediu a transmissão de apoio, incentivo, perseverança.

Sou grata igualmente aos professores que participaram da primeira qualificação, Dr. Francisco de Ari de Andrade e Dra. Andréa Borges Leão e na segunda qualificação, as professoras Dra. Ângela Teresinha de Souza, Dra. Maria de Lourdes Peixoto Brandão e Dra. Andréa Borges Leão, pelas sugestões e questões que ajudaram a elucidar o objeto de estudo. Como também ao Programa de Pós-Graduação de Educação-FACED/UFC, em especial, a Geisa Chagas Leitão Sydrião e Adalgisa Lycinia Martins Feitosa.

Agradeço a generosidade de todos que ajudaram com testemunhos, documentos, referências científicas, idéias, dicas, alegrias, informações e esperança, entre eles, Joyce Carneiro de Oliveira, Tiago Sampaio Bastos, Alexandre Gonçalves Frota e Thirza Maria Bezerra Bindá.

Meus agradecimentos também à Universidade Regional do Cariri – URCA, pelo afastamento, aos professores, Alana Mara, Eleonora Cavalcanti, Simonete Silva Pereira, José Cavalcanti da Silva Filho e Dra. Zuleide Fernandes de Queiroz e, em especial, aos meus alunos.

Um sincero e enorme agradecimento aos meus pais, irmãos e amigos.

*A historia humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas.*

Ferreira Gullar

## RESUMO

Estudo sobre a gênese e desenvolvimento da Educação Física Escolar em Fortaleza, entre o intervalo de tempo 1860 - 1930. O surgimento deste estudo aflorou em sala de aula, diante da dificuldade de lecionar História da Educação Física no Curso de Graduação da Universidade Regional do Cariri-URCA, a partir das referências bibliográficas nacionais que contradizem o que está posto na pesquisa regional sobre a existência dessa disciplina no programa das escolas da Capital cearense anterior à década de 1930. No itinerário investigativo, adoto, como referencial metodológico, a pesquisa documental, para tanto, recorro as seguintes fontes: literatura, fotografia, periódicos escolares, jornais, trabalhos acadêmicos, documentos oficiais e as obras dos memorialistas. Tendo como referência a Teoria do Campo, de Pierre Bourdieu, como possibilidade de analisar a estrutura do campo, posição dos agentes e a construção do *habitus* como sistema de disposições socialmente constituídas, foi possível evidenciar a institucionalização da Educação Física Escolar como referência ao estudo da cultura corporal na escola. Desta maneira, foi possível apresentar uma reconstrução dos passos iniciais da então ginástica em algumas instituições educacionais de Fortaleza, até chegar à denominação de Educação Física, explicitando como se deu os embates entre os agentes – acrobatas (os ginastas “marginais”), os instrutores (militares) e as normalistas, que protagonizaram o movimento de naturalização e objetivação da prática desta disciplina na escola. Evidenciou-se, assim, a existência de práticas corporais nas escolas, entre 1860 e 1930, o que se configura em uma contribuição no processo de crítica da história dessa área de conhecimento e revela as limitações da literatura existente que desconsidera a emergência e consolidação da Educação Física em outros espaços, em período anterior a 1930.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Física – História – Escolas de Fortaleza





## ABSTRACT

Study on genesis and development of the Pertaining to school Physical Education in Fortaleza, between 1860 and 1930. The sprouting of this study arose in classroom, ahead of the difficulty of taught History of the Physical Education in the Course of Graduation of the Regional University of the Cariri-URCA, from the national bibliographical references that contradict what it is rank in the regional research on the existence of this disciplines in the program of the schools of previous the pertaining to the state of Ceará Capital to the decade of 1930. In the itinerary, I adopt, as the documentary research, for in such a way, I appeal the following sources: literature, photograph, periodic pertaining to school, academic periodicals, works, official documents and the workmanships of the memorialistas. Having as reference the Theory of the Field, Pierre Bourdieu, as possibility to analyze the structure of the field, position of the agents and the construction of *habitus* as system of disposals socially constituted, was possible to evidence the institutionalization of the Pertaining to school Physical Education as reference to the study of the corporal culture in the school. In this way, it was possible to present a reconstruction of the initial steps of then the gymnastics in some educational institutions of Fortaleza, until arriving at the denomination of Physical Education, speak as if you strike it gave them between the agents - tumblers (the gymnasts “delinquents”), the instructors (military) and the normalistas, that had carried out the naturalization movement of the practical one of this disciplines in the school. It evidenced, thus, existence of practical corporal in schools, between 1860 and 1930, what it is configured in a contribution in the process of critical of the history of this area of knowledge and discloses to the limitations of the existing literature that disrespects the emergency and consolidation of the Physical Education in other spaces, in previous period the 1930.

KEYWORDS-PHYSICAL Education, History, Schools’ Fortaleza City.

## RESUMÉ

Étude sur la gênese et développement de l' ducation Physique Scolaire   Fortaleza, entre 1860 et 1930. Le bourgeonnement de cette étude a affleuré dans salle de leçon, devant la difficulté de lecionar Histoire de l' ducation Physique en le Cours de Graduation de l'Université Régionale du Cariri-URCA, à partir des références bibliographiques nationales qui contredisent ce qui est mis dans la recherche régionale sur l'existence de cette discipline dans le programme des écoles du Capital originaire du Ceará pr c dent la décennie de 1930. Dans l'itinéraire investigativo, j'adopte, mange référentiel méthodologique, la recherche documentaire, pour de telle façon, fais appel les suivantes sources : littérature, photographie, périodiques écoliers, journaux, travaux académiques, documents officiels et les oeuvres des memorialistas. En ayant je mange de la référence à Théorie du Champ, de Pierre Bourdieu, mange possibilité d'analyser la structure du champ, position des agents et la construction de la habitus je mange système de dispositions socialement constituées, a été possible de prouver l'institutionnalisation de l' ducation Physique Scolaire mange de la référence à l'étude de la culture corporelle dans l' cole. De cette manière, ce a été possible de présenter une reconstruction des étapes initiales de la alors gymnastique dans quelques institutions scolaires de Fortaleza, jusqu'arriver à la dénomination d' ducation Physique, en explicitant comme il s'les est données heurtes entre les agents - des acrobates (les gymnastes « marginaux »), les instructeurs (militaires) et les normalistas, qui ont mené à bien le mouvement de naturalisation et l'objetiva o de la pratique de cette discipline dans l' cole. Il s'est prouvé, ainsi, l'existence de pratiques corporelles dans les écoles, entre 1860 et 1930, ce qui se configure dans une contribution dans le processus de critique de l'histoire de ce secteur de connaissance et révèle les limitations de la littérature existante qui déconsidère l'urgence et la consolidation de l' ducation Physique dans d'autres espaces, dans période précédente à 1930.

MOTS-CLÉ:  ducation Physique-Histoire- cole de Fortaleza.

## LISTA DE FIGURAS

---

FIGURA 01	A Mulher na Praia. Fonte: Revista BA-TA-CLAN, 1926	48
FIGURA 02	Typos de Belleza Cearense. Fonte: ALMANACH DO CEARÁ, 1922	49
FIGURA 03	Primeiro Regimento de Milícias (Bahia, 1806 - visual gráfico/Carlos Ribeiro-Lisboa-rev. Defesa Nacional -[1937?, Lisboa: Lit. de Portugal) IN Site da Biblioteca Nacional) e Alunos do Colégio Militar (Ib.Idem)	63
FIGURA 04	Instrução de Recrutas pelo Colégio Militar do Ceará. Fonte: CEARÁ ILUSTRADO, 1925.	62
FIGURA 05	Cartaz do Circo das Ginastas. Fonte: CAMPOS, 1985	88
FIGURA 06	Ginástica dos Alunos do Colégio Militar. Fonte: MARQUES e KLEIN FILHO, 2007.	89
FIGURA 07	Ginástica dos alunos do Colégio Militar, em 1924. Fonte: MARQUES e KLEIN FILHO, 2007.	91
FIGURA 08	Ginástica dos Alunos do Colégio Militar, em 1924. Fonte: MARQUES e KLEIN FILHO, 2007.	92
FIGURA 09	Acrobacia “Pirâmide” no Colégio Cearense. Fonte: REVISTA VERDES MARES, 1934.	93
FIGURA 10	Os Exercícios Ginásticos na Programação Escolar. Fonte: ARQUIVO PÚBLICO DO CEARÁ	94
FIGURA 11	Quadro do Ensino Público no Estado do Ceará, 1922. Fonte: NOGUEIRA, 2001.	96
FIGURA 12	Espaço para Recreio e para as aulas de Ginástica. Fonte: TERRA DA LUZ, 1936.	97
FIGURA 13	As normalistas com roupa de Ginástica. Fonte: ARQUIVO PARTICULAR DE THIRZA BINDÁ	98
FIGURA 14	Aula de Ginástica dos Alunos do Colégio Militar. Fonte: MARQUES e KLEIN FILHO, 2007.	100
FIGURA 15	Aula de Ginástica dos Alunos do Colégio Militar. Fonte:	101

	MARQUES e KLEIN FILHO, 2007.	
FIGURA 16	Prova do Sr. Djacir Lima Meneses no Concurso de Inspectores Regionais de Ensino, 1932. Fonte: ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO CEARÁ	109
FIGURA 17	Aula de Educação Física No Colégio Castelo Branco. Fonte: REVISTA TERRA DA LUZ, 1936.	122
FIGURA 18	Aula de Educação Física no Colégio Castelo Branco Fonte: REVISTA TERRA DA LUZ, 1936.	123
FIGURA 19	Anúncio do Colégio Castelo Branco apresentando os professores e suas respectivas disciplinas. Fonte: REVISTA TERRA DA LUZ, 1936	127
FIGURA 20	Equipe de basquete e vôlei do Colégio Militar do Ceará, 1924. Fonte: MARQUES e KLEIN FILHO, 2007.	135
FIGURAS EM BLOCO 21	Alunos do Colégio Militar do Ceará. Fonte: MARQUES e KLEIN FILHO, 2007.	136
FIGURA 22	<i>Team de Basket-Ball</i> no Colégio Cearense. Fonte: REVISTA VERDES MARES, 1936.	137
FIGURA 23	<i>Team Feminino de Volley-Ball</i> do Colégio Castelo Branco. Fonte: REVISTA TERRA DA LUZ, 1936.	137
FIGURA 24	Flagrante da Festa <i>Sportiva</i> . Fonte: REVISTA VERDES MARES, 1934.	138
FIGURA 25	O Time de Futebol dos Maiores do Colégio Cearense Fonte: REVISTA VERDES MARES, 1934.	138

## SUMÁRIO

---

LISTA DE FIGURAS	XI
POR QUE ESTUDAR A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ESCOLAS DE FORTALEZA, NO PERÍODO DE 1860-1930?	15
I ITINERÁRIO INVESTIGATIVO	18
1 Educação Física Escolar: elaboração do objeto pesquisado, relevância e limitações	18
2 Percurso de definição do objeto de estudo	20
3 O estado da arte da Educação Física Escolar: temas e enfoques em discussão	22
4 Diálogos com Bourdieu	25
5 A trilha metodológica	28
II FORTALEZA E O CONTEXTO SOCIAL	33
1 A “MODERNIZAÇÃO, O ASSEIO FÍSICO E MORAL	33
1.1 As matrizes geradoras que possibilitaram a inclusão da Ginástica escolar em Fortaleza	38
1.2 O <i>habitus</i> dos cidadãos e a inserção da ginástica escolar	52
1.3 Os agentes no campo da Ginástica Escolar	58
1.3.1 Militares, médicos, advogados, educadores e a normalista	60
1.3.2 O acrobata, gymnasta “marginal”	73
2 Instância de consagração, legitimação, reprodução e formação de formadores dos códigos: a escola	77
2.1 Instituições educacionais particulares	79
2.2 Instituições educacionais militares	81

2.3	Instituições educacionais públicas	82
3	O movimento interno do campo da Educação Física escolar	84
4.	3.1 Saber e práticas da Educação Física nas escolas de Fortaleza no período de 1860 a 1930	86
	3.1.1 A Gymnastica Acrobática	88
	3.1.2 A Ginástica Sueca	10
		4
	3.1.3 A Ginástica e a instrução militar e physica	11
		0
	3.1.4 A Ginástica ao lado do Esporte Escolar	13
		5
	3.2 Os complexos (quase impenetráveis) caminhos da autonomia da Educação Física	14
		2
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	14
		4
	FONTES E REFERÊNCIAS	14
		6
	ANEXOS	16
		0
	NÍVEIS DE ENSINO E DAS INSTITUIÇÕES ESTUDADAS EM FORTALEZA NO PERÍODO DE 1863-1930.	

## **POR QUE ESTUDAR A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ESCOLAS DE FORTALEZA?**

---

(...) a história da educação vai além da história dos ideários e dos discursos pedagógicos. Estudos nesse campo permitem, ainda, complexificar a noção de tempos, na medida em que o estudo das transformações de um saber que se torna escolar não obedece a uma linearidade lógica, mas resulta de uma série de injunções que assumem características específicas em cada espaço social e em cada época (SOUZA JUNIOR, GALVÃO, 2005, p. 393).

Compreender a Educação Física Escolar recente é tentar seguir as pistas deixadas na história de sua constituição, representatividade e consolidação na sociedade do período. Na verdade, “o que se busca no passado é algo que pode até ter-se perdido nesse passado, mas que se coloca no presente como questão não resolvida”<sup>1</sup>.

Nesse rumo, estabeleço o diálogo com a escola e o espaço social, que ora incluíam, ora excluíam determinadas atividades físicas, como, por exemplo, a natação, a esgrima e o futebol, do currículo escolar.

---

<sup>1</sup> VIEIRA, PEIXOTO, KHOURY, 1991, p.43.



O eixo condutor desse trabalho é a educação corporal através da Educação Física Escolar como objeto das indagações e intervenções educacionais, pois este é o reflexo do tempo, da sociedade e da educação em que se vive. Enfim, o objeto desse estudo consistiu em investigar a gênese da Educação Física Escolar, na capital cearense compreendida entre o intervalo de tempo 1865 – 1930.

Para tanto, tenho o objetivo de reconstituir a gênese e desenvolvimento da Educação Física Escolar em Fortaleza, no período citado, tendo em vista as concepções e práticas orientadas por teorias científicas, idéias sociais e políticas.

Nesta longa caminhada, o trajeto exigiu cortes, articulação com conceitos teóricos e problemas concretos de homens, lugares e tempo sociais surgidos no decorrer da história da Educação Física.

Esclareço que há uma polissemia sobre o termo Educação Física. Talvez, reflexo de um tempo em construção. Inicialmente foi chamada de *gymnastica*, a primeira sistematização de exercícios físicos na escola. Nas instituições militares a ginástica foi associada à instrução militar e física. Com o passar do tempo, ocorreram mudanças nas representações da ginástica e crescendo o número de defensores e adeptos partiram da *Educação Physica*<sup>2</sup> à consolidação da Educação Física na escola de Fortaleza no fim do intervalo de tempo mencionado.

As questões que nortearam a pesquisa foram: Quais as matrizes geradoras que possibilitaram a inclusão da ginástica escolar em Fortaleza? O que representavam, para a sociedade da época, os exercícios físicos? Como se deu o percurso inicial deste campo de saber, notadamente, o movimento de ações estratégicas de busca de respaldo e representação social? Em que momento ocorreu à passagem da ginástica escolar para a Educação Física? Em que espaços aconteciam e quem os conduzia? E quem os praticava?

Alerto que não se trata de fazer a história das diversas instituições em suas singularidades, mas de localizar elementos que me permitam reconstituir e sistematizar esse passado esquecido, assim, “se o pesquisador tem como objetivo recuperar a

---

<sup>2</sup> SPENCER, em *Educação Intellectual, Moral e Physica* (1888, 2ª Edição), discute a necessidade de uma educação intelectual, moral e física “para a vida completa, no sentido mais lato da palavra” (1888, p. XII) e dedica o capítulo IV a *Educação Physica* e o valor dos jogos e da ginástica como um dos conhecimentos de maior valor na sociedade industrial, ao lado da Educação Intelectual e Moral.

problemática vivida pelos agentes em estudo, necessita acompanhar o processo de constituições dos atores sobre sua experiência”<sup>3</sup>.

Também não se trata de um catálogo erudito ou histórico dos debates pertinentes, embora mencione muitas ligações entre as idéias do referido período. Todavia acredito ser necessário traçar um panorama do lugar, espaço e ação da Educação Física em Fortaleza.

O trabalho está dividido em duas partes e, embora, esses itens tenham caminhado separadamente, eles interpenetram-se, ora propondo-se questões recíprocas, ora dando-se mútuo apoio e colaboração. No entanto, nesse ponto do estudo convirá um exame destacadamente. A saber:

Na primeira parte trato do Itinerário teórico - metodológico da investigação. Aqui esclareço a construção do objeto, limitações, contribuições, Estado da Arte, bem como o diálogo com Pierre Bourdieu, apoiando-me em suas elaborações sobre a noção de campo.

A segunda parte tem três capítulos. O primeiro parto da posição social de Fortaleza que vivia, por volta das últimas décadas do século XIX, o sonho de “modernizar-se” tal qual as outras capitais do Brasil. Partindo deste ponto, reconstruo a estrutura social e das matrizes geradoras, espaços de disputas, convergências e alternâncias e que adotava medidas de asseio físico e moral dos fortalezenses, e entre elas, a inculcação da ginástica como formadora de hábitos saudável e disciplinadora. O tópico ainda trata do *habitus* e dos agentes neste campo de luta.

O capítulo seguinte aborda a Escola como uma das instâncias de consagração, legitimação, reprodução e formadora dos formadores dos códigos. Abordo ainda o movimento interno, os saberes e a complexidade da autonomia do campo.

No terceiro, apresento o movimento interno do campo da Educação Física Escolar enfatizando o saber e práticas, entre elas, a “gymnastica acrobática”, Sueca, “instrução militar-physical” e o esporte praticado na escola. A seção ainda trata a busca pela autonomia do campo.

Por fim, as “últimas” considerações que no término de quatro anos de estudo constato que pouco têm de finais e muito têm de inquietações que podem desencadear outros estudos.

---

<sup>3</sup> VIEIRA, PEIXOTO, KHOURY, 1991, p.43.

# I. ITINERÁRIO INVESTIGATIVO

---

Enquanto o historiador realiza sua pesquisa e constrói seu objeto de estudo, os passos de seu trabalho não são separados uns dos outros nem se encadeiam numa ordem sucessiva. Pelo contrário, o encaminhamento da reflexão. A partir da posição teórica do pesquisador de sua localização na prática social, de suas expectativas e do diálogo que faz com as fontes, é um movimento único, em que o avanço em algumas partes auxilia em melhores definições em outras, e vice-versa (VIEIRA, PEIXOTO, KHOURY, 1991, p. 30).

## 1 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ELABORAÇÃO DO OBJETO PESQUISADO, RELEVÂNCIA E LIMITAÇÕES.

No universo cultural escolar existem muitas práticas corporais<sup>4</sup>, entre elas a disciplina Educação Física. Para evitar confusão, a Educação Física<sup>5</sup>, nos dias atuais, pode ser compreendida como profissão, uma área de conhecimento, curso de formação e como disciplina no ensino formal.

Nem sempre, porém, foi assim. Antes de ser vista como profissão, área de conhecimento, curso e como disciplina no ensino formal, a Educação Física assume distintos temas relacionados com conceitos da área e as diferentes manifestações que dão sentido e significado ao seu nome. Daí a importância de esclarecer o que é *Educação Physica*, ginástica e Educação Física, termos que emprego no decorrer deste estudo.

Para Paiva (2004), a *Educação Physica* é empregada no sentido amplo. Spencer (1888) Rui Barbosa (1884) e o cearense Rodolfo Teófilo (1979) aplicam a

---

<sup>4</sup> Entendendo práticas corporais como “um conjunto de manifestação intra-escolares que indicam ou podem indicar as formas como foi concebida ao longo do tempo a escolarização e o seu papel na formação humana. Essas práticas podem bem estar assentadas na organização do tempo e do espaço escolares (...disposição das cadeiras, no mobiliário...), como na própria manifestação corporal dos agentes escolares (punição, gestualidade etc.) e chegando às manifestação corporais – autônomas ou tuteladas – dos alunos (brincadeira, formas de comportamento, atividades etc.). Portanto, as práticas corporais escolares incluem e superam aquelas práticas ou atividades afeitas apenas à Educação Física”(OLIVEIRA;VILLA In BRACHT;CRISÓRIO, 2003, p, 149).

<sup>5</sup> Esclareço a expressão Educação Física, com letras iniciais maiúsculas, como referência aos dias atuais de disciplina escolar, assim, distingo da *Educação Physica*, em itálico, do sentido amplo.

expressão para se referirem a um conjunto de atividades físicas como a ginástica, a calistenia<sup>6</sup>, os exercícios militares que compunham a educação integral do aluno. Já a ginástica foi empregada como “exercitação física na escola” em “sentido restrito” sendo, portanto, o “primeiro movimento, como Educação Física” e, mais tarde, “viria a se tornar uma disciplina escolar”<sup>7</sup>.

Este trabalho é consequência de um estudo que trata dos primeiros movimentos de institucionalização no intervalo de tempo 1860 - 1930, da Educação Física como disciplina escolar no ensino formal. Em outras palavras, o objeto central de investigação foi reconstituir a gênese e o desenvolvimento da Educação Física Escolar em Fortaleza, no período mencionado, considerando as concepções e práticas orientadas por teorias científicas e idéias sociais e políticas.

Falar no estudo histórico é lembrar do movimento de transposição de idéias que, evidentemente, não ocorreu de modo idêntico na sociedade brasileira, como um todo, tampouco se pode generalizá-las e, que essa história, como bem se sabe não se encontra isolada do que vai ocorrendo no mundo, nesse mesmo momento, em ritmos diferentes.

Este estudo nasceu da necessidade de conhecer a ocasião em que a Educação Física entrou no currículo das escolas na capital cearense. Minha tese é de que a consolidação da Educação Física nas escolas de Fortaleza é anterior ao período mencionado tantas vezes pela historiografia nacional.

Também foi determinante, para a iniciativa do estudo, a vivência na sala de aula lecionando História da Educação Física no curso de graduação da Universidade Regional do Cariri - URCA, deparando-me com a escassez de estudos que tratam a história dessa área no Estado do Ceará<sup>8</sup> e a predominância da tendência de generalização para outros espaços o processo que teria acontecido em estados da região Sudeste do País.

No meio das inquietações, a investigação brota como busca de resposta ao problema que surgiu com o diálogo bibliográfico e no cotidiano da atividade docente. A intenção desaguou no desejo de conhecer e compreender a Educação Física em sua

<sup>6</sup> Para SILVA, N. PITHAN, a calistenia corresponde a uma “série de exercícios ginásticos localizados com fins corretivos, fisiológicos e pedagógicos”[S.D].

<sup>7</sup> Ib. Idem.

<sup>8</sup> A esse respeito, reflito as palavras de VIEIRA, PEIXOTO, KHOURY (1991, p.26): “o historiador, quando está trabalhando determinado objeto, o que está trazendo à tona, conscientemente ou não, é a própria luta de classes do momento que está tratando e do seu próprio momento”.

emergência e assim procurar na documentação<sup>9</sup>, as informações que possam esclarecer a trajetória desta disciplina escolar.

A relevância deste estudo está na compreensão da história que impulsionou os interesses, as pessoas, as idéias e o poder em jogo na sociedade brasileira e, particularmente, cearense em torno da inserção da Educação Física Escolar como disciplina formativa no corpo dos escolares.

As limitações de um trabalho deste porte, entretanto, são muitas, e uma delas é a de que não se reconstrói o passado tal como aconteceu, mesmo porque isso é impossível, mas, ao mesmo tempo, é preciso tentar uma releitura.

## **2 PERCURSO DE DEFINIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO**

Os caminhos da história de vida e da pesquisa estão entrelaçados de tal maneira que chega a ser impossível a compreensão de um sem mencionar o outro. Assim, recorro à retrospectiva dos caminhos que me trouxeram até o doutorado.

A decisão de investigar a história da Educação Física nas escolas de Fortaleza, dentro do período já descrito, brotou principalmente da minha aproximação com a temática, a partir do ano de 2001, por ocasião das leituras exploratórias no mestrado<sup>10</sup>.

Naquele momento, um tanto prematuro, carecia de maiores reflexões teórico-metodológicas, entretanto foi estabelecido contato com uma considerável literatura, e, por seu intermédio, ocorreu meu encontro com a área de História da Educação e, especificamente, com a História da Educação Física, momento em que se deu a produção de trabalhos<sup>11</sup> que reforçaram o interesse pelo citado itinerário investigativo. O conjunto dos artigos inteira o interesse e a origem do referido projeto, pois, a partir de então, foram idealizados aprofundamentos nos estudos que

---

<sup>9</sup> Entendo o sentido de documentação como “expressão de toda a manifestação humana”(Op. Cit).

<sup>10</sup> Realizei o Curso de Mestrado, no período compreendido entre 2000-2002, na Universidade Federal do Ceará – UFC e apresentei a seguinte dissertação “O Sentido da Educação Física nos Discursos Oficiais e no Cotidiano de uma Escola Pública Cearense”.

<sup>11</sup> Entre eles, destaco: A eugeniação da raça brasileira pelo corpo feminino: a defesa da educação física para mulher (2001); A Educação Corporal no Aformoseamento da Cidade de Fortaleza no Final do Século XIX e Início do Século XX (2002); Vestígios da Educação Física em Fortaleza, 1863 a 1945 (2002); A Seca, o Sertanejo e a Ginástica Sueca na Batalha da Borracha, 1942-1945 (2002).

enfatassem a história educacional da Educação Física do Ceará, em face da reduzida literatura existente na área.

As primeiras aproximações compuseram o universo de interesse em relação à pesquisa historiográfica, em função de compreender a dimensão desta área para a história educacional cearense, e por que não dizer, brasileira. À medida, porém, que realizava aquela pesquisa, deparei com várias dificuldades, entre as quais, a escassez de estudos que historiassem essa área no Estado do Ceará.

Somadas à escassez, as informações que encontrava eram conflituosas, pois, achei, a exemplo, um trabalho segundo o qual a referida disciplina ficou restrita ao Rio de Janeiro até a década de 1930<sup>12</sup>. Esta afirmação se contrapõe ao que foi exibido em alguns trabalhos de autores cearenses. Embora sejam esporádicos, dispersos e postos aqui e ali na literatura cearense, há registros de fragmentos de uma Educação Física em Fortaleza a partir de estudos locais realizados.

Sobre essa temática, há vasta bibliografia nacional<sup>13</sup> e internacional<sup>14</sup>, no entanto, olhar a História da Educação Física por apenas um ângulo é perder de vista os estudos das diferentes realidades sociais que compõem o conjunto do País, tornando absoluta a bibliografia nacional (eixo sul) como a única detentora de uma verdade científica.

Este problema tornou-se um obstáculo até mesmo na docência do ensino superior da citada área, pelo fato de não se encontrar fontes históricas que visam a contar sua constituição no Ceará. Sem material disponível, a História da Educação Física no Ceará, é contada a reboque de uma literatura nacional, acarretando na formação de novos profissionais o desprezo ou esquecimento das especificidades regionais e sua história local. Ignorar essa reconstituição regional é fazê-la ahistórica no âmbito educacional, social e político, como também negar o valor do seu capital cultural.

Na oportunidade, constatei ainda o descaso do estudo histórico pelos profissionais da área, pois, observando as ementas disciplinares de alguns programas de determinadas instituições superiores<sup>15</sup> de Fortaleza, o ensino da História da Educação

---

<sup>12</sup> BETTI, 1991.

<sup>13</sup> Consultar SOARES (1994); SANT'ANNA (2001).

<sup>14</sup> Ver CRESPO, 1990.

<sup>15</sup> Destaco as seguintes instituições: Universidade Federal do Ceará - UFC, Universidade de Fortaleza - UNIFOR, Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA e a Faculdade Integrada do Ceará - FIC.

Física nos cursos de graduação “esquece” da investigação histórica como espaço do diálogo e da reflexão com outros autores (bibliografia) e com a experiência do próprio aluno.

Parto do ano de 1865, ano em que foi encontrado vestígio da ginástica no Ateneu Cearense, daí surge a necessidade de buscar as matrizes geradoras da inserção da ginástica nas escolas e compreender aquela que posteriormente passou a ser chamada de Educação Física e nesta trajetória, abarcar a representatividade, lugar social, até chegar a sua consolidação nessa sociedade. Logo, o estudo histórico pareceu privilegiado por possibilitar uma compreensão bastante acurada de como se desenvolviam as práticas, trabalhos, tensões e mudanças no interior das mais diversas unidades escolares.

Continuando nessa direção, penso ser importante a construção, tomando como referencial a problemática, de cada um desses contextos que dão sentido a inserção e desenvolvimento da ginástica nas escolas até a consolidação da Educação Física.

### **3 O ESTADO DA QUESTÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: TEMAS E ENFOQUES DE DISCUSSÃO**

Para constituir o estado da Arte<sup>16</sup>, adoto algumas referências de autores que abordaram a Educação Física em seu aspecto histórico e historiográfico. Nessa perspectiva, indago: como foi constituída a Educação Física como campo de saber na Capital cearense no intervalo de tempo 1860 - 1930?

Para dialogar sobre o referido assunto, posso convidar muito estudiosos que tiveram, a partir da década de 1980, a pesquisa histórica da área no centro das suas reflexões, no entanto, cito apenas alguns, entre os quais Castellani Filho (1998); Betti (1991); Guiraldelli Júnior (1988).

Com base neles, passou-se a enxergar a Educação Física por diversos ângulos sendo o histórico apenas um deles no clima das discussões e debates com a

---

<sup>16</sup> Sobre o estado da Arte, consultar & THERRIEN (2004, p.7).

identidade, as concepções e tendências pedagógicas, a prática técnica, pedagógica e política do professor, o processo de ensino – aprendizagem, o papel social da Educação Física, enfim, o passado e o futuro da área.

Castellani Filho (1998) revela uma história até então desconhecida no meio acadêmico, ainda que o autor não a considere um trabalho histórico. O autor desvela a Educação Física nas tendências de biologização, psico-pedagógica e histórico-crítica com a influência das instituições militares e médicos no contexto das necessidades estruturais e conjeturais.

Já Guiraldelli Júnior (1988) discute o papel do professor e da área em cada período histórico com sua respectiva proposta pedagógica. Para o autor, tal área teve as seguintes tendências: higienista (1889-1930), militarista (1930-1945), pedagogicista (1945-1964), competitivista (pós-64), popular (a participação do Movimento Operário na redemocratização do país) e por último, apresenta a pedagogia crítico - social dos conteúdos como alternativa ao ensino da área.

A despeito do trabalho de Betti (1991) não focar o estudo histórico, o autor aponta que, apesar de a Educação Física escolar brasileira existir desde a Reforma Couto Ferraz na legislação nacional, desde o ano de 1851 até 1930, sua prática ficou limitada apenas ao Rio de Janeiro.

Atento para o fato do quanto da Educação Física brasileira e, particularmente, cearense, é desconhecida. Dados colhidos, até o presente momento, revelam a presença desta disciplina nas escolas, a exemplo do Ateneu Cearense (1863)<sup>17</sup>, Lyceu do Ceará (1844), Escola Normal do Ceará (1884), Escola Militar do Ceará (1889), Escola de Aprendizes Marinheiros<sup>18</sup> (1865), Colégio Castelo Branco<sup>19</sup> (1900), Instituto de Humanidades<sup>20</sup> (1892) Colégio Cearense do Sagrado Coração<sup>21</sup>

---

<sup>17</sup> Ver GIRÃO (1959); REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ (1955, Tomo 69, p.52); ALMANACH DO CEARÁ (1895, p.499) E TEÓFILO (1931).

<sup>18</sup> BRIGÍDO (2001); PRIMITIVO (1938); ÁLBUM DE FORTALEZA (1931); ALMANACH DO CEARÁ (1922); ALMEIDA (2000); SOUZA (1950); A REPÚBLICA (1898).

<sup>19</sup> FONTENELE (2002); ÁLBUM DE FORTALEZA (1931).

<sup>20</sup> BEZERRA, 1982.

<sup>21</sup> REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ (TOMO 69,1955); ÁLBUM DE FORTALEZA (1931).



(1913) e Escola de Aprendizes Artífices<sup>22</sup> (1910), como também a prática da natação, futebol<sup>23</sup> e a ginástica acrobática.

Saliento a iniciativa de alguns trabalhos de autores cearenses, a exemplo de Madeira (1999), Silva (2000), Pontes (2005) e Rocha (2002a e 2002b), que registraram fragmentos da Educação Física em Fortaleza, em estudos locais que revelaram a quantidade de materiais dispersos e esquecidos.

No trabalho de Soares (1994), a ginástica é destacada nos discursos dos fisiologistas na substituição das acrobacias, que eram praticadas nas ruas e, principalmente, nos circos. Tal prática, fundamentada apenas no espetáculo do corpo e sem fundamento científico, passou a ser vista com restrição por alguns educadores.

Deste modo, a autora rastreia as justificativas da autoridade dos estudiosos por uma Educação Física científica como medida corretiva e preventiva na sociedade da época. A utilização dessa literatura se justifica por tratar-se de uma importante fonte de informação, pois, além de revelar os detalhes da época, ajuda a contemplar o corpo, institucionalizado ou não.

Enfatizo o fato de que há importantes considerações a fazer sobre o estudo historiográfico da Educação Física. Estudos recentes, entre eles o trabalho de Paiva (2004) faz uma série de considerações a esse respeito, entre eles, o senso comum das tendências em história da Educação Física, que ainda tomam como principal referência os textos de Castellani Filho (1988) e Ghiraldelli Junior (1988). Segundo a autora, “já é possível reconhecer o lugar comum que se produziu com a tipologia ‘das tendências’”<sup>24</sup>.

Destaco que, sobre a história da Educação Física, há vasta bibliografia nacional<sup>25</sup> e internacional<sup>26</sup>, no entanto, repito contemplar por um ângulo é perder de vista os estudos das diferentes realidades sociais do País. Assim,

---

<sup>22</sup> CF. MADEIRA, 1999. REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ (TOMO 69,1955); ÁLBUM DE FORTALEZA (1931), ALMANACH DO CEARÁ (1922); BEZERRA (1982).

<sup>23</sup> Ler também, O POVO, Jornal. Contra o *Foot-ball* nas Praias de Banho, 10/out/1932. O POVO, Jornal. A Reclamação, agora, é contra as Corridas de Cavalo, 11/out/1932. O CEARENSE, Jornal. Recreio Gymnástico. 29/nov/1871. O POVO, Jornal. Os Novos Direitos da Mulher, 21/nov/1932, O POVO, Jornal. O Dia da Criança nos Grupos Escolares, 13/out/32.

<sup>24</sup> PAIVA, 2004, p.53.

<sup>25</sup> Consultar SOARES (1994); SANT'ANNA (2001); Anais do VIII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança - As Ciências Sociais e a História de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, UEPG, Ponta Grossa, 14 a 17 de novembro de 2002.

<sup>26</sup> Ver CRESPO (1990).

(...) quando diz que as verdades não são absolutas e eternas, o sentido é de que o conhecimento é cumulativo porque, na medida em que se aperfeiçoa o modo de conhecer a realidade, de apreensão do objeto, mais elementos dessa realidade poderão ser trazidos à tona. Dentro dessa postura, a historiografia representaria esse acúmulo de conhecimento que está sendo buscado (VIEIRA, PEIXOTO, KHOURY, 1991, p.41).

O Ceará, embora ligado ao contexto maior, possui particularidades que podem e devem ser estudadas, analisadas, comparadas e produzir novos conhecimentos, pesquisas e debates. Diante disso, carece de estudos históricos de como se constituiu a Educação Física na Capital.

#### **4 DIÁLOGOS COM BOURDIEU**

O diálogo com a teoria, notadamente com Bourdieu proporcionou apreender as condições que possibilitaram explicitar elementos de como a educação física escolar emergiu, consolidou-se, conseguiu representação e respaldo social e, conseqüentemente, autonomia como campo de saber nas escolas de Fortaleza. Foi possível perceber que

(...) o campo da Educação Física vai se caracterizando como aquele que se apresenta como espaço social de disputas sobre as formas autorizadas de pensar e orientar “educações físicas”, campo que se vale das práticas e representações acadêmicas para conferir importância e legitimidade a essas preocupações, na qual o sentido que vai se impondo como mais representativo entre todos aqueles de ordem educacional e pedagógica circulantes é aquele que indica para o processo de escolarização de diferentes práticas corporais (sentido amplo). É porque se torna uma disciplina escolar que a educação física pode aspirar a ser uma disciplina acadêmica. É pela sua escolarização que crescem os clamores sociais em torno da necessidade de formação específica, em trono da qualificação dessa atuação, o que não dispensou a discussão (científica) das formas autorizadas de educar “o corpo”. (PAIVA, 1994, p.65).

Apesar de Bourdieu<sup>27</sup> tratar da experiência francesa<sup>28</sup>, considero apropriado buscar na categoria do campo<sup>29</sup> algumas reflexões sobre a gênese da ginástica nas escolas de Fortaleza, desde seus primeiros movimentos, final do século XIX, até o momento em que passou a ser chamada de Educação Física em meados do século XX.

O presente tem resquícios no passado e, como tal, o objeto de estudo não é construído e não é imanente. Refiro-me a trabalhos anteriores, situados no espaço e no tempo<sup>30</sup>. É histórico, mas também “trans-histórico”<sup>31</sup>. Cito o exemplo do livro<sup>32</sup>, que é produção social<sup>33</sup> como mercadoria e trabalho intelectual.

“Criar” o texto não faz o trabalho do autor como único nem último, há de se considerar a movimentação dos agentes (a contribuição do revisor, produtor, autor, críticos, editor, desenhista, copista etc.), o contexto da obra, as escolhas culturais, as práticas culturais, prazer de leitura, os usos, mas, principalmente, o poder que consagra e legitima o consagrado.

Este círculo vicioso e virtuoso é legitimado pelos pares<sup>34</sup> na dinâmica da relação de capital simbólico e econômico que encontra adesão de adeptos para conservar, ou não, suas crenças e interesses em comum.

Trata-se simbologia da dominação<sup>35</sup> que, dependendo da configuração do campo, interfere na leitura, formação do gosto<sup>36</sup> e do *habitus*. O caminho apontado por Bourdieu, questiona: quem consagra o autor? O que há por trás do escritor de sucesso? Quem consagra o consagrado? Qual o lugar da pesquisa, produção de livros nos estados brasileiros? O sociólogo alerta, porém, para o fato de que,

Em matéria de magia, não se trata de saber quais são as propriedades específicas do mágico, ou as dos instrumentos, das operações e das representações mágicas, mas de determinar os fundamentos da crença

---

<sup>27</sup> A despeito de uma crítica ao trabalho de Bourdieu na educação, procurar NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002.

<sup>28</sup> Entre as críticas estão aquelas que discutem o trabalho do sociólogo voltado para os eruditos-posição “colocada”, consagrada.

<sup>29</sup> A teoria de campo bourdieusano parte do princípio que existem homologias estruturais e funcionais entre todos os campos.

<sup>30</sup> Consultar BOURDIEU (1996, p. 181).

<sup>31</sup> Ob.Cit ( p.15).

<sup>32</sup> Ver BOURDIEU (1996, p.243).

<sup>33</sup> Ob. Cit.( p.193).

<sup>34</sup> Sobre os princípios da hierarquização externa, consultar BOURDIEU (1996, p. 246).

<sup>35</sup> Ob. Cit ( p.181).

<sup>36</sup> BOURDIEU (1996, p.184).

coletiva ou, melhor, do desconhecimento coletivo, coletivamente *produzido* e mantido, que está no princípio do poder de que o mágico apropria-se (...) (BOURDIEU, 1996, p.195).

Desta forma, compreender a gênese social do campo da ginástica, da crença que sustenta as práticas culturais que se joga, dos interesses e das apostas materiais ou simbólicos que se engendram no campo de poder e luta é questionar os "fundamentos da crença coletiva" que afirma a restrição da Educação Física escolar, até a década de 1930, apenas ao Rio de Janeiro<sup>37</sup>.

Os trabalhos que fazem referência à restrição da ginástica à Corte são marcadores porque apontam a dominação relativamente à produção bibliográfica de alguns estados brasileiros perante outros e, diante dessa realidade, tem o poder de consagrar e ser considerada detentora de verdade científica única.

Romper com o mito<sup>38</sup>, configurar e reconfigurar os agentes e o *habitus*, desvelar as crenças, é mostrar que o campo é relacional (móvel no tempo e espaço), processual e parte de experiência histórica singular. Desta maneira, não há verdade única, pois co-existem verdades na relação de dominado e dominante estruturado e os agentes partilham interesses comuns, referenciam posições e defendem interesses de grupos.

Nesta rede de tecidos conectados, denominado de campo, ocorre a relação entre os agentes e a sociedade no embate de forças e representação que disputam a hegemonia. Na teoria de ação de Bourdieu, o espaço social não é um ato livre, ele percorre posição, disposição e predisposições mentais (*habitus*) introjetadas (porque são invisíveis) que se estruturam (apesar de não serem móveis muito menos fixas) e mobilizam o estruturado-estruturante na hierarquia do campo.

Na textura da posição<sup>39</sup> da diferença-fronteira com a posição já estabelecida, dialogo com a historiográfica da área, estabeleço paralelo com as particularidades regionais e tento contribuir com a história nacional para não perder o panorama de estudos das diferentes realidades sociais que compõem o cenário do País.

Só assim, mediado pela pesquisa, a área de estudo da História da Educação Física crescerá para a abertura de outros esquemas de interpretação e a história da

---

<sup>37</sup> BETTI (1991), DARIDO & RANGEL (2005).

<sup>38</sup> Sobre a posição do mito criador, ver BOURDIEU (1996).

<sup>39</sup> A posição não é mecânica, mas é limitada, porque parte de um ponto de vista.

Educação Física de Fortaleza, sobretudo aquela de tempo mais longínquo, se mostrará para além dos cantos das estantes, dos arquivos, dos estabelecimentos escolares, dos jornais da época e de tantos outros espaços de memória.

Recompor isto é recuperar a história dessa área na região, como também, acredito em refazer uma leitura da historiografia nacional com base na historiografia local. Comungo da idéia de que na Capital, essas divisões não se concretizaram até porque, na busca da modernização da Cidade, higienistas, sanitaristas, nacionalistas, liberais, republicanos, militares e católicos uniram-se em torno de campanhas e discursos pela educação, inclusive, do físico do fortalezense, ou seja, pela defesa de um homem forte, limpo e saudável: contraposição, portanto, aos acirrados embates políticos travados nos jornais da época.

Pretendo recompor a história da Educação Física Escolar na Capital cearense - janela de observação da história social, no sentido de ser essa “que se ocupa da explicação global dos fatos humanos acima de qualquer compartimentação; não é um estudo paralelo do social, do cultural, do econômico, do político, mas sim um estudo que leve em conta todas essas dimensões”<sup>40</sup>, e assim preencher lacunas, procurando ampliar a discussão em torno de pontos que a historiografia nacional não aprecia.

Neste trabalho, discuto a emergência da Educação Física nas escolas da Capital cearense. Para tanto, trabalho com a discussão sobre a gênese do Campo de Bourdieu (1930-2002).

Bourdieu trabalhou com vários objetos de estudo<sup>41</sup>, entre eles, a arte, o esporte, a literatura etc; daí o Sociólogo defender a interação dos diversos campos, sem perder a especificidade e autonomia de cada um<sup>42</sup>.

O modelo bourdieusano não é fórmula e muito menos um modelo de interpretação estanque. Trata-se de um referencial que ajuda a analisar a posição da ginástica no campo de poder; compreender a lógica interna e, analisar a trajetória dos

---

<sup>40</sup> VIEIRA, PEIXOTO, KHOURY, 1991, p.75.

<sup>41</sup> Maiores informações em BOURDIEU (1996, p.186).

<sup>42</sup> Consultar ORTIZ (1994, p.13).

agentes em suas posições, disposições e predisposições, enfim, a noção de Campo extrapola as instâncias institucionais. É relacional e processual.

Para a apropriação da Teoria do Campo, utilizei as obras *O Poder Simbólico* (1998), *Coisas Ditas* (1990), *Razões Práticas* (1997), *As Regras da Arte* (1996), *A Economia das Trocas Simbólicas* (2002). São referências para dialogar, desde a configuração do objeto até a desconstrução das naturalizações, e compreender a história que define o objeto, a crença que o sustenta e a alternância da essência do poder no movimento de emergência da Educação Física nas escolas da Capital, no período de 1860 a 1930.

Nesse percurso, procuro identificar os espaços sociais ocupados, as estratégias<sup>43</sup> desenvolvidas pelos agentes, para que o conhecimento relacionado à ginástica passasse a ser chamado de Educação Física e conseguisse representação, respaldo social e, conseqüentemente, autonomia como campo de saber na escola.

## 5 A TRILHA METODOLÓGICA

A investigação científica é constituída de reflexões, escolhas e decisões o que “não significa arbitrariedade, nem simples coleta, mas sim construção científica do documento cuja análise deve possibilitar a reconstituição ou a explicação do passado”<sup>44</sup>.

Desde as evidências, construí a periodização, tomando como referência a data mais recuada e encontrada da prática de ginástica na instituição escolar de Fortaleza. Desta forma, inicio com a ginástica no Ateneu Cearense, em 1865<sup>45</sup>, registro encontrado na obra de Rodolfo Teófilo (1931).

Ademais, o recuo à época decorre, em primeiro lugar, da busca das matrizes filosóficas do projeto pedagógico da Educação Física. O fenômeno, todavia, não atua isoladamente, pois há sempre acordos, convergência/ conveniências de interesses com outras instituições. Deste modo, são idéias que ultrapassam a barreira de um tempo

---

<sup>43</sup> Ver PILATTI (2006).

<sup>44</sup> LE GOFF 1995, p. 32.

<sup>45</sup> TEÓFILO (1931 e 1979).

fragmentado e que tornam o recorte pouco frutífero para compreensão dos acontecimentos.

Expandi a periodização, não de maneira desnecessária, mas tentando alcançar a extensão dos laços do objeto investigado, além de chegar a uma Educação Física já consolidada na escola cearense, apesar do que assinala a historiografia nacional.

Sobre o corte histórico na delimitação da pesquisa, não pode simplesmente expressar a precisão matemática. Na dificuldade de seguir uma evolução linear do tempo, optei por uma seqüência simultânea da história, quando possível, em razão da coexistência de idéias diferentes, tempo e espaço muitas vezes unidos pelo processo investigativo.

Dentre as possibilidades de abrangência espacial, entendo que só conhecendo a história da Educação Física em Fortaleza, a qual não está restrita à institucionalização, é que possibilita a compreensão da inserção desta disciplina na escola. Sobre a escolha pelo estudo regional equivale àquilo que Viavaschi se refere:

(...) acreditamos que nossos estudos realizados ao nível da história regional possam apresentar episódios e ações, nomeadamente ocultados pelas generalizações das análises macro, não se tratando de privilegiar o particular em relação ao total, mas recuperar o que, à primeira vista, apresenta-se como imperceptível na totalidade de um fenômeno mais universal. Sempre contando que esta apreciação de uma perspectiva particular não poderá estar isolada de uma conjuntura mais ampla, onde as relações são formadas dialeticamente (...) (2003, p. 142).

Essa investigação está fundamentada na pesquisa documental, entendendo-a como a “expressão de toda a manifestação humana”<sup>46</sup>, seja pela música, literatura, pintura, arquitetura, fotografia e documentos escritos; lembrando que, “qualquer que seja a escolha do historiador por uma determinada linguagem, ela deve ser pensada e apresentada não como *o real*, mas como uma *representação do real*”<sup>47</sup>.

Para “apreender e incorporar essa experiência vivida”<sup>48</sup>, dialoguei com a literatura nacional e regional, que tem o privilégio mais agudo de observar os

---

<sup>46</sup> VIEIRA, PEIXOTO, KHOURY, 1991, p.75.

<sup>47</sup> Ib. Idem.

<sup>48</sup> Ob. Cit, p.18.

pensamentos, hábitos, costumes, crenças, moda, enfim, ricos registros do Brasil da época; daí dialogar com a história.

Além do mais, é na literatura que se encontra a riqueza do dia-a-dia de uma época, muitas vezes, desmistificando uma lei, um decreto ou um parecer oficial que não sai do “papel”, tendo pouca ou quase nenhuma aplicabilidade no cotidiano de uma cidade; no entanto, cabe o seguinte alerta: “é preciso estar atento às metáforas, imagens etc., pois os recursos da linguagem são recursos históricos”<sup>49</sup>.

Ressalto a existência de obras que não se encaixam nesta seleção, mas não podem ser desconsideradas, como, por exemplo, o estudo sociológico de Freyre (2000). Trabalho também com os jornais locais e da época, como, por exemplo, *A República* (1898, 1925), *O Cearense* (1871), *O Povo* (1932,2006) e o *Unitário* (1935), pois a leitura desse material fornece rastros da vida cotidiana, costumes, práticas sociais e discursos portadores das constantes batalhas partidárias que projetaram, protestaram e idealizaram projetos educacionais e corporais.

Para Cavalcante<sup>50</sup>, “o jornal possibilitava uma espécie de retorno ao passado, que poderia ser caracterizado pela nítida sensação de estar a vivê-lo”, todavia, o trato com esse material necessita de alguns cuidados<sup>51</sup>, entre os quais as “distorções” na investigação.

Além disso, é importante pensar essa linguagem, sem esquecer as demais, insertas no âmbito social e como experiência de grupos sociais, portanto, mensageira de um projeto político. Lembro ainda que não se trata de “estabelecer o estatuto de verdade desses discursos buscávamos desvendar o lugar social de onde cada jornal falava”<sup>52</sup>.

Os livros de memória também foram fontes importantes, pois acolhi escritores que narraram Fortaleza nos seus escritos, como, por exemplo, Mozart Soriano Aderaldo (1988), Antonio Bezerra de Meneses (1982), Raimundo de Menezes (2000), Eduardo Campos (1985,1996), Raimundo Girão (1956, 1979, 1984), Gustavo Barroso (2000), Barão de Studart (Revista do Instituto do Ceará, 1938 e Amaral, 2002) Hugo Vitor (1945), Edigar de Alencar (1980) e João Brígido (2001).

Os periódicos consultados foram: *Revistas do Instituto do Ceará (1897-1898, 1899, 1912, 1927, 1938, 1945, 1950, 1955, 1959,1965)*, *Revista da*

<sup>49</sup> Ib. Idem, p. 22.

<sup>50</sup> CAVALCANTE. [S.D.], p.1.

<sup>51</sup>. Ob. Cit.[S\D].

<sup>52</sup> VIEIRA, PEIXOTO, KHOURY, 1991, p 54.



*Academia de Letras (1909-1910), Álbum de Fortaleza (1931), Ceará Ilustrado (1925), e o Almanach do Ceará (1922), Ba-ta-clan (1926).*

Também examinei impressos criados por alunos e professores e que, em muitos casos, circulavam fora do âmbito escolar. Destaco a obra da Professora Anna Facó, “Minha Palmatória” – que pode ser considerada um manual dirigido às professoras, além da Revista do Colégio Castelo Branco, *Terra da Luz (1936-1940)*; a Revista do Grêmio Literato do Colégio Cearense do Sagrado Coração, *Verdes Mares (1923-1939)* e a Revista Escolar do Instituto de Humanidades (1911).

Recorri, ainda, ao registro fotográfico (IMOPEC, 2002) pelos seguintes motivos: primeiro, para compor uma memória iconográfica e, segundo, por acreditar que se trata de uma riqueza imensurável de representações simbólicas; e, terceiro, para compor o cenário da época.

Para Vasquez, as fotografias são: “espaços que se revestem de um sentido simbólico imenso para os indivíduos e grupos”<sup>53</sup>, no entanto, vale o seguinte alerta:

A imagem por si não recupera a realidade. O que ela faz é trazer para sua mente associações de imagens. Em realidade o enquadramento da foto e do filme corresponde ao recorte oferecido pelo documento. Daí ser importante analisar, examinar os planos das fotos (ou dos filmes) e entender o porquê de tal enquadramento e não do outro. Da mesma forma, ter em mente que há sempre um campo conceitual mediando a relação espectador – fotógrafo, por exemplo, (VIEIRA, PEIXOTO, KHOURY, 1991, p.23).

Entre os documentos oficiais consultados estão: *Collecção das Leis do Império do Brasil*. (Tomo XVIII); *Estudos Sobre o Ceará* (Campanha de Inquéritos e Levantamento do Ensino Médio e Elementar, 1955); Relatório apresentado ao Exmo.sr. Presidente do Estado do Ceará pelo Dr. Pedro Augusto Borges pelo Secretário dos Negócios do Interior Miguel Ferreira de Mello (1903); Relatório apresentado ao Exmo.sr.dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly pelo Secretário de Estado dos Negócios do Interior José Pompeu Pinto Accioly (1907); Relatório apresentado ao Exmo.sr.dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly Presidente do Estado do Ceará pela Secretaria de Estado dos Negócios do Interior José Pompeu Pinto Accioly (1908), Juízo da 3ª Vara Criminal de Fortaleza. *O Habeas Corpus das Banhistas: A Prostituta Estudada à Luz do Direito* por Virgílio Augusto de Moraes Filho. Do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros (1925); Documento da Diretoria Geral da Instituição do Ceará –

---

<sup>53</sup> VASQUEZ, 2002, p. 32.

Lygia de França Amora – 2ª oficial para o Senhor Diretor da Escola Normal Pedro II IN Estado do Ceará, Diretoria Geral de Instrução Pública, Fortaleza, N. 595(1933); Documento do Exmo. Senhor Secretário do Interior e de Justiça (1933); Decreto N. 3.347, de 26 de Novembro de 1864; Decreto n. 11. 479, de 10 de fevereiro de 1915. As ementas do curso de Educação Física da Universidade de Fortaleza-UNIFOR (1990), Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA (Sobral, 2002); Faculdade Integrada do Ceará – FIC (2002); Faculdade de Educação-FACED/UFC (1994).

Por fim, consulte a internet como importante comunicação em rede, que não se limita apenas às fontes secundárias, mas também disponibiliza fontes primárias em *sites* institucionais, governamentais ou não, tais como: Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 24 de fevereiro de 1891 – D.O.U. de 24 de fevereiro de 1991([www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/22/1891.htm](http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/22/1891.htm)); Biblioteca Nacional (<http://www.bn.com.br>), Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel *Center for Research libraries* ([www.crl.edu/content/almanak2.htm](http://www.crl.edu/content/almanak2.htm)), entre outros.

A intenção dessa escolha está na possibilidade de explorar as potencialidades das informações nelas contidas ou subentendidas, bem como compensar as dificuldades encontradas, seja pela má conservação ou até mesmo pela ausência de documentos que impediam a elaboração, análise e produção do conhecimento histórico.

## **II. FORTALEZA E O CONTEXTO SOCIAL**

---

### **1. A “MODERNIZAÇÃO”, O ASSEIO FÍSICO E MORAL.**

---

(...) existir socialmente é ocupar uma posição determinada na estrutura social e trazer-lhe as marcas, sob a forma, especialmente, de automatismos

verbais ou de mecanismos mentais, é também depender, ter e ser tido, em suma, *pertencer* a grupos e estar encerrado em redes de relações que têm a objetividade, a opacidade e a permanência da coisa e que se lembram sob a forma de obrigações, de dívidas, de deveres, em suma, de controles e de sujeições (...) (BOURDIEU, 1996, p.42).

Para Bourdieu o mundo social está dividido em campos que constituem espaços onde as lutas são travadas. Nesses espaços, existem agentes que estabelecem, disputam, legitimam e classificam as significações (representações) do que é adequado ou não a um código de valores, bem como os rituais de consagração e o delineamento em cada estrutura. Este é o ponto de partida para reconstituir a experiência dos cidadãos, no período em que a ginástica foi produzida.

Reconstruir o espaço social de Fortaleza, no mencionado período, seguindo a bibliografia e os documentos encontrados, é localizar as posições dos agentes<sup>54</sup> nos diferentes espaços da Cidade. Por esta trilha, é possível compreender o espaço social onde a ginástica foi colocada e circulou nas escolas na Capital cearense.

Nos meados do século XIX, Fortaleza intensificava as relações comerciais com outros estados brasileiros e, sobretudo, com o Exterior; momento coincidente com a revolução industrial e que modifica profundamente os pertencimentos locais, provocando o êxodo rural e acentuando a urbanização da Capital.

Por aqueles dias, aportava em Fortaleza, no ano de 1866, o viajante Agassiz<sup>55</sup> (1807-1873), em sua bagagem estava a teoria racial. Ele próprio relata:

Amo a physionomia do Ceará. Amo suas ruas largas asseiadadas, bem calçadas, resplandescentes de toda sorte de cores, porque as casas que as bordam são pintadas de tons os mais variados. Nos domingos e dias santificados, todas as janellas são guarnecidos de moças, que trajam alegres toilletes e grupos de rapazes enchem os passeios, conversam e fumam. O Ceará não tem este ar triste, sombrio, que apresentam muitas cidades brasileiras; sente-se alli movimento, via e prosperidade. Além da cidade, continuar o traçado das ruas atravez dos campos que fecham ao longe bellas montanhas. Em frente corre a larga praia de areias brancas, e o murmúrio do mar batendo nos arrecifes chega a ouvir-se até no centro da cidade. Parece que, assim collocado entre as montanhas e o mar, o Ceará deve ser uma cidade salubre, e é essa a reputação de que gosa (REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ, 1891, p. 82).

---

<sup>54</sup>Sobre a construção do espaço social, ver BOURDIEU (1997, p.19).

<sup>55</sup> Jean Louis Rodolphe Agassiz chegou ao Brasil no ano de 1865, depois de um ano, o cientista veio ao Ceará. Ver KURY (2001).

Nas impressões de Agassiz, o reflexo do ordenamento urbano, ou seja, com as ruas limpas, ventiladas, asseadas e salubres de Fortaleza, mas, também, com a preocupação inicial do pensamento que orientava o crescimento físico da Cidade (ruas, praças, prédios etc.) e até mesmo o comportamento do fortalezense. Aliás, uma tendência vivida por outros países, como, por exemplo, a França.

Como lugar de conflito, tensões e convívios, Fortaleza registrava as transformações de sua inserção na “modernização”<sup>56</sup> e na vida dos cidadãos. O desejo de “modernização” não era exclusividade da Capital cearense. Outros estados brasileiros, como, por exemplo, o Rio de Janeiro, e não apenas, compartilhava desse sonho no momento que o País vivia um período turbulento com as conseqüências da Guerra do Paraguai (1864-1870)<sup>57</sup>, o endividamento econômico, o movimento de libertação dos escravos, as rebeliões nordestinas<sup>58</sup>, a insatisfação com a monarquia e as manifestações a favor da República<sup>59</sup>.

O destaque econômico era o algodão, mola que impulsionava o crescimento de Fortaleza como “produtora e difusora de uma vida urbana civilizada”<sup>60</sup> e introduzindo-a no eixo do capitalismo mundial e reforçava o desejo de “modernização” da Cidade.

O algodão, na primeira década do século XIX, marcou o ingresso do Ceará no mercado internacional causando grande euforia no Estado e, especialmente, na Capital, o que possibilitou crescimento econômico e consolidação como núcleo político e econômico no Estado.

---

<sup>56</sup> Consultar BERMAN sobre o significado de ser moderno (1986, p.15).

<sup>57</sup> Segundo TAVARES “Com o regresso aos lares e a desmobilização geral dos grandes contingentes recrutados, pela primeira vez, em todos os quadrantes do País, os antigos combatentes traziam no espírito a idéia de um Brasil diferente, na defesa dos quais os homens se distinguem apenas pelo valor próprio e o grau de dedicação à Pátria” (1985, p.32-33).

<sup>58</sup> A Revolta de Canudos (1893 - 1897), O Ronco da abelha (1851-1852), A guerra das mulheres (1875-1876). Maiores informações em MONTEIRO, 1987.

<sup>59</sup> Ver CASALECCHI, 1992.

<sup>60</sup> BARBOSA, 1997, p. 41.

Perante as estruturas civilizatórias, a jovem Capital crescia<sup>61</sup> e se ornava com as ruas, *boulevares*, praças<sup>62</sup>, Mercado Público<sup>63</sup>, Banco do Ceará<sup>64</sup> e o Passeio Público, que era motivo de orgulho diante dos galanteios das ilustres personalidades estrangeiras, como, por exemplo, Mr e Mme Agassiz (*Uma descrição de Fortaleza*, no livro de *Voyage au Brésil*<sup>65</sup>). Saliento que o fluxo de estrangeiros por essas terras era grande em razão da abertura de Fortaleza à economia inglesa, francesa, portuguesa etc.

Na Presidência do Ceará, o Sr. Antonio Pinto Nogueira Accioly (1896-1912) e o Intendente de Fortaleza, Guilherme Rocha<sup>66</sup>, eram os representantes políticos locais em evidência.

No espaço econômico, "os detentores de um grande volume de capital global" desenhavam Fortaleza. Em uma ponta estavam políticos, militares, comerciantes e profissionais liberais, como por exemplo, os médicos, bacharéis e educadores. Em posição oposta, estavam aqueles que ficavam à margem dos mais providos de capital econômico e de capital cultural.

Lembro que no campo predominam relações de poder<sup>67</sup>, de sorte que, diferentes classes<sup>68</sup> e grupos sociais cabem em um mesmo espaço social<sup>69</sup> em que se luta pela legitimidade da especificidade do campo.

Na pele de algumas personagens, a literatura cearense expressa as representações do homem da cidade "polido" (*O Quinze*, Rachel de Queiroz, 1993) e o homem simples do sertão "rude", "ignorante" e "forte", (*O Sertanejo*, José Martiniano

---

<sup>61</sup> JUCÁ comenta o crescimento da Cidade "que de uma população de 12. 195 habitantes em 1813, a cidade passou a contar com 16.557, em 1837 e chegou ao final do século com a marca de 50 mil". (In Ceará, 1994, p.30). *O Álbum de Fortaleza* faz a seguinte contagem: "Em 1887 é a seguinte a estatística da cidade. Habitante 26.543, sendo 11.594 e 15349 mulheres, inclusive 319 estrangeiros; 18.555 solteiros; 6480 casados e 1908 viúvas; 9845 com profissão e 17.098 sem profissão; 9656 sabendo ler e escrever e 17285 analfabetos. Edificação: sobrados, 72; casas térreas 4447; choupanas 1278; Edifícios públicos 36, compreheendo 10 igrejas, sendo 06 na freguesia de São José e 04 na do Patrocínio" (1931, p.81).

<sup>62</sup> A exemplo da Praça José de Alencar (A REPÚBLICA, 23 de novembro de 1898).

<sup>63</sup> Consultar também o jornal, A REPÚBLICA, na descrição da cidade de Fortaleza (23 de novembro de 1898, n. 268).

<sup>64</sup> *Ib. Idem.*

<sup>65</sup> REVISTA DO INSTITUTO, Ano XI, Tomo XI, p.116, 2 Trimestre de 1897-1898.

<sup>66</sup> Segundo BARBOSA, "as reformas e o embelezamento de Fortaleza tiveram continuidade mesmo no Governo de Franco Rabelo (1912-1914) e que teve como Intendente, Ildefonso Albano" (1997, p. 24). Ver também BARBOSA, 2003.

<sup>67</sup> BOURDIEU (1997, p.100).

<sup>68</sup> Consultar BOURDIEU (1996, p.50).

<sup>69</sup> *Ob.Cit.* , p.28-29).

de Alencar, 1875) além de ser "bravo" e "corajoso" (*O boiadeiro*, Juvenal Galeno, 1969).

Na configuração das estruturas de poder, o povo estava na última posição<sup>70</sup> da hierarquia. E, pelo "espaço *estruturado e hierarquizado*, as *trajetórias* sociais ascendentes e descendentes distinguem-se claramente"<sup>71</sup> marcadas pelas representações sociais das vestimentas, maneiras finas, linguajar, festas, jogo de futebol e práticas corporais, como banhos de mar, dança e até mesmo na esgrima, já que era para poucos.

Surgiram as primeiras fábricas têxteis, linhas de navios a vapor para a Europa e Rio de Janeiro (a partir de 1866), instalação de oficinas na Cadeia Pública (1867), sistema de canalização d'água (1867) Biblioteca Pública (1867), ruas alinhadas, calçamento nas ruas principais, reformas nas praças (com ornamentos-vasos vindo da França), iluminação a gás, bondes, telégrafo, telefone, cemitério.

Como entretenimento, Fortaleza usufruía do Passeio Público<sup>72</sup>, carros de aluguel, hotéis, quiosques, clubes, prado, corrida de touros, a cavalo e a bicicleta, quermesses, bazar, Teatro José de Alencar (1910) e ferrovias.

A instrução estava sob a responsabilidade do Ateneu Cearense (1863), *Liceu* (1844), Colégio Imaculada (1865), Seminário Episcopal da Prainha (1864), entre outras instâncias educacionais que espalhavam as idéias republicanas, abolicionistas, liberais, positivistas<sup>73</sup> e evolucionistas, trazidas pelos periódicos, clubes literários, instituições educacionais e literárias, além dos bancos escolares e da Praça do Ferreira.

---

<sup>70</sup>BOURDIEU cita "de maneira mais geral, o espaço de posições sociais se retraduz em um espaço de tomadas de posição pela intermediação do espaço de disposições (ou do *habitus*); ou, em outros termos, ao sistema de separações diferenciais, que definem as diferentes posições nos dois sistemas principais do espaço social, corresponde um sistema de separações diferenciais nas propriedades dos agentes (ou de classes construídas como agentes), isto é, em suas práticas e nos bens que possuem" (1996, p.21).

<sup>71</sup>Ob.Cit, p. 59.

<sup>72</sup> Segundo NEVES, "O Passeio Público, ao mesmo tempo, significava, na época, a "principal área de lazer e sociabilidade" da cidade e a vitrine ideal para o desfile das elegâncias", um espaço de sociabilidade feito à imagem e semelhança das elites locais, ocupadas em "europeizar-se", o que significava "civilizar-se". A ocupação deste espaço por estes "seres inferiores" em estado de miséria e inanição é, portanto, ofensiva à civilização, à moral e aos bons costumes" (2000, p. 85).

<sup>73</sup> Aqui uma particularidade do positivismo na Capital que tinha significado de "moderno", ou então, de "calçada", como expressou um observador da época, conforme conta Eduardo Campos (1985) da existência de uma personagem conhecido pelas iniciais de D. h e, que na década de 1880 –1889, criticava a sociedade cearense da seguinte forma:É a terra dos positivistas de calçada, dos publicistas de insulto, dos estadistas de rua, a más dos quaes nunca leram uma página de A. Comte, uma linha das Constituições dos povos livres, nem aprenderam a história do paiz. (D. h In folhetim da Gazeta do Norte, 22 de fev. de 1881 (CAMPOS, 1985, p. 55).

Foram criados lugares apropriados ao cuidado e isolamento dos doentes, como, por exemplo, o Lazareto da Jacarecanga<sup>74</sup> e Lagoa Funda<sup>75</sup> e o Paiol da Pólvora ou Croatá<sup>76</sup>, Santa Casa de Misericórdia (1861), Centro Médico, Colônia Cristina, Asilo de Mendicância<sup>77</sup>, Asilo dos alienados<sup>78</sup>, Leprosário Antonio Diogo<sup>79</sup>, Casa de Saúde São Lucas, Casa de Saúde Dr. Cesar Cals, Instituto de Proteção e Assistência a Infância, Maternidade Dr. João Moreira, Patronato Maria Auxiliadora, Dispensário dos Pobres.

Médicos, como o Sr. José Cardoso de Moura Brasil (Dr. Moura Brasil)<sup>80</sup>, Barão de Studart<sup>81</sup>, Dr. José Ribeiro da Frota<sup>82</sup> (Dr. José Frota), Dr. Adalberto Studart, Dr. Antonio Pompeu, Dr. Abdenago R. Lima, Dr. Cezar Cals, Dr. Álvaro Fernandes, Dr. Eliezer Studart, Dr. Antônio Diogo, Dr. Odorico Moraes e o farmacêutico Rodolfo Teófilo, além das ações de filantrópicas e caridosas de ilustres personalidades cearenses, amenizavam as dores e os sofrimentos do povo desamparado pelos poderes públicos<sup>83</sup>.

Fortaleza afrancesada<sup>84</sup> tentava seguir os moldes da "*Belle Époque*"<sup>85</sup>, período em que a Câmara Municipal contratou os serviços do arquiteto-engenheiro Adolfo Herbster, com o propósito de disciplinar<sup>86</sup> esteticamente o espaço urbano da Cidade e acompanhar os anseios da Modernidade.

---

<sup>74</sup> Ver REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ, 1897-1898, Ano XI, p.115-1162, trimestre de 1897-1898, Tomo XI.

<sup>75</sup> Op. Cit..

<sup>76</sup> Ib. Idem.

<sup>77</sup> Instituição de caridade, fundada a 10 de agosto de 1905 pela maçonaria cearense e inaugurada a 10 de setembro do mesmo ano (ALMANACH DO CEARÁ de 1922).

<sup>78</sup> Maiores informações sobre este hospício, consultar ALMANACH DO CEARÁ de 1922.

<sup>79</sup> Ver REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ (Tomo 79, p. 488).

<sup>80</sup> JORNAL O POVO, EDIÇÃO ESPECIAL, ano IV, n. 4 out-nov, 2007.

<sup>81</sup> Idem.

<sup>82</sup> Idem.

<sup>83</sup> Denúncias feitas por parte de Rodolfo Teófilo, 2001.

<sup>84</sup> Ver PONTE, 2001.

<sup>85</sup> "Costuma-se definir **Belle Époque** como um período de pouco mais de trinta anos que, iniciando-se por volta de 1880, prolonga-se até a Guerra de 1914. (...) na verdade, **Belle Époque** é um estado de espírito, que se manifesta em dado momento na vida de determinado país. No Brasil, a **Belle Époque** situa-se entre 1889, data da proclamação da República, e 1922, ano da realização da Semana da Arte Moderna em São Paulo, sendo precedida por um curto prelúdio – a década de 1880 – e prorrogada por uma fase de progressivo esvaziamento, que perdurou até 1925. Seria impossível entender a **Belle Époque** brasileira fora de suas vinculações com a França. Na segunda metade do Século XIX, cinco grandes exposições internacionais realizadas em Paris indicaram, aos pintores e escultores do mundo inteiro, a tendência estética mais em voga"(Arte no Brasil – Abril Cultural). Ver também MENEZES (2000). PONTE (2000, p.162).

<sup>86</sup> Sobre a remodelação da cidade, consultar NEVES (2000, p.25).

Na missão de "conservar, corrigir, desenvolver, aperfeiçoar"<sup>87</sup> a Cidade e seus cidadãos, autoridades militares e "propagandistas civis, conservadores e radicais"<sup>88</sup> se espelhavam no mapa das orientações da "*sciencia*" em prol da idéia de Nação.

Por este viés, o corpo humano tornar-se-á foco de muitas análises<sup>89</sup>, entre elas, está a intervenção via educação corporal na formação do homem "moderno", buscando as qualidades de "robusto e harmonioso, organicamente oposto ao corpo relapso, flácido e doentio do indivíduo colonial"<sup>90</sup>.

Ressalto que a realidade social "não é mais que o referente reconhecido de uma ilusão (quase) universalmente partilhada"<sup>91</sup> e os fortalezenses, e não apenas, compartilhavam ilusão de uma cidade "moderna", "civilizada" e "educada moral e fisicamente". Assim, a construção de um Brasil "Moderno" passaria por uma raça pura, forte e sadia; livre da monarquia e do cruzamento racial, considerado por alguns a degeneração do Brasil, que motivou o poder de crença (*illusio*)<sup>92</sup> de educar o corpo do jovem escolar com fins utilitários, moralistas e físicos, o que possibilitou a aproximação da *gymnastica* dos programas escolares, o que hoje chama de Educação Física Escolar.

## **1.1 As matrizes geradoras que possibilitaram a inclusão da ginástica escolar em Fortaleza**

---

(...) o lugar social em que se trava a luta entre as classes de acordo com os interesses, "(...) é, em certo sentido, uma estenografia conceptual de um modo de construção do objecto que vai comandar – ou orientar - todas as ações práticas da pesquisa. Ela funciona como um sinal que lembra o que há que fazer, a saber, verificar que o objecto em questão não está isolado de um conjunto de relações de que retira o essencial das suas propriedades" (BOURDIEU, 1998, p. 27-28).

---

<sup>87</sup> Jornal "A REPÚBLICA", 15 de novembro de 1898.

<sup>88</sup> CARVALHO, [1985], p. 48.

<sup>89</sup> Ver GONDRA, 2004, p.122.

<sup>90</sup> COSTA, 1983, p.13.

<sup>91</sup> BOURDIEU, 1996, p. 50.

<sup>92</sup> Ob. Cit.,( p. 193).



As matrizes geradoras que configuraram o campo da ginástica nas escolas de Fortaleza, no final do século XIX e início do século XX, foram produzidas no embate de interesses expressas o movimento das disputas, convergências e alternâncias da formação do Estado-Nação.

Eram interesses que convergiam e alternavam a união<sup>93</sup> de grupos sociais diferentes movidos pela crença que consagrou e legitimou a produção simbólica dos adeptos que partilhavam das disputas, interesses e das apostas materiais ou simbólicos em que a ginástica escolar se engendrou em Fortaleza, no mencionado período.

Com efeito, compreender a gênese social da ginástica escolar é buscar as crenças que a sustentaram. Para tanto, o material empírico encontrado aponta para o movimento eugênico - higiênico, a “modernização” de Fortaleza, o nacionalismo (patriótico ou cívico) e o escolanovismo na configuração da estrutura da ginástica nas instâncias de ensino da Capital.

As matrizes eugênicas – higiênicas no pensamento brasileiro não se encerraram com o fim da monarquia, ao contrário, elas permearam o pensamento republicano, reforçando as concepções e práticas da ginástica na cultura escolar brasileira, em particular cearense. Paiva alerta que:

Nunca é demais repetir, com ela, que as bandeiras que flamejaram com e a partir do discurso médico – higienista não se dirigiam (somente) “à nossa área” e sim a um projeto político, econômico, social e cultural para o Brasil. Entretanto, na historiografia, o que se faz presente é a idéia de que “a área” dele teria sido vítima ou, na melhor das hipóteses, cúmplice. A compreensão de uma educação física “instrumentalizada” pelo capitalismo, ou consequência da modernidade ou do processo civilizado (versões explicativas mais recentes na historiografia) parece deixar escapar a microanálise que possibilita pensar, no detalhe, a construção das condições de possibilidade que permitiram o engendramento do campo, até porque é muito recente a interpretação que levanta voz em sentido contrário. São os estudos de Góis Júnior que têm chamado a atenção para considerarmos o higienismo, mais do que influenciador, um movimento consolidador da área” (2004, p. 55).

Ressalto, porém, que o movimento eugenista não ocorreu separado do higienista, considerado até uma “característica do movimento eugenista brasileiro”<sup>94</sup>. Esta união, eugenia e o higienismo, acontecia de forma que “o higienismo ordenava o

---

<sup>93</sup> BOURDIEU (1996, p.50).

<sup>94</sup> Consultar SILVA, 2003, p. 2.

espaço urbano e rural”, enquanto “a eugenia relacionava-se com o desenvolvimento de ações visando o aumento da resistência biológica”.

A eugenia (“boa geração”) se apresenta como ciência na formação e aperfeiçoamento da raça e a consolidação das práticas de intervenção na reprodução da população. Não se pode, todavia desvincular a emergência da questão racial da formação da identidade nacional e, segundo Freyre, não se trata apenas de uma preocupação republicana, pois,

A monarquia, como sistema nacional de governo a que incumbisse cuidar da saúde da população, nunca aceitou de modo direto e franco o desafio do trópico úmido à civilização brasileira. Contornou-se sempre. A tarefa de aceitar de maneira incisiva essa espécie de desafio da parte de um espaço como o tropical – que, aliás, não deixou nunca de ser o aliado de um tempo, ou de um ritmo de vida, se não contrário ao europeu, diferente do europeu - à civilização predominantemente européia que aqui vinha se desenvolvendo, desde o século XVI, com enorme sacrifício de vidas e de valores, foi tarefa que a República de 1889 tomou sobre os seus ombros com um vigor que faltará ao Império. Tal generalização não significa, porém, afirmar-se ou insinuar-se que só com a República houve no Brasil uma Medicina e uma Higiene, que procedessem de acordo com a situação tropical da gente brasileira, deixando de se conservarem, aqui, hierática ou academicamente européias. Essa tendência precedeu a própria organização do Brasil em sistema político independente do português. Mas foi então uma tendência da parte da ordem privada – como diria o Professor Nestor Duarte; e não da pública. Da parte dos particulares; e não do Governo (2000, p.859).

A teoria das raças teve ramificações, ora divergentes, ora convergentes. No entanto, aquela que predominava procedia da escola do darwinismo social<sup>95</sup> (ou evolucionismo social). Em 1883, o antropometrista e biômetra, Francis Galton emprega a teoria racial na busca da raça forte, superior e, principalmente, branca.

A mestiçagem brasileira era um dos muitos temas de estudos e debates. Assim, pairava a grande dúvida: “como se constituiria a civilização brasileira, a partir do brasileiro, que é um tipo miscigenado e, de antemão, inferiorizado pelas teorias raciais provenientes da Europa”<sup>96</sup>. Desta forma, “A reeuropeização do Brasil começou fazendo empalidecer em nossa vida o elemento asiático, o africano ou o indígena, cujo vistoso de cor se tornara evidente na paisagem, no traje e nos usos dos homens”<sup>97</sup>.

---

<sup>95</sup> Sobre Darwin, maiores aprofundamentos em SPROULE, 1990.

<sup>96</sup> FREYRE, 1951, p. 570-571.

<sup>97</sup> Ib. Idem.

Com argumentos “científicos”, se estabelecia a segregação racial e social. Para os “homens da *sciencia*”, o encontro das raças foi (ou é) pretexto para ocasionar degeneração do povo brasileiro. Nesta direção, discursos e ações discorreram e foram postos em prática tendo em vista o branqueamento racial, o que facilitou, enfim, a inserção das idéias propagandista de depuração da raça e eugênica<sup>98</sup>.

Na bagagem de muitos estrangeiros<sup>99</sup> que chegavam à Capital cearense, entre eles, Agassiz, citado na seção anterior, e Von Martius<sup>100</sup>, estavam idéias que germinaram em muitos cidadãos fortalezenses, os quais, Tristão de Alencar Araripe<sup>101</sup> na defesa dos traços da identidade nacional<sup>102</sup>.

No Brasil de 1870<sup>103</sup>, o conceito de ciência foi agregado ao de Modernidade. A “era da *sciencia*”<sup>104</sup> impulsionava orientações e tendências em muitas instâncias sociais, no entanto, vale salientar que, no Brasil, e não apenas, muitas das concepções tornavam-se singulares, conforme explicação de Schwarcz:

A partir de 1870 introduzem – se no cenário brasileiro teorias de pensamento até então desconhecidas, como o positivismo, o evolucionismo, o darwinismo. No entanto, a entrada coletiva, simultânea e maciça dessas doutrinas acarretou, nas leituras mais contemporâneas sobre o período, uma percepção por demais unívoca e mesmo coincidente de todas essas tendências. Tais modelos, porém, foram utilizados de forma particular, guardando-se suas conclusões singulares, suas decorrências teóricas distintas. Dessa forma, se a noção de evolução social funcionava como um paradigma de época, acima das especificidades das diferentes escolas, não implicou uma única visão de época, ou uma só interpretação (1993, p. 43).

Na literatura brasileira, autores como Rodolfo Teófilo (1979); João Ubaldo Ribeiro (1984); Lima Barreto (1993); Aluisio de Azevedo (1987); Machado de Assis, (1972) e Graciliano Ramos (1976), por exemplo, revelam o Brasil preocupado com a formação da raça brasileira e a preocupação dos médicos – higienistas, que promoveram

---

<sup>98</sup> BEZERRA, 2002, p. 50.

<sup>99</sup> Ressalvo o cuidado em não “absolutizar” o olhar do estrangeiro sobre o Brasil. A este respeito, consultar SCHWARCZ (2002, p. 338).

<sup>100</sup> Von Martius era médico, naturalista botânico (1794-1868). Maiores informações em KURY, 2001.

<sup>101</sup> Tristão de Alencar Araripe ([Icô, 7 de outubro de 1821-Rio de Janeiro, 3 de junho de 1908](#)) foi um [escritor](#), [magistrado](#) e [político brasileiro](#). Foi membro de inúmeras associações culturais dentre elas o [Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro](#) e da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Nomeado ministro do [Supremo Tribunal Federal](#) permaneceu no cargo até [1894](#), quando se aposentou. FONTE: [pt.wikipedia.org/wiki/Tristão\\_de\\_Alencar\\_Araripe](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tristão_de_Alencar_Araripe) (25/08/2008-10:28h).

<sup>102</sup> Consultar MONTENEGRO, 1998, p. 57.

<sup>103</sup> Maiores informações sobre a “*sciencia*” brasileira da época SCHWARCZ (1993, p. 32).

<sup>104</sup> Ob.Cit., p.28-29).

discursos, campanhas, congressos e criaram práticas educacionais proclamadas pelos “homens da *sciencia*”<sup>105</sup> que eram “Homem de ciência, e só de ciência, nada o consternava fora da ciência”<sup>106</sup>.

Em “Ordem e Progresso”, Freyre (2000), revela a preocupação do Barão do Rio Branco com a aparência da elite brasileira, pelo menos, a que lidava com diplomatas estrangeiros. E, em sua ânsia de causar uma boa impressão, o Barão selecionava o que havia de melhor entre os homens. Além de cultos e de se vestirem bem, deviam ser fisicamente bem aparentados; exigência estendida também às esposas.

Raquíticos e doentes como Ruy Barbosa; cacogênicos, como Santos Dumont e franzinos como José de Alencar foram, entre outros, alguns que se destacaram pela competência e talento e que romperam a exigente seleção do Barão, cuja intenção era de criar um corpo brasileiro para ser visto e apreciado pelos estrangeiros<sup>107</sup>.

Em Fortaleza, o fervor das transformações políticas, econômicas e culturais por que passava o Brasil estava no cotidiano, nos espaços, costumes e nos corpos dos recintos públicos e privados de Fortaleza, assim como nas grandes cidades<sup>108</sup> que dividiam seus espaços urbanos com as mazelas sociais da “Modernidade”.

As cidades tidas como “adiantadas” (Rio de Janeiro, Recife, Paris e outras) eram exemplos de “civildade” para o fortalezense, que almejava “o aumento das condições de salubridade e reeducar a população. Sobretudo, a parcela mais pobre, visando a adaptação ao “novo” modelo de vida na cidade”<sup>109</sup>.

Os fortalezenses dividiam-se entre os encantos “afrancesados” e as enfermidades. Conviviam com a tosse, rouquidão, anemia, coqueluche, “doenças de mulher”, moléstias nervosas, fadigas *physicas* e *intellectuais*, tuberculose, afecções do aparelho respiratório, convulsões, espasmos, varíola, os defluxos, as constipações, os *bronchites*, as pneumonias, a tísica etc. Doenças que destruíam vidas e atrapalhavam os planos de modernização da Cidade.

---

<sup>105</sup> Ver SCHWARCZ, 1993.

<sup>106</sup> Palavras do personagem, médico, Simão Bacamarte, na obra, “*O Alienista*”, de Machado de Assis (1881, p.191).

<sup>107</sup> Cf. FREYRE, 2000.

<sup>108</sup> Na Europa do século XIX, a corrente a favor do ar puro se alastrava entre médicos e adeptos. CAMBI (1999) conta que: “a importância do ar em terapias curativas desenvolvidas ao longo de todo o século XIX, assim, às renovações tanto terapêuticas quanto pedagógica, ou, mais especificamente, é um naturismo pedagógico que alimenta as idéias e proposta”.

<sup>109</sup> BARBOSA, 1997, p. 46.

O poder público, em nome da "saúde", passava a defender medidas como "a necessidade de reformar internatos, de revisar a salubridade dos locais escolares, de equilibrar estudos e exercícios corporais". E até mesmo "os jogos, os cantos, os banhos de ar, os banhos atmosféricos, e de sol tornam perceptível o lugar da natureza nesse projeto de educação do corpo do habitante da cidade" <sup>110</sup>. Enfim, "desde as ideologias, até as associações, a propaganda, o uso do tempo livre, os meios de comunicação" <sup>111</sup>.

Importante destacar o fato de que, as reformas urbanas não foram específicas desta Capital e estão inseridas nas pretensões das principais cidades do País e até mesmo da Europa. E, embora os interesses de sanear e higienizar o País, mesmo que tenham sido muito alardeados, não era a meta principal do Governo Federal, que visava a assegurar a "ordem" (moral e social) e o "progresso" econômico.

A higiene, para os reformadores, era a solução para transformar o corpo, os espaços e os costumes dos mais desfavorecidos, já que a caçada se dava ao corpo "sujo" do pobre, e de seus espaços desfavorecidos, considerados como frutos da ignorância e da imoralidade e, não das condições de vida atreladas ao modelo social emergente de uma cidade industrial.

Emerge a preocupação com a "nova cidade" e nela, aparecem os apelos da higiene corporal. Desta forma, impõe-se a associação com uma insistência desconhecida até então: "a limpeza do pobre seria o aval de sua moralidade, seria ainda a garantia da 'ordem'" <sup>112</sup>.

A moda "civilizada" não se contentava apenas com a força punitiva, repressora e coercitiva<sup>113</sup>; era preciso que a parte educativa e pedagógica <sup>114</sup> andasse lado a lado com as políticas públicas de saúde. Magaldi sustenta:

Para a implementação desse projeto, sabe-se que a escola foi se constituindo em uma agência destacada. No entanto, um aspecto que foi sendo percebido com mais e mais clareza pelos educadores da época foi o de que, para atingir o alvo desejado, isto é, a população de modo geral, bem como os objetivos propostos, de irradiar conhecimentos e hábitos de modo a que a sociedade passasse a se pautar em novos referenciais associados à modernidade e à civilização, aquelas mensagens deveriam penetrar na intimidade dos lares, na esfera da vida familiar. Daí poder observar a importância assumida então por discursos e ações pedagógicas dirigidas às famílias brasileiras por

<sup>110</sup> VIGARELLO, 2003, p.16.

<sup>111</sup> Consultar CAMBI (1999) e HOBSBAWN (1995).

<sup>112</sup> VIGARELLO, 1997.

<sup>113</sup> BOURDIEU (1997, p.100).

<sup>114</sup> Ver VIGARELLO, 2003, p.214.

importantes educadores, com vistas a educá-las sobre a melhor forma de se conduzir e de educar seus filhos (2002, p.60).

Em outros espaços “educativos”, no entanto, a cidade convivia com a “saúde, mas também como um instrumento de moral”. Assim, “A sujeira nada mais seria do que a insígnia do vício”. E o público alvo, longe de ser a burguesia, era evidentemente o povo pobre das cidades<sup>115</sup>. A “medicalização” do corpo biológico e social foi acompanhada pela moralização dos costumes.

Na busca de constituição desse espaço social estariam, de um lado, indivíduos bem aparentados, tanto nas vestimentas como no trato “fino”, “polido”, “educado” e orientados pelos “bons costumes” ou pelo menos na “submissão à ordem na qual se pretende integrar-se, aquilo mesmo que todo corpo exige acima de tudo daqueles que terão de o reproduzir”<sup>116</sup>.

E, na via oposta à ambição “civilizatória”, estavam menores vagabundos<sup>117</sup>, mendigos<sup>118</sup>, leprosos<sup>119</sup>, carroceiros<sup>120</sup>, esgotos abertos<sup>121</sup>, caixões de lixo<sup>122</sup>, abuso das buzinas<sup>123</sup>, caixões à cabeça pelos passeios das vias públicas da Cidade<sup>124</sup>, vendedores de pão<sup>125</sup>, engraxates, baleiros, vendedores de jornais, bilhetes de loteria ou de garrafas<sup>126</sup>, desocupados que jogavam “*foot-ball*”<sup>127</sup> e o jogo de “cara ou coroa”<sup>128</sup>.

A “moralização da limpeza” espalhava-se pela Cidade, ou melhor, tratava-se de “um instrumento de saúde, mas também como um instrumento de moral: uma

---

<sup>115</sup> Ver VIGARELLO, 1997, p.212.

<sup>116</sup> BOURDIEU, 1997, p.29.

<sup>117</sup> Naqueles dias, a preocupação também se dava com a infância marginalizada da “civildade” cearense, ou melhor, dos menores desvalidos e com o intuito de “cuidar” dos desamparados, instituições educacionais como, por exemplo, a Escola de Aprendizes de Marinheiro e a Escola de Aprendizes de Artífices do Ceará.

<sup>118</sup> Nos periódicos da época, o clamor era que o governo estadual tomasse algumas providências, tais como: “Há necessidade urgente de um Patronato Agrícola da Infância e de um estabelecimento para os mendigos, além do Dispensário dos Pobres, de iniciativa exclusivamente particular. Fortaleza daqui há pouco será a cidade dos vagabundos e dos mendigos, se não houver uma medida de repressão” (CEARÁ ILUSTRADO, 25 de janeiro de 1925).

<sup>119</sup> CEARÁ ILUSTRADO, 25 de janeiro de 1925.

<sup>120</sup> JORNAL UNITÁRIO, Os carroceiros acabam com o concreto, 16 de fevereiro de 1935.

<sup>121</sup> JORNAL UNITÁRIO, 4 de janeiro de 1925.

<sup>122</sup> Ob.Cit

<sup>123</sup> JORNAL UNITÁRIO, O abuso das buzinas, 18 de fevereiro de 1935.

<sup>124</sup> JORNAL UNITÁRIO, infração de uma postura municipal, 16 de fevereiro de 1935.

<sup>125</sup> Ob. Cit.

<sup>126</sup> CEARÁ ILUSTRADO, 25 de janeiro de 1925.

<sup>127</sup> CEARÁ ILUSTRADO, 25 de janeiro de 1925. Ver também BARBOSA In VASCONCELOS (2003).

<sup>128</sup> Ob.Cit.

limpeza impondo-se cada vez mais, até atingir os hábitos íntimos dos mais humildes”

129

Deste pensamento, emergiu uma série de medidas preventivas, com o objetivo de livrar as impurezas das condutas, comportamentos e das práticas corporais. Ganha destaque a prática de civilizar-se pelo asseio, tanto visível (os corpos, espaços) como invisível (o ar, os costumes etc.). Assim, “numa era de modernização das grandes cidades brasileiras, médicos e engenheiros justificam o devassamento das intimidades familiares e físicas a partir da higiene e da saúde”. Como se “o fantasma puritano da limpeza encontrasse enfim um pretexto científico”<sup>130</sup>.

Multiplicavam-se as medidas e, com maior incidência, na correção e regeneração das “ameaças” da miséria, igualmente, “por meio de punição corporal ou capital (punir o corpo para corrigir ou reformar a mente)” com a intenção de reformar o corpo na sustentação de um sistema capital que servia apenas para reiterar a inferioridade do corpo<sup>131</sup>.

A seca foi outro agravante que deixou a população assustada. Como a última grande seca tinha sido em 1845, tudo indicava que as condições climáticas garantiriam um período fértil para a estabilidade urbana. A seca de 1877, porém, castigou o homem sertanejo, expulsando-o de sua terra e obrigando-o a procurar abrigo no litoral, levando consigo, além das marcas da fome em seu semblante, o corpo “contaminado” pelas doenças, o desespero, mortes, suicídios e os “vícios”, aumentando a criminalidade e a prostituição, chocando e abalando os planos de civilização da elite local.

Durante a “seca dos três setes” (1877-1878-1879), a Cidade teve o espírito da tão sonhada “*belle époque*” interrompido com a chegada dos retirantes que fugiam da longa estiagem do sertão. Expulsos de suas terras, eram obrigados a procurar abrigo no litoral e, trazendo as doenças físicas e da alma ameaçavam o aumento da criminalidade com os “vícios<sup>132</sup>”, atrapalhando, conseqüentemente, os planos de “aformoseamento” da Capital.

Entre os vícios estão à prostituição, o alcoolismo e a preguiça que, entre alguns intelectuais, a exemplo de Monteiro Lobato e seu personagem Zeca Tatu, era associada à idéia de doença e preguiça, conforme a explicação de Freyre, “A falta de

<sup>129</sup> VIGARELLO, 2003, p. 212.

<sup>130</sup> SANT' ANNA, 1996, p.122.

<sup>131</sup> PORTER, 1992, p.308.

<sup>132</sup> Como, por exemplo, a prostituição e a embriaguez.

saúde causada especialmente pela malária, anquilostomíase, a tuberculose, a sífilis e a doença de Manson-Pirajá explica, em grande parte, a preguiça do homem do campo, isto é, do caboclo brasileiro. A preguiça de que esse caboclo tem sido tão acusado por críticos estrangeiros superficiais. (1947, p. 224).

Diante do flagelo das muitas secas<sup>133</sup>, as autoridades criavam medidas para evitar a presença dos retirantes na Capital, sobretudo após "a longa estiagem que possibilitou a propagação de uma fulminante epidemia de varíola" <sup>134</sup>, quadro que Rodolfo Teófilo narra na obra "A fome" (1979).

Com sentimentos variados, geralmente de caridade, assistencialismo e paternalismo, as autoridades criavam recursos para manter os refugiados longe do núcleo civilizado. Assim, a luta se deu não contra a seca, mas contra os famintos da seca.

Na tentativa de abrandar a catástrofe, foi criada a Lei n. 499, de 28/09/1898, que autorizava o Presidente do Estado, no caso, o Sr. Antônio Pinto Nogueira Accioly, a contrair empréstimo para socorrer a população da seca<sup>135</sup>. Além disso, outras medidas foram adotadas, como, por exemplo: construção da estrada de ferro para Baturité, criação dos Campos de Concentração, Códigos de Posturas<sup>136</sup>; e, da Polícia de Costumes instituída pela Câmara Municipal para intervir nas "novas atitudes com relação ao corpo, à higiene e à moral" <sup>137</sup> já que o sertanejo era considerado "rude", "raquítico" e "ignorante", com suas crendices populares, superstições e vícios. Segundo Neves, Campos de Concentração eram,

(...) locais que as autoridades governamentais reservam aos retirantes para prestarem ajuda no momento de estiagem. Em razão do grande número de flagelados, a "ração" alimentar não era suficiente e estes campos passaram a ser chamados de "cemitério dos santos" (2000, p. 53).

Os campos de concentração tiveram as funções de (a) proteger Fortaleza da 'invasão' dos retirantes; (b) criar mecanismos para 'fixar o homem no campo' e (c)

---

<sup>133</sup> Ver ALVES, 1982.

<sup>134</sup> Ver TEÓFILO (1997). Obra escrita entre o ano de 1905 e 1910.

<sup>135</sup> A Lei n. 499 de 28 de outubro de 1898, "autorisa a contrahir um empréstimo, caso se agrave a crise por efeito da secca" (JORNAL, A REPÚBLICA, 2 de novembro de 1898).

<sup>136</sup>. Cf. A REPÚBLICA (4 de janeiro de 1925), JORNAL UNITÁRIO (16 de fevereiro, 1935). Maiores informações em BARBOSA, 1997, p. 25.

<sup>137</sup> NEVES, 2000, p. 53.



conectar os locais de atração dos migrantes com obras públicas de construção de poços, barragens e açudes”<sup>138</sup>. Teófilo denunciou que esses mais pareciam depositários fedidos de carnes humanas agravados pela seca e pela varíola<sup>139</sup>.

Para a experiência civilizada, os Códigos de Posturas representavam “medidas disciplinadoras do espaço urbano, visando tomar Fortaleza uma cidade nos moldes dos padrões urbanísticos europeus, ligados ao ideário do ‘progresso e da civilização’, bem como controlar o comportamento público e privado, sobretudo das camadas subalternas da população”<sup>140</sup>.

Fortaleza teve, anteriormente, três códigos de postura, 1865, 1870 e 1875. Jucá conta que:

Em 1870, mais precisamente a 20 de novembro, foi aprovado e assinado pelo então Presidente da Província desembargador João Antonio de Araújo Freitas Henrique, um novo código de Posturas da Câmara Municipal de Fortaleza, contendo 81 artigos, disposto em 8 capítulos (1994, p.30).

Contudo, vale salientar que, o Código de Postura já era usado como referência ao disciplinamento dos espaços físicos e comportamentais da Cidade no ano de 1835<sup>141</sup>. Zelando pela Cidade, o Código obrigava aos habitantes as “medidas disciplinadoras do espaço urbano, visando tomar Fortaleza uma cidade nos moldes dos padrões urbanísticos europeus”. Pelo Código, algumas das práticas consideradas “condenáveis, perigosas e infratoras” e que, estão expostas nos vários jornais da época, deixariam de existir. A dimensão do confronto na realidade entre reformadores e dissidentes era “flagrante em todas as esferas, tanto no ambiente privado como no público”<sup>142</sup>.

Ainda naqueles padrões saudáveis estava o banho de mar. Manoel de Oliveira Paiva<sup>143</sup> descreve os banhos de mar, “em dias havidos bons para a saúde”, na obra “A Afilhada”. O banho de mar, no entanto, também era motivo de brincadeira de criança, como bem narra Barroso<sup>144</sup>, então menino, no ano de 1899, que fugia do

---

<sup>138</sup> Ib. Idem.

<sup>139</sup> TEÓFILO (1979, p. 162).

<sup>140</sup> JUCÁ, 1994, p.30.

<sup>141</sup> Maiores informações em BARBOSA, 1997, p. 25.

<sup>142</sup> Ver BARBOSA, 1997.

<sup>143</sup> “A filha da” de Manoel de Oliveira Paiva publicada em “O Libertador” no ano de 1889. Na obra de CAMPOS (1996) encontram-se alguns trechos.

<sup>144</sup> BARROSO, 2000, p. 24-25.

rigoroso controle familiar para aproveitar os banhos de mar noturno e os exercícios de natação na Ponte dos Ingleses em suas brincadeiras infantis.

Em Fortaleza, meados do século XIX, a frequência e importância desses banhos era embrionário aos cuidados com a saúde, já que essa prática “perde em importância, se comparada com os discursos causando das qualidades curativas do clima, especificamente no tratamento das doenças respiratórias”<sup>145</sup>. Aos poucos, “os banhos de mar, ainda de modo reservado, começam a atrair a população como forma de lazer coletivo e gratuito, deixando de figurar como tratamento de saúde recomendado pelos médicos”<sup>146</sup>.

A propaganda em prol da saúde<sup>147</sup> também atingiu o corpo feminino, até então intocado e que passava a associar à prática de atividades físicas, incentivava o banho de mar das mulheres, desde que vestidas decentemente, ou seja, botas, touca e macacãozinho próprios para a época, como demonstra a FIGURA 01.

---

<sup>145</sup> DANTAS, 2000, p.35-36.

<sup>146</sup> LINHARES, 1992, p. 277.

<sup>147</sup> A este respeito, GIRÃO conta que, por volta dos anos de 1915-1919, a “publicidade começa a apostar tudo do aproveitamento da imagem da mulher como força de negócios” (1979, p. 35).



FIGURA 01. A Mulher na Praia. Fonte: REVISTA BA-TA-CLAN, 1926.

Para os costumes da época, a mulher, considerada bonita, era aquela de rosto e de formas “arredondadas”, reforçada pelo sobrenome. Feias eram as mulheres magras que lembravam os difíceis momentos da seca e de pobreza. Dessa associação nasceu o apelido de “Seca de Quinze”. A FIGURA 02 mostra os “typos de beleza cearense”.

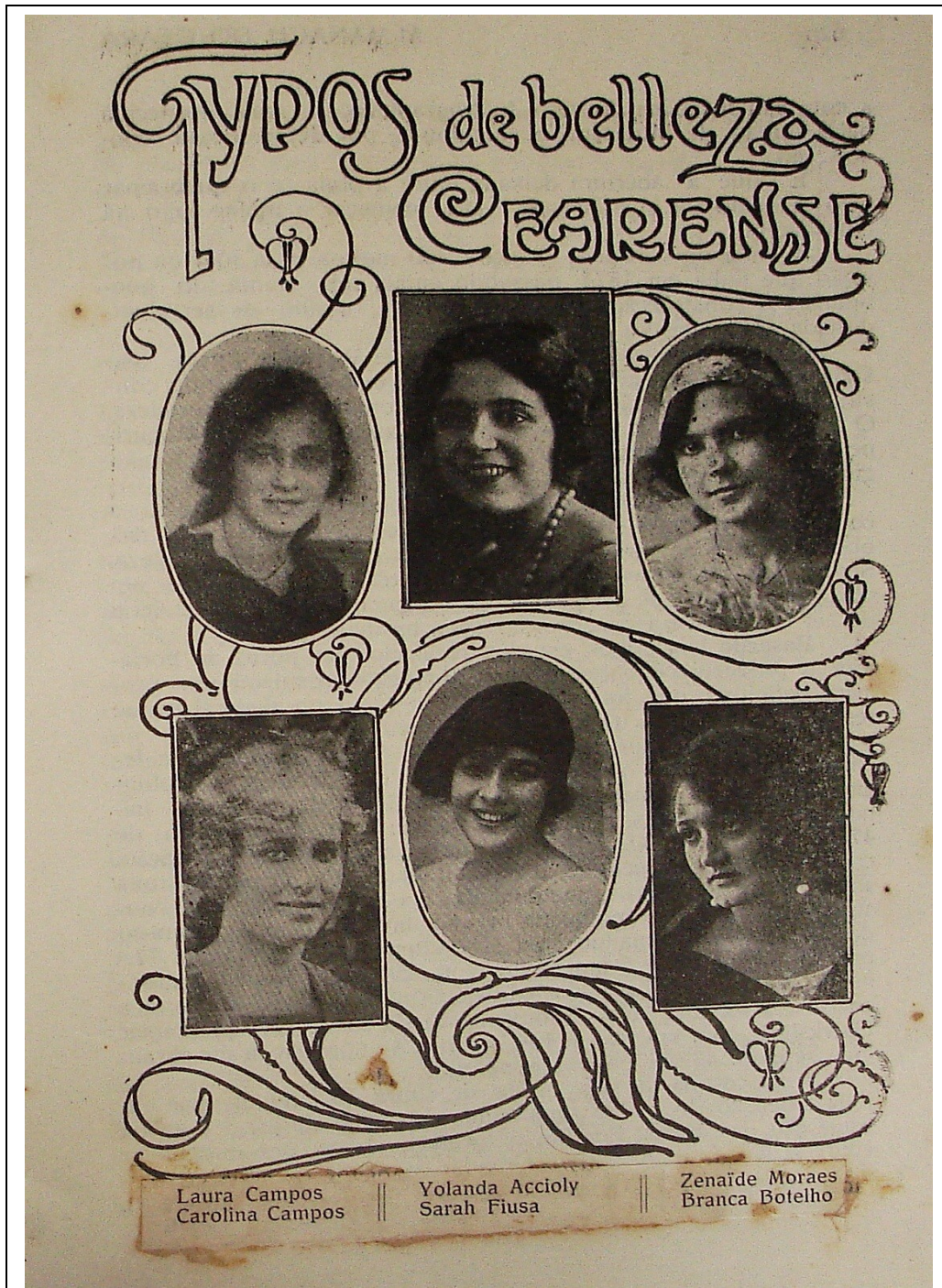


FIGURA 02. Typos de Belleza Cearense. Fonte: ALMANACH DO CEARÁ, 1922.

Os padrões de saúde também orientavam a mulher tendo em vista o casamento. Assim, a mulher perfeita para casar e gerar filhos robustos seria aquela que seguisse os preceitos modernos de “saudável e inteligente”. E, assim, deveriam “ser capaz de pular 3 pés e 2 polegadas, lançar uma bola de *basketball* a 25 pés, correr 25 pés em 44 segundos, pular 4 pés, a pés juntos”, além de “olhos claros, rosto naturalmente rosado e um sorriso prompto”<sup>148</sup>.

Para conseguir todos esses requisitos, a jovem praticaria a “educação física completa” com exercícios respiratórios, marcha de 10 milhas. Haveria um dia especial para tal prática, ou seja, o “dia da atitude vertical”. Nesse dia, acrescenta o periódico, “todas as moças devem observar os mais rígidos preceitos *gymnasticos* favoráveis á boa posição do corpo”. Se a mulher atendesse a esse padrão de saúde, o mundo estaria ao seu alcance, caso contrário, “não poderia ter um bom emprego nem um bom marido”<sup>149</sup>.

Saliento que, pesar e calcular eram procedimentos impostos à vida “moderna”, “civilizada”, que ia se configurando no corpo dos cidadãos e que correspondia ao ideal da ciência natural de transformar o mundo por meio de fórmulas matemáticas.

Arelada a tal noção, o positivismo propagava as idéias patrióticas na constituição do Brasil republicano e, na defesa do *corpore sano*<sup>150</sup>, surgiam intelectuais pregando a ginástica/Educação Física, a exemplo de Rui Barbosa (1849-1923), relator da “Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares”.

Sensível às transformações de seu tempo e apoiando-se na ciência, o ilustre baiano defendeu alterações na educação e, particularmente, na ginástica, pois, “o abuso do trabalho cerebral na educação das crianças, crisálida de onde sai já extenuado o moço e precocemente velho o adulto”.

Favoreciam-se também as manifestações nacionalistas, com a criação de centros<sup>151</sup> e ligas de defesa nacional; oportunidade para o serviço militar obrigatório e

---

<sup>148</sup> CEARÁ ILUSTRADO. A moça ideal para o casamento, 28 de junho de 1925.

<sup>149</sup> Ob. Cit.

<sup>150</sup> A célebre frase *mens sana in corpore sano*, tantas vezes repetida quanto distorcida de seu sentido, é de Juvenal (42-125), poeta satírico romano. Em uma das suas sátiras, o poeta tratou dos objetivos da educação: “Orandum est ut sit mens sana in corpore sano. Fortem posce animum mortis terrore carentem.”.

<sup>151</sup> CARONE conta que: “O Centro nacionalista ou liga nacionalista é uma das primeiras manifestações organizatórias da burguesia paulista. Nascido de articulações que se dão em 1915, ele é dissolvido por Artur Bernardes em 1924, logo após a revolução” (1976, p.276).

para a inserção da instrução militar nas escolas. Pelo civismo<sup>152</sup>, o serviço militar passou a ser defendido por intelectuais, como, por exemplo, Olavo Bilac. Eram homens entusiasmados com a formação cívica e física na escola. Carone explica que:

A experiência nasce paralela ao movimento da liga de defesa nacional, o que explica pontos ideológicos comuns entre ambos. Nacionalismo e patriotismo aparecem como temas centrais destas agremiações; porém a “educação cívica e de regeneração dos nossos costumes políticos” são pontos complementares dos seus pensamentos, o que totaliza a sua visão moralista dos acontecimentos (1976, p. 276).

O nacionalismo, alinhado a outras ações de anseio modernizantes, participava também do movimento da Escola Nova<sup>153</sup> no Brasil<sup>154</sup>, mesmo que significasse a superação dos “limites estreitos dos padrões cívicos – nacionalistas e tornar-se estratégia de reconstrução social e regeneração social e moral”<sup>155</sup>.

Na década de 1920, o escolanovismo encontrava-se no auge dos debates educacionais do Brasil e, por meio das idéias reformadoras, aspiravam à edificação do “Homem Novo” e da “Boa Sociedade” na luta pela moralização das “classes perigosas”<sup>156</sup>.

O clima de civilidade, urbanidade, racionalidade e disciplina era promissor no contexto de transição para a modernidade capitalista da sociedade brasileira, que reforçava os princípios liberais na tentativa de realização do projeto de reestruturação educacional, ou seja, uma “revolução dentro da ordem”. De acordo com Monarcha,

(...) este projeto no sentido de que a fala culta operou *deslocamentos no interior do discurso liberal*, com o intuito de produzir e controlar mudanças sociais. Representou, portanto, *aggiornamento*, atualização da hegemonia burguesa. Sobre o prisma da vanguarda pedagógica, formada por educadores com Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo (...) a revisão dos métodos pedagógicos e finalidades sociais da educação – enseja a oportunidade para tornar público *um discurso científico sobre o povo e para o povo* (1989, p.15).

---

<sup>152</sup> Também chamado de patriotismo e/ ou nacionalismo.

<sup>153</sup> Segundo LOURENÇO FILHO, “a denominação escola ativa foi lançada, em 1917, num escrito do educador suíço Pierre Bovet, como tradução do nome alemão ‘Arbeitsschule’, literalmente escola do trabalho, criado, em 1911, pelo educador alemão Jorge Kerschensteiner” (1974, p. 152).

<sup>154</sup> Ver NAGLE, 1974.

<sup>155</sup> MONARCHA, 1989, p. 15.

<sup>156</sup> Ob. Cit.

Destarte, campanhas, discursos e ações fizeram parte das propostas modernizadoras dos renovadores. No entanto, ressalto que, “se, em 1920, houve propostas 'modernizadoras', seu sentido não foi o de 'acessar a educação como forma de mobilidade e ascensão social para as classes populares', na verdade, o que está em pauta era ”a efetivação de um particular projeto da sociedade”<sup>157</sup>.

A euforia em torno da educação, como fator de mudança social, foi bem aceita pela Associação Brasileira de Educação – ABE. Nesta instância de consagração<sup>158</sup>, circulavam as idéias na "elaboração desse ideal civilizatório da sociedade”<sup>159</sup>, estava atrelada à fábrica, mas especificamente, à industrialização.

A intelectualidade do citado período almejava “construir uma nação moderna e, nos seus termos, justa e fraterna” pelo "processo de constituição do campo educacional”<sup>160</sup>. Desta forma, os pioneiros da Educação Nova passavam a defender a “Nação, Ciência, Progresso e Razão, valores típicos da modernidade e do século XX – Era da Máquina e da Técnica”<sup>161</sup>.

Nos fundamentos do escolanovismo, estavam os estudos da infância pela Psicologia, Biologia, (Higiene<sup>162</sup>), o que sob o signo da Modernidade, saúde social e desenvolvimento do Brasil “civilizado” possibilitou a inserção e a institucionalização da ginástica na programação escolar.

O programa da disciplina da higiene escolar estava em comunhão com o programa da ginástica, já que essas aulas tinham “por fim robustecer o organismo devendo o mestre adestrar os alunos nos exercícios que constam a educação physica”<sup>163</sup>. No âmbito deste quadro, a ginástica escolar passaria por transformações até ser denominada de Educação Física escolar dos dias atuais.

## ***1.2 Habitus dos cidadãos e a inserção da ginástica escolar***

---

<sup>157</sup> CARVALHO, 1998, p. 26.

<sup>158</sup> Ver BOURDIEU, 1996.

<sup>159</sup> CARVALHO, 1998, p.28.

<sup>160</sup> MAGALDI, 2002, p.317.

<sup>161</sup> MONARCA, 1989, p.20.

<sup>162</sup> CARVALHO explica que a higiene era "utilizada de modo a designar medidas de construção de um meio social favorável ao desenvolvimento físico, intelectual e moral dos indivíduos" (1998, p.146).

<sup>163</sup> REVISTA ESCOLAR DO INSTITUTO DE HUMANIDADE, ano VIII, n.5, maio de 1911.

(...)É por intermédio da disciplina corporal e lingüística (que implica, muitas vezes, uma disciplina temporal) que se opera a incorporação das estruturas objetivas e que as “escolhas” constitutivas de uma relação com o mundo econômico e social são interiorizadas sob a forma de montagens duráveis e subtraídas às tomadas de consciência e, até mesmo, em parte, da vontade (automatismos etc) (...) (ORTIZ, 1994, p. 181).

Para acompanhar o movimento que gerou a necessidade da prática de exercitar o corpo do escolar por meio da ginástica, como se definiu e foi se constituindo em um conjunto de ações e estratégias que visavam a inserção até sua consolidação, refiro-me aos distintos grupos sociais em Fortaleza, nos anos de 1863 a 1930. Para tanto, recorro aos indícios fornecidos por alguns memorialistas em abundância.

O poder gerador e unificador do *habitus* em Fortaleza, do período em questão, foi marcado por sinais, práticas e representações em que se manifestava a crença da “modernização” pela higienização do corpo. Assim, de um lado, estava o homem “disciplinado”, “polido”, “maneiras finas” e “educado” desenhada por políticos, militares, comerciantes e profissionais liberais, a exemplo dos médicos, bacharéis e educadores.

No campo oposto, estava o corpo “avesso ao modelo civilizado”, daqueles que ficavam à margem dos mais providos de capital econômico e de capital cultural. Isto “constitui o mais seguro testemunho do reconhecimento das posições cobiçadas”<sup>164</sup>.

A noção de *habitus* de Bourdieu é relacional, ou seja, esse esquema perceptivo (intelectual, físico, morais) pré-montado auxilia a pensar as relações entre os condicionamentos exteriores e a subjetividade dos sujeitos e, por ser posicional, está em constante reformulação, o que impossibilita uma definição fechada.

A distinção mais significativa desses agentes em Fortaleza emergiu na segunda metade do século XIX, quando Fortaleza, em decorrência principalmente do “ouro branco”, desabrochou “com as coordenadas do seu progresso, fazendo-a anatomicamente apta à fisiologia complexa dos organismos adultos”<sup>165</sup>.

Na distribuição social e geográfica da Cidade, estavam aqueles que “moravam na área de calçamento” e aqueles que “viviam pelas areias”, conhecido pelos casebres<sup>166</sup>.

<sup>164</sup> BOURDIEU, 1997, p.29.

<sup>165</sup> GIRÃO, 1979, p.327.

<sup>166</sup> Ob. Cit., p.56.



Na Teoria de Ação de Bourdieu, o sujeito não age deliberadamente intencionado e, muito menos, por base de um projeto de classe política. Os agentes são definidos pelas características da identidade social, afinidades no comportamento, percepções, as interações, apreciações, as relações de rivalidade ou de conflito, enfim, as ações que organizam as condutas dos participantes do jogo social. A função do *habitus* é “dar conta da unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agentes”.

Assim, enquanto algumas mulheres vestiam-se com a mesma discrição dos “cavalheiros, que não esqueciam o fraque ou o jaquetão nos lugares ou ocasiões em que era preciso apresentar-se com mais rigor”<sup>167</sup>, o povo, “desvalido e crédulo” vivia de “agradecer as poucas graças merecidas”<sup>168</sup>.

Em se tratando de lazer a elite social freqüentava os “clubes recreativos de importância”, como, por exemplo, o “Iracema”, “Clube Cearense”, entre outros. Eram lugares para a “alta sociedade expandir-se nas finas maneiras dos cavalheiros encasacados e nos volteios coreográficos das damas, trescalantes de perfumes e seduções”<sup>169</sup>.

E para aqueles que “não pertencessem teriam de divertir-se nos bailes ou festas familiares, nos quais não faltavam os famosos serenos<sup>170</sup>, ajuntamento de pessoas que se comprimiam para assistir à entrada dos convidados, apreciarem-lhe ou criticar-lhes os vestidos e as modas”<sup>171</sup> ou assimilar a moda e os modos à distância.

Nas recepções, o “pólo de inteligência” reunia-se nos “institutos científicos, nas agremiações literárias, nas faculdades superiores, nos ginásios de humanidades”, e servia para “puxar, como imã, do sertão, a juventude matuta, desejosa de educar-se e vencer”<sup>172</sup>.

Enquanto isso, o povo divertia nas “quermesses, os congos, os fandangos, as pastorinhas, os circos, o bumba – meu - boi, o carnaval, as festas religiosas, as visitas às

---

<sup>167</sup> GIRÃO, 1979, p. 327.

<sup>168</sup> CAMPOS, 1996, p.22.

<sup>169</sup> GIRÃO, 1979, p.54.

<sup>170</sup> CAMPOS explica este costume da seguinte forma: “À rua como platéia não convocada (ou menos grata), a participar de casamentos, bailes e outras ocorrências da sociedade, comprimida nas proximidades dos eventos, procedimento de tal modo generalizado, e marcante, que acabaria tornando muito importante a formação do sereno, costume popular, já em nossos dias bastante atenuado, mas que quer significar a situação de uma récuca de pessoas empolgadas à curiosidade de ato social, ainda que mantida à distancia, mas a usufruir -lhes indiretamente os momentos de seu aguardado realce”(1985, p.15).

<sup>171</sup>GIRÃO, 1979, p. 327.

<sup>172</sup> MIRANDA, 1954, p.55

lapinhas do Natal”<sup>173</sup>. Além dos folguedos populares, o pajé, o batuque, dança africana, o fandango, as touradas; as corridas a argolinha; o papangu carnavalesco<sup>174</sup>.

A distância social que os separava é lembrada muitas vezes, em particular, pela oposição entre seus costumes, gostos, divertimento, modo de vida e representações. Na base da relação entre os agentes estava o desejo de modernizar a Capital. Assim, de um lado, estava o homem “educado de maneiras finas” e no outro, o homem “ignorante de maneiras rudes”.

A pequena província embelezava seus espaços, calçamento, mercado público, jardins, praças; abria ruas e ligava bairros, adotava normas de padrão nas construções dos prédios, estabelecimentos, calçadas e, nos comportamentos de seus moradores, pois, cidade “moderna” exigia cidadãos “modernos”. O sujeito é ação e constrangimento. Bourdieu esclarece:

Em sociedades pouco diferenciadas, é através de toda a organização espacial e temporal da vida social e, especificamente através de ritos de instituição, que estabelecem diferenças definitivas entre aqueles que sofreram o rito e aqueles que não o sofreram, que se instituem nos espíritos (ou nos corpos) os princípios de visão e de divisão comuns (cujo paradigma é a oposição entre o masculino e o feminino). (1997, p. 116).

Assim, pelo olhar do outro também se constrói (ou se destrói), descobre e educa. Assim, poucos ousaram ficar à margem daquela sociedade e passar por constrangimento em locais públicos como a vitrine da Praça do Ferreira,

Tudo se fazia vindo à Praça (do Ferreira) e saindo da praça e, deste modo, se firmou como ponto confluyente dos raios vetores saídos das zonas circunferências dos bairros, arrebaldes e subúrbios. Consagrou-se o grande ponto de tudo - das lojas de moda, dos cafés - quiosques, das reuniões de intelectuais, das rodinhas de comentários de “Mariquinha e Maricotas”, das badernas de patriotas impenitentes, dos tiroteios revolucionários, dos comícios e passeatas de toda a sorte, dos desabafos pessoais a desaforo, a murros ou a bala, da ociosidade dos sem – emprego e, no seu jardim central, enquanto existiu, a grande vitrina do luxo das mulheres, no seu irresistível *odor de femina* e dos moços pelintras, de bengala e chapéu de palhinha, audaciosos em Cupido, mas respeitosos, galanteadores educados, que ainda não sabiam dar vaias nos cinemas, nem abastadar-se de alma nas pilhérias grosseiras de “esquina do pecado” (GIRÃO,1979, p. 58).

---

<sup>173</sup> GIRÃO, 1979, p.327.

<sup>174</sup> REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ, João Brígido, Homens e Factos, Tomo 63, p.65.

O *habitus* é incorporado<sup>175</sup> ao espaço social mediante a aprendizagem (implícita ou não) ou/e da orientação consciente ou não. É uma elaboração interior que se dá ao longo das representações coletivas introjetadas (sem serem fixas) no sujeito e que predispõe seu julgamento do mundo, gosto, representações, escolhas, estilo, imaginário etc.

A referência de ser “moderno” vinha de fora do Estado e do Exterior, principalmente a França, que movimentava os negócios na venda de produtos “da moda, tecidos, sapatos, chapéus, conservas, manteiga, vinho, licores, drogas farmacêuticas, livros”<sup>176</sup>. E mais: abriam-se lojas e armazéns, como, por exemplo, a Casa Boris. Girão conta que:

Os anúncios dos jornais eram o índice do predomínio gaulês nos balcões de venda, na literatura, na linguagem. Fez-se hábito passear na França e despachar para lá os filhos a estudar. Não poucas esposas francesas de cearenses mestiços vieram de Paris. As baronesas de S. Leonardo e de Camucim o atestam. Os alunos do seminário e da Imaculada Conceição aprendiam de professores franceses (1979, p.55).

Nesse jogo, os agentes vão sendo marcados por traços distintivos que “se produzindo e reproduzindo-se como tal”, reproduzem tudo o que constitui a vida “moderna”. Todo o sistema dos agentes e das instituições encarregadas de produzir e de reproduzir os *habitus* do “homem moderno” e de satisfazer e de produzir a um só tempo o “desejo” do corpo “forte”, “educado” e “moderno”.

A cidade caminhava ao novo século como a 7ª capital brasileira em população e, se destacando como importante centro urbano do País, “adquire hábitos sociais, adota terminologia própria no mundo social para assinalar os seus eventos mais representativos”<sup>177</sup>. O corpo, assim, como a educação corporal, fez parte do projeto social do homem “moderno”.

A “modernização” estava visível nas novidades das praças que foram adaptadas com “largos pavilhões” para “facilitar a circulação” e o estímulo da “prática de exercícios corporais”, como, por exemplo, a patinação e a ginástica, assim, ocorreu que:

---

<sup>175</sup> BOURDIEU (1997, p.42).

<sup>176</sup> GIRÃO, 1979, p.54.

<sup>177</sup> Ib. Idem.

(...) Nesses logradouros foram introduzidos canteiros de flores (verdadeiros jardins de fadas), “avenidas”, cópias da estatuária grega, vasos importados, chafarizes e largos pavilhões para a ocorrência de retretas, **patinação e ginástica [grifo meu]**. A regeneração das praças, portanto, vai além do mero aformoseamento, facilitava a circulação e determinava novas regras de convívio e utilização do espaço público, além de estimular a prática de exercícios corporais nos jovens e estudantes tidas como benfazeja aos costumes e à saúde (JUCÁ, 1994, p.36).

Como também estava na incorporação da mudança corporal, como, por exemplo, o espartilho<sup>178</sup> que mais do que uma modificação externa foi o desejo de se enquadrar as medidas da mulher moderna. Na pesquisa do cotidiano, Campos afirma que:

Desde 1913 o espartilho fazia companhia às donas de sociedade fortalezense. Basta ver ao anúncio publicado em ‘Unitário’, esse ano, ”Le Seduisant - indeformável espartilho de grande luxo, muito delicado e leve, deixa a respiração franca, da graça e elegância ao corpo, não comprime o organismo, idealize o contorno da cintura dando ao mesmo tempo conforto admirável, completamente invisível nos toilettes mais leves produzidos por “Bucher & Cia, createur de la mode Hors Concours membre du jury , exposition Univesalle, Paris, 1900 (1985, p.37).

Aos poucos, a preocupação pela modificação do corpo, mais precisamente a “educação do corpo” invade todos os espaços públicos e privados; e a escola não foi excluída dessa empreitada.

A crença<sup>179</sup>, ou seja, a produção simbólica que dá legitimidade aos adeptos<sup>180</sup> que partilham interesses comuns em consagrar o campo (simbologia da dominação) foi a *illusio*<sup>181</sup> que aglomerou os adeptos do higienismo, eugenismo, o nacionalismo (patriótico, moderno e civilizado) e os escolanovistas (homem novo, prático e útil) na defesa da “*Educação Physica*” (sentido *lato*) e aproximou a ginástica dos currículos escolares.

---

<sup>178</sup> Na pesquisa do cotidiano, CAMPOS afirma que ”desde 1913 o espartilho fazia companhia às donas de sociedade fortalezense. Basta ver ao anúncio publicado em ‘Unitário’, esse ano, ”Le Seduisant - indeformável espartilho de grande luxo, muito delicado e leve, deixa a respiração franca, da graça e elegância ao corpo, não comprime o organismo, idealize o contorno da cintura dando ao mesmo tempo conforto admirável, completamente invisível nos toilettes mais leves produzidos por “Bucher & Cia, createur de la mode Hors Concours membre du jury , exposition Univesalle, Paris, 1900”(1985, p.37)

<sup>179</sup> Ver BOURDIEU, 1996.

<sup>180</sup> Ob.Cit., p.108.

<sup>181</sup> Ib. Idem.

A ginástica escolar, como novo *habitus*, foi inserida na modernização da Capital cearense e, ao longo dos anos 1920, foi consolidado pela nova denominação de Educação Física Escolar, como ainda é nos dias de hoje.

### **1.3 Os agentes no campo da ginástica escolar**

---

Essa estrutura não é imutável e a topologia que descreve um estado de posições sociais permite fundar uma análise dinâmica da conservação e da transformação da estrutura da distribuição das propriedades ativas e, assim do espaço social. É isso que acredito quando descrevo o espaço social global como um *campo*, isto é, ao mesmo tempo, como um campo de forças, cuja necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos, e como um campo de lutas, no interior do qual os agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para a conservação ou a transformação de sua estrutura (BOURDIEU,1997, p.50).

A Teoria do Campo extrapola as instâncias institucionais, pois ocorre nas teias das relações entre os agentes (ou grupos) “empenhados no jogo” e a sociedade. A posição de cada agente<sup>182</sup> é resultado dessa interação, ou seja, entre o comportamento dos atores e as estruturas e condicionamentos sociais. Trata-se de um embate “contemporâneo e temporalmente discordante”.

A dinâmica desse movimento ocorre em função da posição ocupada e da aproximação, ou distanciamento, entre o “volume global de capital” (capital econômico e o capital cultural), que são princípios da diferenciação<sup>183</sup>. Conhecer os agentes é desvendar “as relações objetivas entre as posições relativas que uns e outros ocupam no campo” e “determinar a forma das interações”<sup>184</sup>.

No “reconhecimento das posições cobiçadas”, os agentes lutam com marcas distintivas, ações, representações, *habitus*, na conservação ou transformação dos interesses e crenças. Deste modo, “as forças envolvidas nessas lutas e a orientação, conservadora ou subversiva, que lhes é dada, dependem da “taxa de câmbio” entre os

---

<sup>182</sup>BOURDIEU (1996, p.269-279).

<sup>183</sup> Saliento que a teoria do campo é relacional no tempo e espaço, a este respeito, consultar BOURDIEU (1997, p.49).

<sup>184</sup> BOURDIEU, 1996, p.208.

tipos de capital, isto é, daquilo mesmo que essas lutas visam conservar ou transformar  
“185

No embate da inserção e consolidação da ginástica nas escolas fortalezense os agentes eram encarregados de “produzindo-se e reproduzindo-se”<sup>186</sup> o *habitus* do corpo “sadio”, “educado” e “cívico”. De um lado, políticos, militares, médicos, bacharéis e educadores. E, no extremo, os menos munidos de capital econômico e/ou de capital cultural (dependendo da posição dos consagrados).

No jogo e no movimento de inserção da ginástica nas atividades escolares, destaco os militares, médicos, advogados, educadores e o ginasta “marginalizado” como agentes (grupos) pela inserção da ginástica na escola, porém, na regência da ginástica à frente da escola, destaco os instrutores- militares que, no decorrer histórico tiveram a consagração para tal atividade e, na outra ponta, o civil, que de início, era o acrobata “marginal”, até chegar à normalista que, apesar de uma formação pelos próprios instrutores – militares, por volta da década de 1920, encontra autonomia para criar a prática pedagógica diferente dos militares.

A decisão de tomar o grupo como referência está na impossibilidade de separar a ação de um militar ou de médico e educador, pois, há instituições em que os médicos foram militares e educadores, como também combinarem outras configurações, como, por exemplo, educadores-médicos e etc.

Outro fator que se deve considerar é o trânsito das idéias e o movimento de professores, médicos, militares em outros estabelecimentos educacionais. Além do mais concordo com Paiva, pois,

Essa discussão da “militarização” da Educação Física traz novas luzes para pensarmos a constituição do campo”. O reconhecimento de um projeto político – pedagógico impõe rever o estereótipo de que militarização da educação física traduz/ reduz a figura de sargentos que sabiam bem entonar vozes de comando atuando nas escolas. Esse projeto se constrói tendo como pano de fundo uma educação da paz, que perspectivava o Exército como uma escola de consciência defensiva, de civismo e de paz e não de violência ofensiva, o que coloca em xeque a deixa de que a “educação física militarista” objetivava a educação para suportar o combate, a luta e a guerra (GHIRALDELLI JUNIOR, 1988). Mais do que a formação do cidadão – soldado, parece estar em jogo à incorporação de toda a formação doutrinária que sustenta o próprio Exército, qual seja, a que ser disciplinado é aceitar, sem objeções e como convicção, a necessidade de uma lei comum, reguladora e coordenadora dos esforços de seus quadros (FERREIRA

<sup>185</sup> BOURDIEU, 1997, p. 52.

<sup>186</sup> Ob. Cit, p.198.

NETO, 1997) (...) Há que se considerar que há médicos na corporação militar e militares (e médicos) transitando na área educacional (2004, p.56).

Tal fato não significa que, em uma fase posterior, a Educação Física escolar tivesse sua fase “militarista”, no entanto, nos avanços e recuos históricos, a formação interna dessa disciplina no ensino formal caminha para a tentativa da distinção pedagógica e crítica, problemas peculiares na constituição do próprio campo.

Um fator a ser considerado, porém, foi a mudança na estrutura interna da regência da aula de ginástica com a participação do civil, o que não significa uma mudança radical, mas representa significativo passo na configuração de poder nesse campo.

No recorte deste trabalho, finalizo com a contribuição das normalistas, sem tencionar dizer que a história desse campo tenha estacionado. Os instrutores-militares não eram apenas os “consagrados” mas, também formadores de códigos, um elemento avançado de uma classe em ascensão.

Esses breves exemplos servem para mostrar ao mesmo tempo as possibilidades e os limites dos agentes do campo.

### **1.3.1 Militares, médicos, advogados e educadores e a normalista.**

É inegável a influência dos militares na Educação Física brasileira. Se hoje menos do que no passado, o legado militar é facilmente observável nessa disciplina escolar, já vão longe os dias em que a Educação Física (instrução física, ginástica, treinamento físico, esporte) participa da formação do militar (Exército, Marinha), corriqueiramente, e complementando a instrução militar (ordem unida, armamento, instrução teórica em sala etc.).

Recorro, todavia a uma breve retrospectiva para evidenciar que a participação dos militares na formação física do brasileiro, em particular do fortalezense, se efetivou com a saída da família real portuguesa para o Brasil (1808). Acompanhando a família Bragança, estavam os mestres de Artes Liberais (dança,

equitação, esgrima) que atuavam no Real Colégio dos Nobres de Lisboa (1761-1837)

187.

Essa instituição destaca-se por ter sido o primeiro estabelecimento oficial a possuir, no seu *currículum*, as disciplinas de dança, equitação e esgrima na formação dos meninos da aristocracia, ou seja, “disciplinas como as artes liberais eram um símbolo de classe, e inacessíveis a população em geral”.

Após a extinção do Colégio, suas atividades foram divididas com a Academia dos Guardas Marinha e, finalmente, com aquilo que viria a ser, em Portugal, o Colégio Militar.

Com a chegada da realeza ao Brasil, vários órgãos foram criados, entre eles, o Exército brasileiro<sup>188</sup> (junção das tropas portuguesas com as forças locais) e a primeira Escola Militar (denominada Academia Real Militar pela Carta Régia de 4 de dezembro de 1810) que iniciou suas atividades somente em 23 de abril de 1811.

Na foto abaixo (FIGURA 03), é possível constatar a proximidade do fardamento do primeiro regimento de milícias (Bahia, 1806) com o uniforme dos alunos do Colégio Militar.



FIGURA 03. Primeiro Regimento de Milícias (Bahia, 1806 - visual gráfico/Carlos Ribeiro-Lisboa-rev. Defesa Nacional -[1937?,Lisboa: Lit. de Portugal) IN Site da Biblioteca Nacional(<http://purl.pt/1161->

<sup>187</sup> HASSE, 1981.

<sup>188</sup>A Constituição de 1824 legitimou juridicamente o Exército Nacional (MAGALHÃES, 1949, p.531).



[Data](#) provável baseada no período da publicação da revista Defesa Nacional. Ficha Bibliográfica (visualização 1SBD)[611849] CDU 356181"1806"CD8421.

FIGURA 04-Alunos do Colégio Militar de Portugal, 1806. (Ib.Idem).

Como também, é possível acompanhar a formação em fileira o rigor do disciplinamento, o fardamento e a obediência ao superior, conforme a foto (FIGURA 04) abaixo:

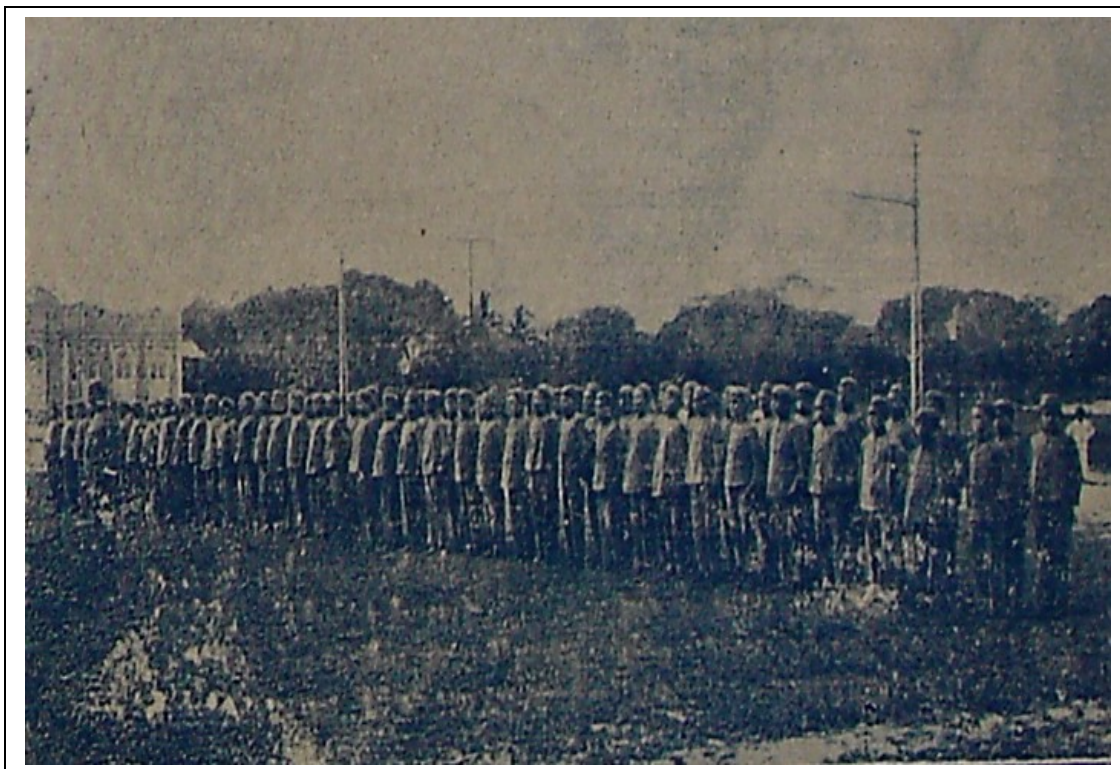


FIGURA 04. Instrução de recrutas pelo Colégio Militar do Ceará. Fonte: CEARÁ ILUSTRADO, 1925.

Pelo Decreto n. 2.116, de 11 de março de 1858, a esgrima e a natação estavam presentes nos Cursos de Infantaria e Cavalaria da Escola Militar<sup>189</sup>, além de estabelecer o acréscimo da prática da ginástica nos Cursos Preparatórios à Escola Militar (Decreto n.3705, de 22 de setembro em 1866). Oito anos depois, acontecia a inclusão, nos cursos da Escola Militar de ginástica, esgrima, equitação e natação, regulamentada pelo Decreto n. 5.529, de 17 de janeiro de 1874.

---

<sup>189</sup> MARINHO, [S.D.], p.25.

A Reforma Benjamin Constant<sup>190</sup> (1890) representou mudanças nos estabelecimentos de ensino (entre eles, as escolas do Exército) e no Regulamento da Instrução Primária e Secundária do Distrito Federal (Decreto n.981, de 8 de novembro de 1890), Regulamento para o Ginásio Nacional (Decreto n.1.075, de 22 de novembro de 1890) e na criação e aprovação do Regulamento do Conselho de Instrução Superior (Decreto n. 1232-G, de 2 de janeiro de 1891).

O “hálito da Pátria”<sup>191</sup> despertava nos republicanos o desejo de fazer um país “moderno”, “industrial” e “progressista” diferente, portanto, da “velha” Monarquia “tradicional”, “atrasada” e “arcaica”. As idéias de Comte inspiravam os jovens oficiais do Exército<sup>192</sup> e acreditavam que “no positivismo tem não *um*, mas *a* solução de todos os problemas brasileiros”<sup>193</sup>.

A necessidade de estruturar o Exército levou oficiais brasileiros à Alemanha para aprender o uso das grandes manobras militares. No retorno, os militares trouxeram e adotaram o método alemão de ginástica nos quartéis brasileiros, nos meados de 1860 até 1912. Soares<sup>194</sup> afirma que, “quanto às escolas primárias, o método alemão não é considerado pelos brasileiros como o mais adequado. Rui Barbosa o combateu para as escolas preferindo que as mesmas adotassem o método sueco” (1998, p.70).

Naquela ocasião, foi nomeado, “Pedro Guilhermino Meyer, alemão, para a função de contra - mestre de Ginástica da Escola Militar”<sup>195</sup>, além da contribuição dos imigrantes alemães e dos soldados prussianos da Guarda Imperial<sup>196</sup> na implantação desse método no Brasil.

A Constituição de 24 de fevereiro de 1891 eliminava o recrutamento militar forçado (§3º), período marcado por tantas histórias tristes de famílias naqueles dias distantes da Guerra do Paraguai (1864-1870). Para aumentar o contingente, o Art. 86

---

<sup>190</sup> A respeito das reformas, consultar NAGLE (1974), entre outros. VIEIRA (2002, p. 131) explica que: “Os conturbados tempos da Primeira República trazem com eles anseios de mudança na educação. Inúmeros são os projetos de reforma concebidos no período: Reforma Benjamin Constant (1890), Reforma Epitácio Pessoa (1901), Reforma Rivadavia Corrêa (1911), Reforma Carlos Maximiliano (1915) e Reforma João Luis Alves (1925)”.

<sup>191</sup> O escritor Lima Barreto, na obra *Triste Fim de Policarpo de Quaresma* (1993), revela através do personagem Policarpo o patriotismo da época.

<sup>192</sup> Apesar de o Exército brasileiro recorrer às idéias positivistas, como suporte na reconstrução do País “Moderno”, não havia homogeneidade na visão daquela corrente de pensamento na própria Instituição.

<sup>193</sup> Ver FREYRE, 1947, p. 196.

<sup>194</sup> Ver também SOARES (1994).

<sup>195</sup> Consultar CASTELLANI FILHO, 1994, p.34.

<sup>196</sup> SOARES, 1994, p. 70.

obrigava todos brasileiros a prestar “o serviço militar, em defesa da Pátria e da Constituição, na forma das leis federais”. Ficando a cargo da União a “instrução militar dos corpos e armas e instrução militar superior” (§ 2º).

Como conseqüência do disposto na Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, o ensino militar passava pela reforma: “desdobrando-se a Escola Militar da Côrte, em Escola Militar para a formação de oficiais de infantaria e cavalaria, e em Escola Superior de Guerra, para a de oficiais de artilharia, estado maior e engenheiros”.

Nesse contexto, criou-se a Escola Militar do Ceará<sup>197</sup> para a formação de infantes e cavalarianos. A Escola Militar do Ceará teve várias escolas, ou fases, a saber: 1º Fase -1889-1897; 2º Fase: 1919- 1938 e, 3º Fase, de 1938 –1942. Em todas as fases dessa Instituição, a ginástica estava presente.

Na Escola Militar da Corte, o método alemão, até então adotado foi substituído pelo método francês. A implantação oficial, no entanto, acontecia no dia 12 de abril de 1921 pelo Decreto n. 14.784<sup>198</sup>, na Força Pública do Estado de São Paulo, originando, posteriormente, a Escola de Educação Física do Estado de São Paulo<sup>199</sup>. Um ano após, o Ministério da Guerra, cria o Centro Militar de Educação Física (Portaria de 10 de janeiro de 1922) com a missão de “dirigir, coordenar e difundir o novo método de Educação Física e suas aplicações desportivas”<sup>200</sup>.

O Centro Militar de Educação Física, que só veio funcionar anos depois, foi responsável pela formação dos primeiros professores civis através do Curso Provisório de Educação Física e foi respaldado pelo Anteprojeto de Lei de 1929, que determinava a adoção do método francês<sup>201</sup> nas instituições educacionais, apesar das críticas da Associação Brasileira de Educação (ABE). Eis o Anteprojeto na íntegra:

Elaborado pela Comissão composta dos Senhores Deputados Artur Lemos, Dr. Fernando de Azevedo, Prof. Faustino Esposel, Drs. Renato Pacheco, Armando Guinle, Jorge Machado, Comandante Jair de Albuquerque, Tenentes Inácio de Freitas Rolim e Jair Dantas Ribeiro, sob a presidência do General Neston Sezefredo dos Passos, então Ministro da Guerra, sofreu

---

<sup>197</sup> A Escola Militar do Ceará teve várias escolas, ou fases, a saber: 1º Fase -1889-1897; 2º Fase: 1919-1938 e, 3º Fase, de 1938-1942. Em todas as fases dessa Instituição, a ginástica estava presente.

<sup>198</sup> SOARES, 1998.

<sup>199</sup> Em 1931, teve a origem a Escola Superior de Educação Física, em São Paulo (SOARES, 1994).

<sup>200</sup> CASTELLANI FILHO, 1994, p.34.

<sup>201</sup> Importante destacar que não foram encontrados resquícios do Método Francês nem o Método Alemão nas escolas pesquisas de Fortaleza, no período em estudo.

severa crítica da Associação Brasileira de Educação, que apresentou as seguintes sugestões: 1º-Convém ser criada pelo Governo Federal a Escola de Educação Física, tendo, entre outros objetivos, o fim precípua de preparar instrutores civis destinados às escolas primárias, secundárias e normais do País, conforme acôrdo que se fará, com os governos dos Estados. 2º-Êsse Instituto será anexo à Universidade do Rio de Janeiro. 3º-Como êle ainda tardará a fornecer os instrutores necessários, o govêrno federal deve ficar autorizado desde já a contratarem técnicos e a pô-los, sem ônus, à disposição dos Estados de menores recursos. Esses técnicos se incumbirão de nêles orientar a Educação Física, junto às respectivas diretorias de Instrução Pública. 4º-Tanto os professores do Instituto acima projetado com os técnicos a que se refere a sugestão anterior, serão escolhidos dentre indivíduos, nacionais ou estrangeiros, que tenham certificados de institutos de Educação Física de reputação mundial.5º-Para a regulamentação do Instituto em projeto e para a indicação dos estabelecimentos onde devem ser buscados os técnicos necessários, convém ser criada uma comissão de educação. Subordinada ao Ministério do Interior, e composta de membros honorários representando os educadores, os médicos e os especialistas em Educação Física (COSTA, 1971.p.379).

Inquestionável a contribuição dos militares na constituição do campo da Educação Física. Ferreira Neto comenta que a participação dos militares estava “em todos os Regulamentos do Ensino no Exército, entre 1905 e 1945”, seja na forma de “Instrução Física, Ginástica ou mesmo Educação Física”<sup>202</sup>.

Na Corte Imperial, os militares foram os primeiros mestres<sup>203</sup> no Colégio Pedro II e não foi diferente em Fortaleza. Das escolas militares (Escola Militar e Escola Aprendizes de Marinheiros), saíram os primeiros instrutores, levando idéias e práticas ao ensino civil, como, por exemplo, Liceu, Escola Aprendizes de Artífices, Escola Normal, Colégio Cearense do Sagrado Coração, Colégio Castelo Branco.

Também não se pode negar a contribuição dos médicos em prol da ginástica e, posteriormente, da Educação Física escolar. Era constante a preocupação presente em várias teses das faculdades de Medicina<sup>204</sup> no Brasil em estudo.

Os “médicos de família”, desde o Brasil - Colônia<sup>205</sup>, curavam, aconselhavam, criticavam os exageros da adoção da moda européia nos trópicos<sup>206</sup> e também eram os ouvintes dos segredos familiares numa época que ”duas as pessoas

---

<sup>202</sup> FERREIRA NETO, 1997.

<sup>203</sup> O estudo de CUNHA JUNIOR (2003, p.71). mostra o processo de escolarização dos “exercícios gymnasticos” no Colégio D. Pedro II, no período de 1841 a 1870. O autor explica que, embora a ginástica da Instituição tenha iniciado em 1841, somente em 1855, através do Decreto de 17 de fevereiro de 1856, houve o reconhecimento oficial no Colégio, dadas as ”iniciativas tomadas no interior da própria instituição”.

<sup>204</sup> Ver MARINHO, [S.D].

<sup>205</sup> Examinar COSTA (1983).

<sup>206</sup> Consultar FREYRE (1947 e 1951).

respeitáveis dessa época: o padre da paróquia (qual o Pe. Nini, do Patrocínio) e o médico, de verdade, ‘o médico da família’”, em nosso caso o Dr. Antônio Justa. O doutor sabia todos os segredos, principalmente, aqueles escamoteados por pudicícia, ao próprio confessor também dos de casa<sup>207</sup>.

Naquela época, alguns jovens, de famílias providas de recursos, saiam do Ceará para cursar a Faculdade de Medicina na Bahia, São Paulo e/ou Rio de Janeiro, Faculdade de Direito de Recife, bem como outros locais.

Na efervescência dos debates crescia a publicação de livros, teses e outros trabalhos em torno da higiene, ginástica, escola e da *Educação Physica*, empregada no sentido amplo da palavra.

Marinho [S.D.] menciona a existência do primeiro livro editado no Brasil sobre Educação Física de Joaquim Jerônimo Serpa, *Tratado de Educação Física Moral dos Meninos* em Pernambuco (1828). O *Tratado* foi extraído das obras de Mr. Gardien. E nele o autor segue a influência de Spencer. Como, por exemplo, o Dr. Manoel Pereira da Silva Ubatuba, *Algumas Considerações sobre a Educação Física* (tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1845).

No Município do Rio de Janeiro, Marinho mostra que, em 1837, o deputado Antônio Ferreira França apresenta o projeto para a criação de uma “sociedade escolar” em cada paróquia do Município e, nelas, a cadeira de **“de ginástica e defesa do corpo, compreendidas de nado, equitação e dança, de música nacional” (grifo meu)**; o bacharel Luiz Carlos Moniz Barreto, *Tratado de Educação Física e Moral* de ambos os sexos (em 1787); o Dr. Francisco de Melo Franco, *Tratado da Educação Física dos Meninos para uso da Nação Portuguesa* (publicada por ordem da Academia Rural das Ciências de Lisboa –MDCC-XC- Biblioteca Nacional, 1890); Francisco José de Almeida, *Tratado de Educação Física dos Meninos para uso da Nação Portuguesa* (publicado por ordem da Academia Real das Ciências por Francisco José de Almeida, Lisboa, MDCC. XCI, Biblioteca Nacional, 1891); Presidente Toureiro Aranha, da “Província das Amazonas” (1852), promulgou um Regulamento para a instrução pública primária, que estabelecia a educação física, moral e intelectual (Ob. Cit).

Intelectuais cearenses não ficaram indiferentes às discussões nacionais. “Antenados” com os debates, participavam de congressos, a exemplo do 4º Congresso

---

<sup>207</sup> Ver CAMPOS, 1996, p. 73.

Médico Latino – Americano no Rio de Janeiro, em 1910, cabendo ao Dr. Barão de Studart, Presidente do Comitê do Ceará, apresentar o trabalho “Climatologias, Epidemias e Endemias do Ceará”.

Os médicos participavam das decisões familiares, da rotina e ordenamento urbano da cidade. Eles compartilhavam das decisões dos prédios<sup>208</sup>, práticas pedagógicas nas escolas de Fortaleza, além de lecionar, examinar as condições físicas dos alunos<sup>209</sup>, participar do Corpo de Saúde do Colégio Militar<sup>210</sup> e avaliar fisicamente os alunos e ainda administravam os órgãos públicos, como, por exemplo, a Directoria Geral de Hygiene<sup>211</sup>.

Exemplo significativo é a averiguação do “Índice de Robustez” na Escola de Aprendizes Marinheiro que se calculava: “a altura do individuo deve ser abatida do producto da somma dos perímetros thorácicos na maior inspiração, do índice da respiração, dos diâmetros bideltodianos e bitrochanterianos, e a diferença dará o índice da robustez da seguinte maneira”. Eis a tabela:

Diferença para menos de 10 =fraquíssimo,  
Diferença para menos de 9 a 5 = fraco  
Diferença para menos de 4 a 1=regular  
Diferença para menos de 1 a 5=bom  
Diferença para menos de 6 a 10 = robusto  
Diferença para menos de 11 a 20 = muito robusto  
Diferença para menos para mais de 21=excepcional

Exemplo:

38+32+7+2

Diâmetro bideltodiano, ilhargas perímetro índice é igual a 146.

Altura 161

15 o que é =fraquíssimo.

O perímetro thoraxico é tomado com a fita métrica passada logo abaixo do vértice da omoplata e sobre o mamelão

10ª o índice de respiração e o perímetro thoraxico somado na maior inspiração

11 as inspecções serão feitas no acto da admissão e um anno depois.

---

<sup>208</sup> PINHO, 2003.

<sup>209</sup> No Liceu do Ceará, antes das atividades físicas, os alunos eram avaliados pelos Dr. Clovis Catunda e João Pombo (SABÓIA, S/D, p.41). PRIMITIVO menciona que entre as exigências para a matrícula no primeiro ano da Escola Normal da Corte, era imprescindível o exame médico para avaliar as condições físicas das normalistas.

(1938, p.303).

<sup>210</sup> No quadro docente estavam o militar, oficial instrutor, professor civil e coadjuvante e o Corpo de Saúde composto por médico, farmacêutico e enfermeiro. Maiores informações na REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ, 1959, p.176.

<sup>211</sup> Regida pelo regulamento aprovado pelo Decreto Legislativo n. 1643, de 8 de novembro de 1918, era administrada pelo Diretor-Geral, Dr. José Paracampos (ALMANACH DO CEARÁ de 1922).

A presunção da robustez física da tabella supra não exclui, de modo algum, os exames clínicos para conhecimentos do estado hídrico do examinando, e é assim que eles devem ser escrupulosamente feitos, bem como os de acuidades visual e auditiva, as pesquisas dos tumores adenóides, etc. (DECRETO n. 11. 479, de 10 de fevereiro de 1915).

Com base nos cálculos da tabela, os jovens aprendizes tinham as condições físicas aprovadas ou reprovadas. A Lei n.1.953, 2 de agosto de 1922, o papel da Inspeção Médico-Escolar no Estado do Ceará era:

Art. 5º - Fica criada a inspeção médico-escolar que funcionará apenas à Diretoria da Instrução tendo o seguinte objetivo:

1º) tratar gratuitamente das principais doenças endêmicas e das moléstias de olhos, nariz e garganta, os alunos pobres das escolas públicas e particulares que o solicitarem;

2º) aplicar, nas casas de ensino, as medidas profiláticas determinadas pela legislação sanitária;

3º) vacinar e revacinar os professores, alunos e empregados das escolas;

4º) verificar se satisfaz as condições higiênicas dos prédios, onde particulares pretendem instalar colégios ou cursos;

5) examinar os professores e demais funcionários do ensino, para a concessão de licença, disponibilidade ou aposentadoria.

Art. 6º - Fica o Governo do Estado autorizado a contratar um médico para esse serviço, na capital do Estado.

Parágrafo Único – Lei especial fixará a gratificação que deverá perceber o médico contratado (Lei n. 1.953 de 02 de agosto de 1922 In NOGUEIRA, 2001, p.233).

Aliás, o Art. 28, da referida Lei, sob pena de sofrer punições, os "professores e directores dos estabelecimentos são obrigados a facultar a visita dos médicos escolares".

Os médicos utilizavam a mensuração como racionalização do controle do corpo do escolar, mas também intervieram no campo da educação, higiene, eugenia e da ginástica. No centro da discussão, estava o consenso em torno da escola como espaço difusor das discussões, ações e práticas de higiene, saúde, corpo e educação escolar<sup>212</sup>.

A circulação das idéias chegava à Faculdade Livre de Direito<sup>213</sup> e saía das salas de aula para as ruas, Praça do Ferreira, clubes literários, filosóficos e até mesmo nos quiosques, nas práticas<sup>214</sup> corriqueiras e nos congressos, da época; como, por

<sup>212</sup> Consultar GONDRA, 2004, p.122.

<sup>213</sup> Inaugurada no dia 01 de março de 1903. Maiores informações em ANDRADE (2005).

<sup>214</sup> Cito a defesa do advogado Sr. Virgílio Augusto de Moraes que defendeu, em nome da saúde, o banho de mar das "mulheres alegres" em 1925, na Praia do Peixe (hoje, Praia de Iracema).

exemplo, o Sexto Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia<sup>215</sup>, em São Paulo, 1906, que contou com a participação do fortalezense, Dr. José Francisco Jorge de Souza.

Nesse evento, o professor da cadeira de Medicina Pública da Faculdade Livre de Direito discursou<sup>216</sup> sobre a “educação física e da inspeção médica nas escolas”. Porque a “Educação Física” era tratada como questão da Medicina pública e o catedrático propunha instituir o ensino obrigatório da *gymnastica* higiênica em todos os estabelecimentos de instrução primária, secundária e profissional. E mais: alertava para os perigos dos abusos dos “exercícios *athéticos* e diferentes gêneros de *sports*, particularmente o *foot - ball*”, e que estes deveriam ser praticados conforme “os preceitos da *hygiene*, sob pena dos mais duráveis perigos para a saúde pública e o futuro da raça”,

A tese do professor foi tão bem aceita pelos participantes que, com base no seu discurso, uma moção de apoio foi formulada e aprovada:

Tendo sido convidado este Estado a fazer-se representar no Sexto Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, que se reuniu na Capital do Estado de São Paulo, em setembro do anno passado, nomeaste delegado ao mesmo Congresso o Dr. José Francisco Jorge de Souza, lente substituto da cadeira de Medicina Pública da Faculdade de Direito. Como representou elle o nosso Estado, verifica-se do acolhimento que, por parte da imprensa de São Paulo e do Rio, mereceu a sua attitude n’aquele Congresso, com também das referências com que o próprio Congresso precedeu a apresentação da Moção a que deu origem a “A Memória” do nosso representante. “A secção de Medicina Pública, do mesmo Congresso, tendo ouvido com a mais viva satisfação a leitura da brilhante e erudita Memória do Exmº Sr Professor Dr Jorge de Souza” sobre a necessidade da educação física e da inspeção médica nas escolas”, cujas conclusões summarias foram approvadas com unísonos applausos e, tendo julgado de grande importância palpitante interesse o assumpto de que é objeto aquella scientifica e patriótica these, resolver, pelo órgão da commissão nomeada, e de accordo com os considerados que formulou, apresenta a seguinte

#### MOÇÃO

Art 1-O Sexto Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia propõe aos poderes públicos do paiz q seja estabelecido o ensino obrigatório da gymnastico higienica em todos os estabelecimentos de instrucción primária, secundária e profissional.

Art. 2- O Sexto Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia resolve chamar a attenção para os inconvenientes resultantes do abuso que se vaes desenvolvendo no paiz como os exercicios atheticos e diferentes gêneros de *sports*, particularmente o *foot - ball*, cujo uso precisa ser devidamente regulamentado, conforme os preceitos da *hygiene*, sob pena dos mais duráveis perigos para a saúde pública e o futuro da raça.

---

<sup>215</sup>Faculdade Livre de Direito, Relatório Apresentado ao Exm. Senhor Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly, Presidente do Estado do Ceará pelo Secretário de Estado dos Negócios do Interior, José Pompeu Pinto Accioly, junho de 1908, Ceará, Fortaleza.

<sup>216</sup> Ob. Cit.



Art. 3- O Sexto Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia pede que seja organizado e executado o serviço regular de inspeção medica obrigatória em todos os estabelecimentos de instrução. São Paulo, 14 de set de 1907. A comissão: Dr. Carlos Rodrigues de Vasconcelos, relator - Dr. J. f. Jorge de Souza, - Dr. Alfredo de Brito - Dr. Nascimento Gurgel (Relatório Apresentado ao Exm Sr. Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly, Presidente do Estado do Ceará pela Secretaria de Estado dos Negócios do Interior José Pompeu Pinto Accioly junho de 1908, p.19-20).

Conforme demonstrado, os advogados também participavam da constituição do campo da ginástica escolar em Fortaleza e no Brasil<sup>217</sup>. Aumentavam o número e a abrangência de adeptos da ginástica escolar, como as autoridades políticas<sup>218</sup> e os educadores, entre eles, as normalistas de Fortaleza que davam sua de contribuição.

As Leis do Ensino do Estado (Lei nº. 743 de 22 de outubro de 1833, §4) tratam da obrigação dos professores na vigilância “no asseio e limpeza da escola e alunos”<sup>219</sup>. A preocupação com a higiene na escola crescia e encaminhava para a defesa da *Educação Physica* das crianças. A este respeito, segue o relatório encaminhado à Assembléia pelo Sr. Pedro Leão Veloso, Presidente do Ceará, em 1881, da seguinte forma:

É questão vital a de casas para escolas, porquanto se prejudicam, por falta delas, uma grande parte dos problemas da educação, como higiene, **a educação física (grifo meu)**, os métodos, a obrigatoriedade do ensino e outros muitos pontos. A edificação de casa para escolas deve hoje valer o que, noutras épocas, já valeu a construção dos templos (Relatório do Presidente do Ceará, Sr. Pedro Leão Veloso, 1881, APUD OLINDA, 2004, p.23).

Também, no entanto, crescia a preocupação com as brincadeiras nas escolas. É tanto que, o Regulamento de 1905, da Instrução Primária do Estado, abordava os direitos e deveres dos alunos, entre eles, “abster-se de movimentos violentos nocivos à saúde” na hora do recreio<sup>220</sup>.

---

<sup>217</sup> O exemplo mais recorrente foi a participação de Rui Barbosa (1849-1923) que, como relator da “Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares”, recomendava que as mulheres praticassem a calistenia, conforme a condição de ser o “sexo frágil”, enquanto os homens, a ginástica sueca e os exercícios militares.

<sup>218</sup> Saliento que a ginástica estava na instrução primária e secundária na Corte, e estendia para o Colégio D. Pedro II com o Regulamento de 17 de fevereiro de 1854. Maiores informações ALMEIDA, 2000, p. 92.

<sup>219</sup> DOCUMENTOS. Revista do Arquivo Público do Ceará: História e Educação N. 2. Fortaleza: Arquivo Público do Estado do Ceará, 2006. Texto Integral das Leis do Ensino.

<sup>220</sup> Ver VIEIRA In [www.anped.org.br/reuinoes/26/trabalhos/sofialerschevieira.rtf](http://www.anped.org.br/reuinoes/26/trabalhos/sofialerschevieira.rtf) (acesso: 5/10/2007, 17h00minh).

O movimento dos agentes ultrapassava as fronteiras fixas e a estagnação das idéias. Na dinâmica dos agentes, educadores reuniam-se nos congressos para discutir reformas no ensino primário e secundário. Em algumas ocasiões, a pauta das discussões dizia respeito às medidas higiênicas para serem implantadas nos estabelecimentos educacionais. Cito o exemplo do 2º Congresso Brasileiro de Instrução Primária e Secundária, em Belo Horizonte, no dia 28 de setembro de 1912.

Nesse evento<sup>221</sup> estavam diretores e professores de estabelecimento públicos e particulares, entre os quais, fortalezenses, para discutir o ensino primário e secundário (desde que pagassem as taxas de adesões). Entre os pontos em pauta estava a tese VI, que discutia “Quaes os “sports” ou exercícios phisicos mais salutaes e convenientes á educação physica da infância, de accordo com as condições mesologicas do nosso paiz, e além da gymnastica escolar de uso já generalizado no Brasil?”<sup>222</sup>

O calor das discussões repercutia na Assembléia Estadual com a mensagem do Exmº Senhor coronel Carvalho Motta, solicitando reforma completa no ensino primário com adoção de medidas higiênicas. Eis a mensagem:

(...) Penso que todas as aulas primária da capital deviam ser substituídas por grupos escolares com a maior brevidade possível. Julgo necessária uma vigorosa fiscalização do ensino primário e secundário. Lembro para este fim a criação de uma Directoria Geral da Instrução Pública, que poderá prestar valiosos serviços ao ensino público e mesmo ao particular, pois seria de muita conveniência que a sua ação se estendesse aos collegios e escolas particulares aconselhando medidas hygienicas, informando-se dos methodos de ensino adoptados, afim de analiyse-os nos relatórios anuais apresentados ao governo (2º Congresso Brasileiro de Instrução Primária e Secundária, REVISTA DO INSTITUTO DE HUMANIDADE, 1912, ano VIII, n.90, abril, v. IX, p. 23).

Saindo do plano dos debates e adentrando as salas de formação das professoras do ensino primário, era exigido que a normalista fosse “sadia, exercitada, instruída”<sup>223</sup>. Uma professora “criteriosa, sensata, digna; nunca, porém um typo escandaloso” com “cultura intellectual, aptidão pedagógica e idoneidade moral”<sup>224</sup>.

---

<sup>221</sup> O Congresso tinha a seguinte comissão organizadora: “Srs.: Delfim Moreira, Presidente; Luiz Pessanha, Secretário; Estevão Pinto, Thesoureiro; Nelson de Semna, Crypiano de Carvalho, Rodolpho Jacob e Leon Renault”. Ver Revista Escolar do Instituto de Humanidade (Ano VIII, n.90, ABRIL DE 1912, V. IX, N. 4).

<sup>222</sup> Revista Escolar do Instituto de Humanidades, Anno VIII, n.90, ABRIL DE 1912, V. IX, N. 4.

<sup>223</sup> Diário do Ceará, 20 de janeiro de 1923.

<sup>224</sup> REVISTA DO INSTITUTO. O ensino secundário pelo Dr. Antonio Theodorico da Costa, Tomo 41, p.223,1927.

O método ativo, aos poucos, destacava diante do método movido pela palmatória<sup>225</sup> e da educação voltada unicamente para o desenvolvimento intelectual. Assim, educadores foram engajados pela aplicação dessa nova forma de ensinar, como, por exemplo, Lourenço Filho (1897-1970), que veio a convite do então Presidente Justiniano de Serpa para a reorganização da instrução pública do Estado (Decreto n. 474, de 02 de janeiro de 1923) que, pela Lei n. 1.953, de 02 de agosto de 1922, tomou a seguinte compreensão:

- 1º - o ensino preliminar, de três anos, que será ministrado nas escolas isoladas e reunidas;
- 2º - ensino primário integral, de 4 anos, nos Grupos Escolares (Título VII);
- 3º - o ensino complementar, de 2 anos, na Escola Complementar (Título V);
- 4º - o ensino secundário especial no Liceu e na Escola Normal;
- 5º - o ensino profissional, nas escolas profissionais a serem criadas;
- 6º - o ensino superior, na Faculdade de Direito da Capital (Lei, n. 1.953/22, Título I, Art.1 In NOGUEIRA 2001, p. 217).

O educador paulista permaneceu de abril de 1922 a dezembro de 1923 na Capital cearense. Em 1922, publica o programa de ensino da Escola Normal. Entre vários pontos, consta o conteúdo da Educação Física<sup>226</sup> que devia ser ministrado nesta escola padrão.

No programa, o autor explica a “metodologia da educação física (ginástica) a educação do corpo, como deve ser entendida: não formar atletas, mas homens equilibrados e sãos. Meios práticos para a educação física na escola: a ginástica educativa e os jogos. Valor de uma e outros. O esporte. Marcha do ensino e cuidados higiênicos”<sup>227</sup>

Lourenço Filho, então diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, narra como a prática de ginástica e dos esportes era vista com desconfiança pela sociedade cearense. Isto ocorre na Conferência realizada no dia 21 de agosto de 1941, no Palácio Tiradentes, com o patrocínio da Associação Brasileira de Educação Física:

Em relação à educação física, força é dizê-lo, muito temos ainda que caminhar, para criar uma “situação total” favorável, no meio social. Podemos falar como experiência própria, e um pouco longa. Em 1922, ao

<sup>225</sup> Consultar OLINDA (2004), MADEIRA (1999), SILVA (2000).

<sup>226</sup> Programa de ensino de Educação Física (publicado em 1922). Ver LOURENÇO FILHO (2001, p. 66).

<sup>227</sup> LOURENÇO FILHO, 2001, p.66.

[audimos] a prática da educação física, na Escola Normal de uma das capitais do Norte a reação do meio social foi muito grande (...) (LOURENÇO FILHO In Associação Brasileira de Educação Física: Conferência de Educação Física, 1942, p.18).

No programa de “Hygiene” das normalistas incluía-se a “evolução da hygiene, agentes vivos, noção de alimentação, reparação do organismo em trabalho, fadiga e repouso, o alcoolismo, tabagismo, habitação e a hygiene corporal”<sup>228</sup>. Aliás, friso que a “hygiene – físicas e psychicas – estão ligadas á terceira – a hygiene moral”<sup>229</sup>.

Associada à hygiene e à moral, a ginástica consolidou-se e passou a ser chamada de Educação Física “preconizada como “sciencia da saúde”, baseando-se na Physiologia e na Psychologia”. Nesse sentido, destaco a seguinte defesa da “EDUCAÇÃO PHYSICA”<sup>230</sup> pela normalista Aracy Coêlho de Negreiros (1923):

O nosso século é o século dos almofadinhas, dos homens effeminados que se pinam, que lustram os linhos e cujo idéal é bem irrisório – consiste em assimilar o mais perfeitamente possível o typo feminino. Isso, como veremos, claramente não se coaduna com essa vaidade que temos de ser uma nação forte, progressista e civilizada (...) O Brasil precisa de homens! Mas que seja, verdadeiramente, homens, na completa accepção da palavra. Combatamos, vehementemente, essa inércia que nos degrada, esse exagero que nos aniquila e que nos deforma!”(NEGREIROS, 1923, p. 23-5 apud SILVA, 2001, p.175).

Os ensinamentos das normalistas eram repassados aos seus alunos do ensino primário, entre eles ”a Hygienne para que o alumno conheça os preceitos de conservar a saúde; a gymnastica para há pratica methodisada de exercitar e ter vigor physico e assim melhorar o typo brasileiro em suas condições eugênicas”<sup>231</sup>. No programa escolar, as aulas eram distribuídas da seguinte forma:

A primeira parte compete á Hygiene e diz respeito aos indivíduos normaes e o seu papel é ordenar que os exercicios devam ser ministrados de tal forma que não prejudiquem o organismo humano: o exercício não attingirá nunca a fadiga, antes methodicos serão subordinados ao treinamento. A segunda parte pertence á orthopedia, isto é, á Medicina e esta esforçar-se-á por corrigir os defeitos physicos e psychicos e os desvios funcionais. A terceira parte, della se encarrega o exercício (NEGREIROS, 1923 apud, SILVA, 2001, p.178).

<sup>228</sup> Para maiores aprofundamentos, procurar CAVALCANTE (2000).

<sup>229</sup> Ib. Idem.

<sup>230</sup> Infelizmente, no ano de 2006, esse trabalho não foi mais encontrado nos arquivos da Escola, daí a decisão de recorrer ao trabalho de SILVA (2001).

<sup>231</sup> REVISTA DO INSTITUTO, Tomo. 41, p.226, 1927.

O papel das normalistas na inserção e consolidação da ginástica escolar vai além da Escola Normal. Seus discursos e práticas pedagógicas eram irradiados nas escolas primárias do Estado.

O movimento das normalistas escolanovistas<sup>232</sup> utilizava-se da educação dos sentidos, higiene e ginástica na programação escolar, inclusive com a substituição da designação de ginástica para Educação Física, como é conhecida nos dias atuais. A respeito dessa substituição, o educador paulista, Lourenço Filho explica que:

Pôde-se, igualmente, proceder à revisão das idéias correntes quanto ao exercício físico, seus fins e recursos. Embora divergindo, quanto aos tipos de exercícios, concordavam os especialistas em assinalar o importante papel da cultura física na escola, onde deveria figurar em pé de igualdade com a formação educativa integral. A substituição, que então se deu, do nome de ginástica pelo de educação física é, alias, expressivo a esse respeito (1974, p. 52).

### 1.3.2 O acrobata, gymnasta “marginal”

No pólo oposto da luta pela inserção e consolidação da ginástica escolar está o acrobata, mesmo que para isso não seja “resultado de uma intenção, e ainda menos de um plano, de não ser objeto de nenhum acordo entre aqueles que dele se beneficiam”<sup>233</sup>.

Saliento que, no mercado de bens simbólicos<sup>234</sup>, as posições não são interações sociais entre agentes intencionalizados, pois o sujeito não está trabalhando no padrão da consciência (de classe na acepção do marxismo); ele é autônomo e não age com intencionalidade.

As posições, os agentes, o *habitus* e as representações vão se formando de acordo com a pertença<sup>235</sup> da posição - e, não de classe social - que estão em relação de embate de conformação e tensão.

Além do mais, a apropriação dos bens simbólicos não é um consumo meramente passivo. Não se trata de uma imposição e, sim de reconhecimento. Na

---

<sup>232</sup> Sobre o movimento da Escola Nova, procurar SOUZA (2002), CARVALHO (1998) e MAGALDI (2002). E, sobre a formação do professorado de gymnastica, consultar SOUSA (2003).

<sup>233</sup> BOURDIEU, 1997, p.108.

<sup>234</sup> Para BOURDIEU, 2002, p.99.

<sup>235</sup> BOURDIEU, 1996, p.154.

Teoria de Ação de Bourdieu, existe a disposição para a recepção que confere representação, interpretação e ressignificação. Na produção ampliada, o que se discute é o circuito de relações, divulgação, recepção, produção e as instâncias de reprodução e consagração<sup>236</sup>.

Ressalto que, na inserção da ginástica na escola, o que estava em evidência era a educação do corpo dos escolares que, no desenvolvimento do sistema de produção de bens simbólico torna-se mercadoria e significações<sup>237</sup>.

Assim, partindo dos princípios da Biologia, Fisiologia e Anatomia, a ginástica é vinculada às “bases científicas”, conquista *status* social e, em determinadas situações, é denominada de ginástica científica, moderna, corretiva e pedagógica<sup>238</sup>.

E nos fundamentos do que eram considerados “científica e moderna”, médicos, educadores e jurista classificavam e condenavam práticas corporais e físicas que fugiam aquelas “formas discursivas e de intervenção do poder sobre o controle dos gestos”<sup>239</sup> a exemplo da profissão de acrobata, como explica a autora abaixo,

Este discurso e esta prática constituem uma dada mentalidade que, lenta, vai perdurar até o século XIX, quando o acrobata é, ainda, objeto de controle por parte do poder, pois sua gestualidade revela um caráter inútil, de entretenimento, onde o uso das forças físicas não indica a utilidade das ações requerida por um poder que deseja construir uma sociedade prática, pragmática e científica. Está em curso a construção de uma estética traduzida por uma gestualidade onde o corpo útil e higiênico é afirmado e a Ginástica, versão virtuosa e científica da acrobacia de rua e do corpo como espetáculo, consolida-se como prática corporal a ser seguida. O gesto, que implica sempre o ser inteiro, é objeto de análise do poder (SOARES, 2000, p. 11).

A ginástica acrobática, trazida pelos circos, visita<sup>240</sup> a Cidade, iluminava os rostos impressionados pela beleza das manobras elásticas feitas pelos corpos dos artistas. Eram gymnastas aqueles acrobatas que com sua “arte corporal” levavam alguns cearenses para a fama no Exterior<sup>241</sup>.

A chegada do picadeiro alegrava os cidadãos. O mundo do tablado era anunciado nos cartazes, como esse que segue abaixo:

---

<sup>236</sup> Ib. Idem, p.113.

<sup>237</sup> BOURDIEU, 1997, 103.

<sup>238</sup> Ver SOARES (1994 e 1998).

<sup>239</sup> SOARES, 2000, p.11.

<sup>240</sup> Conforme MIRANDA; GIRÃO (1954) e GIRÃO (1979).

<sup>241</sup> Consultar BEZERRA, 2001.

Circo Americano – deve ter desembarcado hoje de bordo do vapor “Guarany” a importante applaudida companhia eqüestre “Circo Americano” dirigida pelo hábil artista italiano Sr. Maximiliano Ruhstuhl e que passava em transito para a cidade do Recife. A companhia contractada por uma empresa particular nesta capital para uma series de dez espectaculos. Compõe-se o “circo americano” de 20 artistas, **gymnastas (grifo meu)**, acrobatas, equilibristas e dous chistossimes “clowns” e trabalha com oito cavallos, um macaco e um cachorro que monta e faz verdadeiros prodígios a cavallo. Vem d’um variadissimo programma a grande companhia dispõe de um succulento repertorio de pantomimas. O circo que vai armado à praça Dr. Senador Castro Carneiro occupa uma extensa área e, offerece grandes accomodações: trinta camarotes, duzentos e cincoenta cadeira e dous mil assentos nas galerias (A REPÚBLICA, 28 de novembro de 1898).

No corpo do acrobata, leveza, alegria e livre movimentação, que desafiavam a ciência e encantavam à platéia. O mistério dessa arte contagiava todos, com exceção dos cientistas, médicos e educadores, que a tratavam com restrição.

Embora variasse a denominação de *gymnastica* corretiva, moderna, científica, ortopédica, higiênica, respiratória etc., as justificativas convergiam para os gregos<sup>242</sup>, Locke (1632-1704)<sup>243</sup>, Rousseau (1712-1778)<sup>244</sup>, Basedow (1723-1790), Frobel (1782-1852), Spencer (1820-1903)<sup>245</sup>, Pestalozzi (1746-1827), entre tantos outros<sup>246</sup> acerca da importância da ginástica na escola e, não essa ginástica do “artista marginal” que, na escola, passou a ser chamada de ginástica atlética.

Para alguns educadores que participaram do concurso para inspetores do Estado do Ceará, tratava-se apenas de uma “muscular” e, como tal, inadequada à criança em desenvolvimento na fase escolar com os exercícios de barras, trapézios, alteres e outros instrumentos.

O corpo do “gymnasta marginal” fugia às regras, à disciplina, ao treinamento rigoroso, ao cálculo preciso da Física, Matemática e da Ciência além da alegria dos movimentos que afrontava a seriedade e a utilidade do homem “prático” da época.

<sup>242</sup> Para maiores esclarecimentos, consultar CAMBI (1999).

<sup>243</sup> Entre as obras desse médico, cito “*Quelques pensées sur l’éducation* (1882). Locke aborda a educação do *gentleman* que cavalheiro findava com as artes de aprovações (‘ornamentos’, tais como, a dança, a música, esgrima e a equitação) como “modelo ideal para a nova classe dirigente” no quadro das mudanças sócio – econômicas na Inglaterra.

<sup>244</sup> Na obra *Emílio ou da Educação*, o filósofo expôs a sua doutrina pedagógica e política e esboça a utilização do jogo, do exercício físico e prega o cuidado do corpo como garantia de sobrevivência do futuro cidadão.

<sup>245</sup> SPENCER, 1888.

<sup>246</sup> VERDIER e seu “*Discours sur l’éducation nationale, physique et morale dex deus sexes*” (1792); TISSOT, C. - F e *La gymnastique médicale et chirurgical* (1780) e, Louis Michel Leppelletier de Saint Fargeau (1760-1793). Disponível no site do agora/enciclopédia.

Os dois pólos do campo do poder, como se fossem partículas em um campo de forças, “em que se exercem forças sociais, atrações ou repulsões”, serão lançados nesse espaço, e sua trajetória - marcada por muitos estágios intermediários e sobrepostos - será determinada pela relação entre as forças do campo e a inércia própria de cada pólo. Assim, “de um lado, nas disposições que eles devem às suas origens e às suas trajetórias, e implicam uma tendência a perseverar em uma maneira de ser, portanto, em uma trajetória provável, e, do outro lado, no capital herdado, e contribui para definir as possibilidades que lhes são destinadas pelo campo”<sup>247</sup>.

Eis duas lógicas antitéticas no jogo simbólico da ginástica; de um lado, o corpo útil para a sociedade e com fundamentos científicos e, no outro lado, a arte desinteressada do corpo livre, com lucros simbólicos da alegria, liberdade, emoção. Nessa disputa de poder, o que está em jogo<sup>248</sup> é o domínio, “que é preciso conquistar ou conservar”<sup>249</sup>.

A dualidade desses pólos<sup>250</sup> marcava (e ainda marca) a programação da ginástica escolar e a eficácia aos efeitos simbólicos que acompanhavam toda ação dessa polaridade traduzida em posições hierárquicas.

Eis alguns pontos da manifestação dessa polaridade. Primeiro, nos espaços escolares. No material empírico pesquisado, a ginástica estava inserida na programação escolar de algumas instituições e, em outras estava fora do programa, embora não estivesse à margem da dinâmica do disciplinamento escolar.

Segundo, a forma de conduzir a aula de ginástica estava marcada pelo “prazer” do movimento pelo movimento em oposição ao “poder” do movimento útil, produtivo e disciplinado. Conseqüentemente estampa as concepções de corpo e a preocupação das autoridades com o corpo ocioso *versus* o corpo produtivo nas mais variadas formas de serviço em nome da mente, espírito, objetivos externos, ascese penitencial, sistema produtivo, disciplinamento e higienização moral e social.

No ponto de vista do capital simbólico *versus* capital econômico, o corpo, como rede de significado e significações, opõe-se ao corpo-objeto (mercadoria).

---

<sup>247</sup> BOURDIEU, 1996, p.148.

<sup>248</sup> Ob. Cit. ( p. 24).

<sup>249</sup> BOURDIEU, 1996, p.24.

<sup>250</sup> Ib.Idem.



Na parte pedagógica, a hierarquia segue o grau de importância consagrado às concepções de corpo como extensão da mente. Assim, impera a dicotomia entre as disciplinas que dualizam o embate entre o intelectual *versus* o físico; aula teórica *versus* prática, o professor *versus* o leigo (o *gymnasta* acrobata, o instrutor-militar, o atleta, o mestre), nos conteúdos da aula (acrobacias, brincadeiras *versus* exercícios padronizados, rigorosos e repetitivos) até a forma como os alunos lidavam com a ginástica (se alguns faziam por obrigação, outros fugiam).

Enfim, o espaço polarizado estabelece o jogo de poder a partir de duas lógicas antagônicas da ginástica escolar; de um lado, o desejo de disciplinar o corpo dos alunos; no outro, a trajetória dos possíveis de “quebrar as regras” estabelecidas.

## **2 INSTÂNCIA DE CONSAGRAÇÃO, LEGITIMAÇÃO, REPRODUÇÃO E FORMAÇÃO DE FORMADORES DOS CÓDIGOS: A ESCOLA**

---

(...) se a menor tentativa de modificar os programas escolares e, sobretudo os horários atribuídos às diversas disciplinas encontra resistências enormes quase sempre e em toda parte, não é apenas porque interesses corporativos muito poderosos (especialmente os dos professores envolvidos) estão ligados à ordem escolar estabelecida, é também porque as coisas da cultura, particularmente as divisões e hierarquias sociais a elas associadas, são constituídas como natureza pela ação do Estado que, instituindo-as ao mesmo tempo nas coisas e nos espíritos, confere todas as aparências do natural a um arbitrário cultural (BOURDIEU, 1996, p.94).

O clima favorável às orientações higiênicos-eugênicos, patriotismo e o escolanovismo em voga se espalham à época. O centro da discussão convergia para a escola como espaço de disciplinamento dos escolares.

A escola, para a teoria de ação social, é uma instância de poder, que consagra, legitima, conserva, distingue, reproduz e cria os formadores de códigos e os institucionaliza<sup>251</sup>, no sentido de difundir a relação que se instaura objetivamente entre o campo de produção e o sistema de ensino.

---

<sup>251</sup> BOURDIEU, 1996, p.121.

Essa relação, porém, ocorre com base em um “determinado ângulo”, aquele que tem o reconhecimento de um grupo consagrado e que ocupa posições de prestígio. Assim, a ginástica se institucionaliza na escola orientada pela vertente científica.

Os professores são canonizados<sup>252</sup> e se revestem do poder missionário da sociabilidade. O papel desses produtores, que institui as regras pela posse de código, é decodificar e codificar, ou melhor, compreender o código para codificar, classificar o mundo, imprimir, ordenar, determinar o que é ou não legítimo e ganhar capital, ocupar posições de prestígio. Assim, Bourdieu desmistifica a idéia do dom, talento e gênio.

De início, quem poderia ministrar as aulas de ginástica eram aqueles que a praticavam. Assim, era o acrobata, o instrutor militar, o mestre, as normalistas, até chegar à década de 1930, com a consolidação do professor de Educação Física.

Além de consagrar o professor, a escola também autoriza as práticas, não pela coação, mas pela ação pedagógica<sup>253</sup>, que visa a interferir, embutir e inculcar o consagrado, ou seja, “assegurando a conservação e a transmissão seletiva dos bens culturais, ou então, trabalhando em favor da reprodução<sup>254</sup> dos produtores dispostos e aptos a produzir um tipo determinado de bens culturais e de consumidores dispostos e aptos a consumi-los”<sup>255</sup>.

Nas práticas consagradas à ginástica nas escolas de Fortaleza, estavam as cambalhotas, os saltos, a instrução militar, os exercícios com e sem aparelhos e o método escolhido era o sueco, não o francês, como em outras regiões do Brasil.

Assim, as escolas de Fortaleza foram lentamente adotando a ginástica em suas programações, cabendo a iniciativa às principais instituições da época. Por exemplo, nas instituições particulares, cito Ateneu Cearense, Colégio Cearense Sagrado Coração, Colégio Castelo Branco. Nas instituições militares, a Escola Aprendizes Marinheiro e o Colégio Militar. E nas instituições públicas estavam o Liceu, a Escola Aprendizes Artífices do Ceará, a Escola Normal, até a assimilação no Ensino Primário.

A seguir, trato da especificidade de cada instituição educacional em consagrar a ginástica e autorizar a prática pedagógica. Saliento, no entanto que, em se tratando da ginástica, as fronteiras inexistem, já que era o instrutor-militar que estava à

---

<sup>252</sup>Ib. Idem.

<sup>253</sup>Ob. Cit., p.199.

<sup>254</sup>BOURDIEU, 1996, 122-123.

<sup>255</sup> Ob. Cit., p. 118.

frente, tanto nas escolas públicas civis, particulares e militares. Também não há separação do saber médico e militar na ginástica, pois havia uma circulação grande de professores médicos e militares entre as escolas.

## 2.1 Instituições educacionais particulares

O Ateneu Cearense (1863)<sup>256</sup> reforçava os estudos do Liceu na formação dos preceitos da educação intelectual, moral e física. Contudo, visava à formação do homem prático e menos enciclopedista. O método adotado era o do Professor Abílio César Borges, motivo de muitos elogios cujo “segredo consistia em trazer nos discípulos, com menos tempo e esforço, resultados mais positivos do que os esperados apenas da leitura dos livros”<sup>257</sup>. Aliás, método idealizado pelo Barão de Macaúba, no seu Ginásio Baiano, e “unanimemente louvado em todo o Império”<sup>258</sup>

Funcionava em regime de internato e só atendia meninos. No Ateneu estudaram, dentre outros, Guilherme Chambly Studart (futuro médico e Barão de Studart), Rodolfo Teófilo (farmacêutico), Capistrano de Abreu (historiador), Rocha Lima (filósofo), Domingos Olímpio (escritor e jornalista), Paula Nei (poeta), João Lopes Ferreira Filho (deputado, jornalista e professor) e Xilderico de Farias.

No programa escolar<sup>259</sup>, constavam “Educação Religiosa, Humanística, Música, Dança e a Ginástica”<sup>260</sup>. No primeiro momento, a *gymnastica* era realizada fora das dependências escolares, apesar de seguir a orientação da instituição. No conteúdo da ginástica, estavam os saltos mortais e as cambalhotas<sup>261</sup>.

O Colégio Cearense do Sagrado Coração (1912) abraçava o lema da “ordem física, um esforço de ação; na ordem intelectual, um esforço de atenção; na ordem moral, um esforço de resistência e perseverança”<sup>262</sup> e cabendo à ginástica “educar o povo e civilizar a raça”.

---

<sup>256</sup> Criado por João de Araújo Costa Mendes em 1863. Maiores informações em GIRÃO, 1959.

<sup>257</sup> GIRÃO, 1959, p.24.

<sup>258</sup> Ib. Idem, p.23).

<sup>259</sup> Interessante observar as concorridas “festas de ginástica” na obra de Raul Pompéia, *O Ateneu*. O livro de cunho autobiográfico foi escrito no período de janeiro a março de 1888.

<sup>260</sup> GIRÃO, 1959.

<sup>261</sup> TEÓFILO, 1931, p.160.

<sup>262</sup> ADERALDO In REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ, 1955, p.283.

Criado em 1912 com a inauguração no dia 4 de janeiro de 1913, “sob responsabilidade do padre Luis Vieira da Costa Perdigão” (1872). Padres como “Climério Chaves, José Quinderé, Otávio de Castro e Misael Gomes” destacavam-se no campo de ação dos maristas no Ceará, além do Exmo.sr. Dom Manuel da Silva Gomes que esteve à frente desse educandário. No ano de 1916, a diretoria passava para os irmãos Maristas (Congregação fundada na França).

No citado período, o Colégio mantinha quatro categorias de estudantes: internos, semi-internos, vigiados e externos e os seguintes cursos: o Primário com duração de 05 anos, incluindo o Curso Infantil ou Jardim da Infância, com o ensino do catecismo, contos, caligrafia, ditado, leitura e língua portuguesa; o Seriado, com programas idênticos ao do Colégio Pedro II e com Gabinete de Física, Química (encomendado na Europa, em 1927) e Museu de História Natural e, o Comercial com duração de 04 anos, cabendo no término do Curso, o diploma de guarda – livros. A ginástica foi inserida pela instrução militar e atendendo a função de preparar os alunos maiores de 16 anos para o exército com a criação do Tiro de Guerra 164. A pessoa responsável por ministrar essas aulas era o Tenente Pedro Lucas, militar do 23º BC<sup>263</sup>.

O Colégio Castelo Branco (1900-2000) seguia os requisitos pedagógicos mais modernos: “instruir a mocidade, impregnar-lhe o espírito do nacionalismo vitalizante, construtor, encaminhando-a para um destino nobre e edificante”<sup>264</sup>.

Fundado pelo educador piauiense Odorico Castelo Branco, no ano de 1900 e, em homenagem ao mestre, chamou o estabelecimento de “Instituto Miguel Borges”, Professor Odorico administrou o Colégio até 1921, ano em que faleceu e o Sr. Silas Ribeiro assume a direção. Em tributo ao abnegado educador, a instituição particular passou a chamar-se “Colégio Castelo Branco”. Posteriormente, Dr. Roberto Pereira dos Santos Lisboa, professor João Marinho de Albuquerque Andrade, Pedro Misael Gomes da Silva e Major André Bernardino Chaves entravam em sociedade e a direção passou a ser responsabilidade do Major André B. Chaves<sup>265</sup>.

Entre mudanças e reformas, o Colégio chegou, em 1932, a ser equiparado ao Colégio Pedro II, segundo o Decreto n. 21.241, de 4 de abril do mesmo ano. A

---

<sup>263</sup> ÁLBUM DE FORTALEZA, 1931, p.421.

<sup>264</sup> REVISTA TERRA DA LUZ, 1936.

<sup>265</sup> ÁLBUM DE FORTALEZA, 1931, p. 410.

ginástica era orientada pelo Sargento Darci de Carvalho<sup>266</sup>, que também era o responsável, por volta da década de 1930, da instrução militar no Colégio.

## 2.2 Instituições educacionais militares

A Escola Aprendizes de Marinheiros (1865)<sup>267</sup> destinava-se a formar “marinheiros fortes, hábeis, inteligentes e disciplinados”<sup>268</sup>. O recrutamento priorizava jovens desamparados pela sociedade. O marinheiro aspirante aprendia a ler, escrever, a doutrina cristã, além de “riscar mapas, executar a arte de marinheiros, manejarem as armas brancas e a artilharia naval”<sup>269</sup>. Sua formação era dirigida para a *educação physica, intellectual*, moral e profissional.

A adaptação à vida ao mar e à educação militar acarretava a exigência com o físico dos pretendentes, daí a prática da ginástica e da natação com o Mestre Manoel Candido de Sousa<sup>270</sup>. O Capítulo VII do Decreto n. 11479 (Art. 73) menciona que a Escola permitia ter ainda “um mestre de natação, *gymnastica*, esgrima e infantaria”.

A Escola Militar do Ceará, em momentos distintos, citados anteriormente, surgiu embalada pelo espírito republicano e teve diferentes fases, no entanto, com o mesmo espírito<sup>271</sup>; e, em todas elas, a ginástica esteve presente. A Escola tinha o objetivo de preparar aspirantes ao oficialato, contudo, ultrapassou essa formação, e, com um respeitável corpo docente, os alunos destacaram-se nas letras, profissões liberais, comércio e indústria<sup>272</sup>.

O corpo docente era formado por militares, professores civis, oficiais instrutores e coadjuvantes, além do Corpo de Saúde (médico, farmacêutico, enfermeiro) e os auxiliares (inspetores, feitor, fiel e contínuo). No programa, além das outras disciplinas, estavam a Esgrima de Espada e Florete, a ginástica e a natação, ministradas pelo Tenente Antônio Pereira da Silva Leitão (substituindo o Capitão Francisco

---

<sup>266</sup> Ib. Idem.

<sup>267</sup> Idealizadas pelo Marquês de Tamandaré, e instituídas oficialmente pelo Visconde de Albuquerque (março de 1841). No Ceará, como em outros Estados, a Companhia de Aprendizes era chamada de “abrigo da rapaziada pobre do Nordeste”. Criada em 1865, a Escola foi fechada, no ano de 1931, para retornar somente no ano de 1940.

<sup>268</sup> Estudos Sobre o Ceará. Campanha de Inquéritos e Levantamento do Ensino Médio e Elementar. Rio de Janeiro, MEC/ INEP, 1955.

<sup>269</sup> OLIVEIRA, 2002, p.51.

<sup>270</sup> ALMANACH DO CEARÁ DE 1922, p. 176–177.

<sup>271</sup> Ver MARQUES e KLEIN FILHO (2007).

<sup>272</sup> REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ, 1959, p.115.

Benévolo, em 1897)<sup>273</sup> e, por volta da década de 1919, a ginástica estava na responsabilidade do Mestre Lafayette Tapioca.

### 2.3 Instituições educacionais públicas

O Liceu do Ceará (1844)<sup>274</sup> era o símbolo de prosperidade<sup>275</sup> e, como *locus* de debate e expansão das idéias, foi incumbido da tarefa de inspecionar as aulas públicas da Província. O ensino nessa Instituição equiparava-se ao Colégio Pedro II. Nos programas dessa Instituição predominantemente humanista, estavam a “ginástica, evoluções militares e esgrima”<sup>276</sup> e à frente estava o instrutor-militar.

A Escola de Aprendizes Artífices do Ceará (1910)<sup>277</sup> funcionava como instituição educacional, formação e assistência aos desvalidos<sup>278</sup>, além do papel de preparar os jovens para o mercado de trabalho<sup>279</sup>. Embora, oficialmente, a ginástica não estivesse na programação, a Escola preocupava-se com a sua prática, já que destinava três dias da semana à instrução militar ministrada por um oficial do Exército.

A Escola Normal do Ceará (1878)<sup>280</sup> surgiu da preocupação com a formação de professores e, no ano de 1887, a ginástica<sup>281</sup> passa a fazer parte da programação da Escola e ministrada pelo instrutor – militar.

---

<sup>273</sup> Ob. Cit, p.121.

<sup>274</sup> Concretizado no dia 15 de julho de 1844, e instalado em 10 de outubro de 1845 pela Lei n. 304, o Liceu. No artigo 5º, o Liceu foi incumbido da tarefa de inspecionar "Tôdas as aulas públicas da Província" (SOUSA, [S.D], p. 272).

<sup>275</sup> REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ, 1897, p. 82-84.

<sup>276</sup> MENESES, 1992, p.47.

<sup>277</sup> A Escola era instalada, oficialmente, em 24 de maio de 1910 (Decreto n. 7649 de 11 de novembro de 1909). Ressalto que a criação das Escolas de Artífices se deu no Governo de Nilo Peçanha, pelo Decreto n. 7566, de 23 de setembro de 1909 e mantidas, inicialmente, pela união dos Estados, subordinados ao Ministério da Agricultura (Pelo Decreto n. 1.606, de 29 de dezembro de 1906. Maiores informações em NAGLE (1974, p.163).

<sup>278</sup> Em outras palavras, cabia a Escola “ministrar o ensino profissional primário e gratuito, isto é, formar operários e contramestre, através de aulas práticas e conhecimentos técnicos, necessários aos menores que pretendessem aprender um ofício” (Art. 1 do Regulamento de 1909 In MADEIRA, 1999, p.69).

<sup>279</sup> Segundo NAGLE a “iniciativa importante, durante o período republicano, se dá com esta medida que marca a oficialização do ensino profissional no Brasil: de acordo com a autorização legislativa – Decreto n. 1.606, de 29 de dezembro de 1906 – o Executivo, por meio do Decreto n. 7.566, de 23 de setembro de 1909, cria as Escolas de Aprendizes Artífices. Os seus dispositivos determinam a criação, em cada uma das capitais dos Estados, de uma Escola de Aprendizes Artífices que, subordinada ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, se destina a ministrar o “ensino profissional primário gratuito” (1974, p.164).

<sup>280</sup> Lei Provincial nº. 1790, de 28 de dezembro de 1878 e, após seis anos ocorre sua instalação que é denominada, inicialmente, de Escola Normal Pedro II. Ver CASTELO (1970) e SILVA (2001).

<sup>281</sup> SILVA (2001, p.115).

Com a conclusão dos estudos na Escola Normal, muitas professoras iam trabalhar em cadeiras do ensino primário, e lá praticavam o que haviam aprendido, inclusive, sobre a ginástica, participando intensamente no cotidiano escolar, imbuídas do espírito cívico e patriótico, como também na forma de exibição em dias de festa nacional e visita de autoridades às escolas.

O espírito escolanovista espalhava-se por Fortaleza e, nele, as normalistas inovavam suas práticas e as aulas de ginástica que, por volta de 1930, já é denominada de Educação Física nas escolas. Deste modo, “impor no mercado em um momento dado um novo produtor, um novo produto em um novo sistema de gostos é fazer deslizar para o passado o conjunto dos produtores, dos produtos e dos sistemas de gostos hierarquizados sob o aspecto do grau de legitimidade”<sup>282</sup>.

Conforme demonstrado, a ginástica escolar inicia-se com as acrobacias e supostamente ministrada por um admirador dessa arte. O instrutor-militar era a autoridade consagrada e que estava presente em vários estabelecimentos educacionais, inclusive extrapolando as instituições militares.

Como decodificador de códigos, o instrutor-militar formava outros formadores, no caso da ginástica, as normalistas. Essas, por sua vez, passaram, pouco a pouco, a dominar o campo de produção da ginástica, tornando-se cada vez mais aceitável à medida que se popularizava mediante um processo mais ou menos longo de familiarização associado ou não a um aprendizado específico<sup>283</sup>.

### **3. O MOVIMENTO INTERNO DO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

---

<sup>282</sup> BOURDIEU, 1996, p.185.

<sup>283</sup> Ib. Idem.

(...) universo que obedece às suas próprias leis de funcionamento e de transformação, isto é, a estrutura das relações objetivas entre as posições que aí ocupam indivíduos ou grupos colocados em situação de concorrência pela legitimidade (...) (BOURDIEU, 1996, p.243).

No período estudado, a ginástica escolar teve o seguinte movimento: primeiro, era chamada de “gymnastica”, “instrução militar”, “exercícios gymnasticos”etc., mas tanta denominação expressava apenas a indefinição de seu espaço na escola e não a função de exercitar o corpo dos escolares.

Sua localização no programa escolar variava de escola para escola, bem como sua posição temporal, ou seja, no Ateneu Cearense, por volta de 1865, e na Escola de Aprendizes Artífices, em meados da década de 1910, e no Liceu, antes de 1930, a ginástica não estava oficialmente fazendo parte da programação institucional dessas escolas, embora haja registros de ocorrências.

Tal ausência deve-se ao fato de a ginástica ser considerada uma disciplina prática ou acessória. Melhor dizendo, secundária, por lidar com o “físico” e não “àquilo a que a escola tradicionalmente se propôs a trabalhar, ou seja, a atividade cognitiva, intelectual”<sup>284</sup>.

Nos exemplos dados, a ginástica era praticada na hora do recreio, fora dos horários da escola, ou entre o intervalo dos trabalhos intelectuais. Contudo, mesmo estando “à margem” da programação escolar, ela não fugia à dinâmica do disciplinamento escolar, o que era compreensível por ser uma prática social. Com esse objetivo, a ginástica atendia aos fins utilitários para melhor acolher intelectual e moralmente aos escolares.

Em algumas escolas, a ginástica era ministrada pelo acrobata, instrutor-militar, mestre de ginástica até chegar ao professor de Educação Física. Esta hierarquia foi constituída seguindo a configuração que envolvia os agentes, seu saber e suas posições sociais. O poder de consagração cabia ao “Mestre” e ao instrutor-militar, que muitas vezes eram “militares graduados, como sargentos e suboficiais”<sup>285</sup> ou reformados.

---

<sup>284</sup> SOUZA JUNIOR, GALVÃO (2005, p. 402).

<sup>285</sup> Consultar OLIVEIRA et al (2003).



No segundo momento, por volta da década de 1920, a ginástica passou a ser denominada de Educação Física<sup>286</sup>, disciplina<sup>287</sup> responsável pela educação corporal na escola; momento em que ela já estava consolidada na programação das escolas de Fortaleza e ocorreu a mudança de nome de “mestre de ginástica” para “mestre de Educação Física”<sup>288</sup>.

A educação na Capital chega aos anos 1930, com a normalista, e não apenas, pois, a presença delas no ensino primário não significa a exclusão da atuação dos militares. Contudo, a disciplina estava consolidada em termos de presença no espaço escolar.

Por este caminho, a Educação Física, ministrada pela normalista, caminha em direção ao surgimento de elementos diferentes da posição inicial, como, por exemplo, a formação do professorado, a concepção do corpo infantil, as práticas pedagógicas e a metodologia. No entanto, no engendramento do campo, as relações são circunstanciais e concorrem entre os agentes em torno da legitimidade cultural.

### **3.1 Saber e práticas da Educação Física nas escolas de Fortaleza no período de 1860-1930**

---

Hoje, no currículo escolar, predomina a concepção da Educação Física ser defendida como uma disciplina do ensino formal que trata do jogo, esporte, dança, ginástica e outras atividades corporais dentro da concepção da cultura corporal<sup>289</sup>. Os saberes constituídos em torno desta disciplina escolar foram, ao longo da história educacional, selecionados no interior de regras específicas.

Pelos vestígios documentais das instituições educacionais estudadas, foi possível acompanhar a inserção da ginástica escolar até chegar a sua institucionalização. Contudo, percorrer esse caminho justifica-se, à medida que as fontes seguem “uma série

---

<sup>286</sup> Não confundir com a “*Educação Physica*” de sentido amplo utilizado por Herbert Spencer.

<sup>287</sup> Sobre a história da expressão “disciplina escolar”, ver SOUZA JUNIOR, GALVÃO (2005, p. 395).

<sup>288</sup> ÁLBUM DE FORTALEZA, 1931, p.379.

<sup>289</sup> COLETIVO DE AUTORES, 1992.

de injunções que assumem características específicas em cada espaço social e em cada época”<sup>290</sup>.

### 3.1.1 A *Gymnastica Acrobática*

Inicialmente, pensava-se que não havia espaço para o desenvolvimento da ginástica no ensino do *Lyceu* Cearense, por ser de predominância humanística, porém, a “ginástica<sup>291</sup>, evoluções militares e esgrima<sup>292</sup>”, estavam na programação escolar.

Com efeito, essa Instituição Educacional equiparava-se, em 1907, ao Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, também conhecido como “Gymnasio Nacional”, o qual viria a se transformar em um Colégio – Padrão para o País inteiro. Seu processo de escolarização dos “exercícios gymnasticos”<sup>293</sup> ocorreu no ano de 1841, graças às “iniciativas tomadas no interior da própria instituição”<sup>294</sup> e constando no Decreto nº.17 de fevereiro de 1856.

O Liceu do Ceará foi incumbido da tarefa de inspecionar “Tôdas as aulas públicas da Província”<sup>295</sup> o que ocorre com a resolução de 1870, ou seja, “atribuiu ao Liceu a Diretoria e Secretária da Instrução primária”<sup>296</sup>. Entre as instituições educacionais cearenses que adotavam o método de ginástica do Liceu cearense, estava o Instituto de Humanidades, conforme revela a citação abaixo:

Além do Liceu e da Escola Normal tem mais a Capital um “Instituto de Humanidades”, fundado em 7 de janeiro de 1892, pelo Revmº Cônego Vicente Salazar da Cunha e Dr. Antonio de Vasconcelos à Rua Sena Madureira, esquina da do Cajueiro (Rua do Poçinho) cujos estudos dividem-se em dois cursos, primário e secundário. O 1º compreende: Leitura, Escrita, Noções de Gramática Portuguesa, Elementos de Aritmética até

<sup>290</sup> SOUZA JÚNIOR, GALVÃO, 2005, p. 393.

<sup>291</sup> MENESES, 1992, p.47.

<sup>292</sup> No Brasil, no ano de 1858, a esgrima era obrigatória na programação da Escola da Marinha e nos Cursos de Infantaria e Cavalaria da Escola Militar (Decreto n. 2.116, de 11 de março de 1858). No Ceará, a Escola de Aprendizes Marinheiro e Colégio Militar seguiam as orientações de suas respectivas instituições. O Liceu do Ceará, por ter a influência de um instrutor militar, incluía a esgrima na programação escolar. Tal como ocorreu em Minas Gerais, a esgrima nas escolas de Fortaleza também foi incluída no ensino secundário (...) (TEIXEIRA, 2004, p. 5).

<sup>293</sup> Maiores informações em CUNHA JUNIOR (2003, p.69).

<sup>294</sup> Ob. Cit..

<sup>295</sup> SOUSA, [S.D.], p. 272.

<sup>296</sup> SILVA, 2006.

Frações Decimais e Sistemas Métricos, Noções de Geografia do Brasil e especialmente do Ceará, os principais fatos da História do Ceará, Noções de Geometria, de Desenho Linear e Doutrina Católica. O 2º compreende: Português, Francês, Latim, Inglês, Alemão, Matemática, Geografia, História do Brasil, Música, Religião, **Instrução Cívica e Ginástica, sendo o método o mesmo adotado no Liceu Cearense [grifo meu]** (MENESES, 1992, p.171).

Além do Instituto de Humanidades, o Ateneu Cearense seguia os passos do Liceu na adoção da ginástica. Teófilo, que descreve esses momentos no Morro do Moinho, local onde praticavam a *gymnastica* com saltos mortais e cambalhotas. Ele descreve:

Começo por Capistrano de Abreu, o verdadeiro cabeça chata. Quando entrei para o collegio, em 1865, já o encontrei. Elle era uma excepção “entre nós”. Sempre pelos cantos, isolando, malamanhado, desasseado e lendo, sempre lendo. Nunca tinha nota má nas lições, mas sempre era castigado por falta de asseio. Capistrano tinha nesse tempo uns doze annos, e já vivia sonhando, alheio ao que se lhe passava ao redor. O collegio ia uma vez por semana recrear-se, á tarde, no morro do Croatá, hoje, Morro do Moinho, deshabitado e, agora, provoado pela ralé de Fortaleza. Mal sabia eu que naquellas areias brancas, naquelle mesmo morro havia de, annos depois, exercer o Maximo de minha actividade na prophylaxia da varíola, em uma pequena epidemia que ali irrompeu. Chegamos ao morro e, cada um procura exercitar os músculos em *gymnastica*, em cambalhotas, em saltos mortaes. Todos riam, agitavam-se, excepto o Capistrano, que, isolado do bando, quase cego pela miopia, deitado de bruços na areia absorto de todo na leitura, ficava ate voltarmos do collegio (TEÓFILO, 1931, p.160).

Segundo as narrações de Teófilo, o Colégio se dedicava, uma vez por semana, à *gymnastica*, com os saltos e as cambalhotas, porventura oriundas dos acrobatas dos circos, quando excursionavam pela Cidade, ainda nos meados do século XIX.

A platéia<sup>297</sup> encantada com o *show ficava* admirada com os malabarismos, acrobacias, equilíbrio, as brincadeiras dos palhaços e o adestramento de animais. O circo cativava todos.

Nessa arte, os acrobatas, contorcionistas e equilibristas impressionavam com as manobras elásticas, agilidade, equilíbrio, flexibilidade e força muscular. No corpo do acrobata estavam os mistérios e a alegria da liberdade dos movimentos que flutuavam

---

<sup>297</sup> Consultar BEZERRA, 2001.

pelos ares e nas cordas. A leveza dos artistas desafiava as explicações científicas, deixando todos impressionados com tamanha coragem.

Era a arte de movimentar, brincar, ousar, correr riscos e desafiar a própria Física. Ensejo de admiração, emoção e beleza no jogo corporal, o espetáculo dos acrobatas exigia mais do que coragem, pois necessitava de treinamento, força e equilíbrio.

De passagem por Fortaleza, a *Companhia Gymnastica e acrobática da Firma Constancia D'Oliveira* (figura 01) apresentava o trabalho das mulheres-acrobatas. O Anúncio (abaixo) apresentava a Companhia Gymnastica e acrobática da Firma Constância D'Oliveira com grande e variado espetáculo ao benefício da Propagadora e execução popular no Theatro S. Luiz, sábado, 17 de outubro de 1882[3?].

Na primeira parte da programação, a artista apresentou o trabalho de agilidade e, força e na segunda parte, a Sra. D. Virma e a jovem Maria apresentaram o trabalho de equilíbrio, exercícios de agilidade e força e equilíbrio, como anuncia o cartaz (FIGURA 05) abaixo:

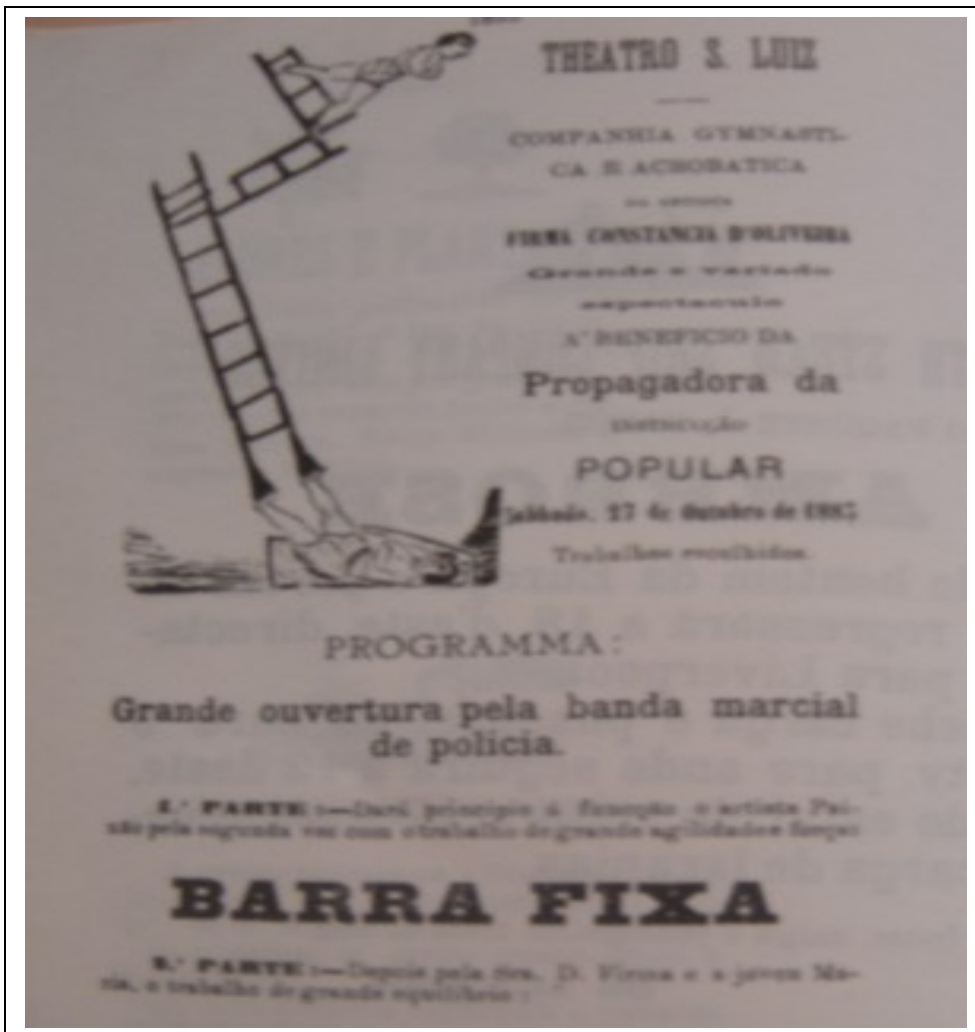


FIGURA 05. Cartaz do Circo das Ginastas. Fonte: CAMPOS, 1985.

Nas décadas seguintes, a ginástica acrobática foi inserida nas aulas de algumas escolas cearenses, entre elas, Colégio Ateneu, Escola Militar, Escola Normal e Colégio Cearense, como também se faziam presente nas festas, nos desfiles (em comemoração à Independência do Brasil) e nas visitas de autoridades à escola.

Nas horas do recreio, os alunos divertiam-se entre os jogos de “bola de gude” e as demonstrações acrobáticas, conforme demonstração (FIGURA 06) abaixo:



FIGURA 06. Ginástica dos Alunos do Colégio Militar. Fonte: MARQUES e KLEIN FILHO, 2007.

No ensino militar, a então Escola Militar (1889-1897), teve dificuldades de instalar a *gymnastica*, no início, em razão de uma infra-estrutura precária<sup>298</sup>. Eram corriqueiras as reclamações da carência de materiais, ausência de cômodos para o regime internato, de uma biblioteca, do gabinete de ciências e, principalmente, do prejuízo da realização dos trabalhos de fortificação, ginástica e esgrima.

Pelo Decreto n. 2.116, de 11 de março de 1858 a esgrima e a natação estavam presentes nos cursos de Infantaria e Cavalaria da Escola Militar, além de estabelecer o acréscimo da prática da ginástica nos cursos preparatórios à Escola Militar

<sup>298</sup> Ver Relatório de 1891, REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ, 1959, p.121.

(Decreto n. 3705, de 22 de setembro em 1866). Oito anos depois, acontecia a inclusão, nos cursos da Escola Militar, da ginástica, esgrima, equitação e natação regulamentada pelo Decreto n. 5.529, de 17 de janeiro de 1874<sup>299</sup>.

No corpo docente desta Escola estavam ilustres políticos, deputados, senadores, escritores, médicos, engenheiros, bacharéis e educadores que, na época, brilhavam a sociedade cearense<sup>300</sup>.

Nesse seleto grupo estavam os oficiais instrutores coadjuvantes, a exemplo, o Tenente Francisco Batista Torres de Melo, Mestre de Esgrima de Espada e Florete; Tenente Frederico Augusto de Albuquerque Melo, Mestre de *gymnastica* e Natação; Tenente Antonio Pereira da Silva Leitão, exercendo interinamente as funções de instrutor de Infantaria, na ausência do Capitão Francisco Benévolo no ano de 1897<sup>301</sup>. No geral, este foi o quadro até 1897, ano em que a Escola foi extinta.

Após um período desativado<sup>302</sup>, o ensino militar na Capital reiniciou como Colégio instalado no prédio do bairro Outeiro (hoje, Santos Dumont). O Colégio seguia o mesmo tipo das Escolas de Porto Alegre e Barbacena, com a função de “aprimorar o carácter, a compreensão e a inteligência” dos alunos.

Nessa fase, o primeiro corpo docente do Colégio foi nomeado em caráter provisório<sup>303</sup> e o “mestre de *gymnastica* e natação era o Sr. Miguel Hoerhaun.<sup>304</sup>

---

<sup>299</sup> Ver MARINHO, ([S/D], p.25).

<sup>300</sup> Entre eles: Coronel José Freire Bezerril Fontenele, Major José Faustino da Silva e Capitão Benjamin Barroso (Matemática); Tenente-Coronel Pedro Augusto Borges, Major Manuel Nogueira Borges e Francisco Joaquim da Rocha (Português); Capitão Marcos Franco Rabelo, Candido de Holanda da Costa Freire e Tomás Pompeu Pinto Acioly (Francês); Ernesto de La Riviere (Inglês); Capitão Victor Guilhobel. (Desenho); Joaquim de Oliveira Catunda e Manuel Magalhães (Alemão); Thomaz Pompeu de Sousa Brasil (Geografia); Antonio Augusto de Vasconcelos (História) e o Capitão Victor Guilhobel (que assumiu interinamente a cadeira de Ciências Físicas e Naturais). MARQUES e KLEIN FILHO, 2007, p.58.

<sup>301</sup> REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ, 1959, p.121.

<sup>302</sup> Somente em 26 de março de 1919, instalou-se o Colégio Militar do Ceará, permanecendo até fins de 1938, quando foi extinto. Maiores informações em MARQUES e KLEIN FILHO, 2007, p.58.

<sup>303</sup> Com a seguinte constituição: 1ª Seção: Sylvio Julio de Albuquerque Lima, professor de Português; Guilherme Moreira da Rocha, professor de francês; Julio de Matos Ibiapina, professor de inglês; Artur Aduato Pereira de Mello, adjunto; Artur Stuart, adjunto. 2ª Seção: Alexandre Barreto, professor de aritmética; Raymundo Eurico Cavalcante, de álgebra; major reformado Galdino Tavares de Sousa, adjunto; major reformado Joaquim Potygara de Macedo, Affonso Feijó da Costa Riveiro e Nilo Barroso, adjuntos. 3ª Seção: Mariano Martins Lisboa Netto, professor de Geografia; Artur da Silva Jucá, de História Geral; Domingos Olympio Braga Cavalcante (Magistrado e romancista cearense, autor de “Luzia-Homem”), adjunto; Fernando Moreira, adjunto. 4ª Seção: Luiz Liberato Barroso, professor de Desenho; João Marinho de Albuquerque Andrade, adjunto. Ob. Cit.

<sup>304</sup> Ver MARQUES e KLEIN FILHO (2007).

Na gestão do Diretor-Tenente-Coronel-Salvador Barbalha Uchoa Cavalcanti (1921-1923), A 3ª secção do Curso era composta pelas “Sciencias Physicas e Naturaes” destinadas ao Ensino Prático de Infantaria, Tiro ao Alvo, Equitação, Esgrima, *Gymnastica*, Natação e Música. O Colégio contava também com o Corpo de Saúde<sup>305</sup>.

A configuração da ginástica acrobática era composta ora pela hierarquia dos mais velhos, ora dos mais pesados. Assim, em algumas pirâmides humanas, os alunos ficavam distribuídos pelos maiores, fortes e mais velhos que, em muitas vezes, ficavam na base da pirâmide para suportar o peso e manter o equilíbrio (FIGURA 07).



FIGURA 07. Ginástica dos alunos do Colégio Militar, em 1924. Fonte: MARQUES e KLEIN FILHO, 2007.

Enquanto isso, os meninos menores, geralmente os mais novos e com o corpo mais franzino subiam às costas, podendo ficar, conforme a disposição da pirâmide, em pé ou sentados.

---

<sup>305</sup>Ib. Idem.





FIGURA 08. Ginástica dos Alunos do Colégio Militar, em 1924. Fonte: MARQUES e KLEIN FILHO, 2007.

Ainda sobre a ginástica acrobática nas instituições educacionais de Fortaleza, o Colégio Cearense, na década de 1930, seguia as instruções da Divisão da Educação Física.

Nas demonstrações da ginástica, usavam-se bandeirinhas, figuras geométricas, símbolos nacionais, brasão do Colégio e até retratos dos fundadores da instituição educacional e, em dias festivos, a exemplo da comemoração do aniversário do Padre Champagnat, exibia o exercício da pirâmide humana com graça, leveza, disciplina, controle e trabalho de equipe, conforme demonstrado a seguir (FIGURA 09),



FIGURA 09. Acrobacia “Pirâmide” no Colégio Cearense. Fonte: REVISTA VERDES MARES, 1934.

A ginástica acrobática, assim como nos circos, atraía vários expectadores, entre os quais a família dos alunos, à escola. Neste espetáculo, a prática cívica dos alunos era exercitada e cantada com o hasteamento da bandeira, o canto do hino nacional, o desfile dos alunos e com a exibição dos exercícios *gymnasticos* que, mais do que exercícios físicos, eram os exemplos da declaração de amor à Nação brasileira.

Aliás, tal tipo de manifestação cívica era comum em muitas escolas de Fortaleza, e não apenas. Na programação agendada no calendário escolar, havia um dia para hastear a bandeira ao canto do hino. Os alunos em filas e em silêncio disputavam quem cantava mais alto. Somente após o hino, as atividades escolares tinham a permissão para iniciar.

Os dias de festas também só iniciavam com o canto do hino nacional. Era comum, na programação das festas escolares, a presença da comunidade e das autoridades para a apresentação cívica nos exercícios *gymnasticos*. Para exemplificar, segue o convite da Diretora do Grupo Escolar de Lavras, o que serve também de exemplo para os grupos escolares da Capital cearense. Segue a carta-convite da Sra. Rosa Ferreira, ao Sr *Director Geral da Instrução Pública*, Dr. J. Moreira de Souza, para assistir a tal comemoração (FIGURA 10),

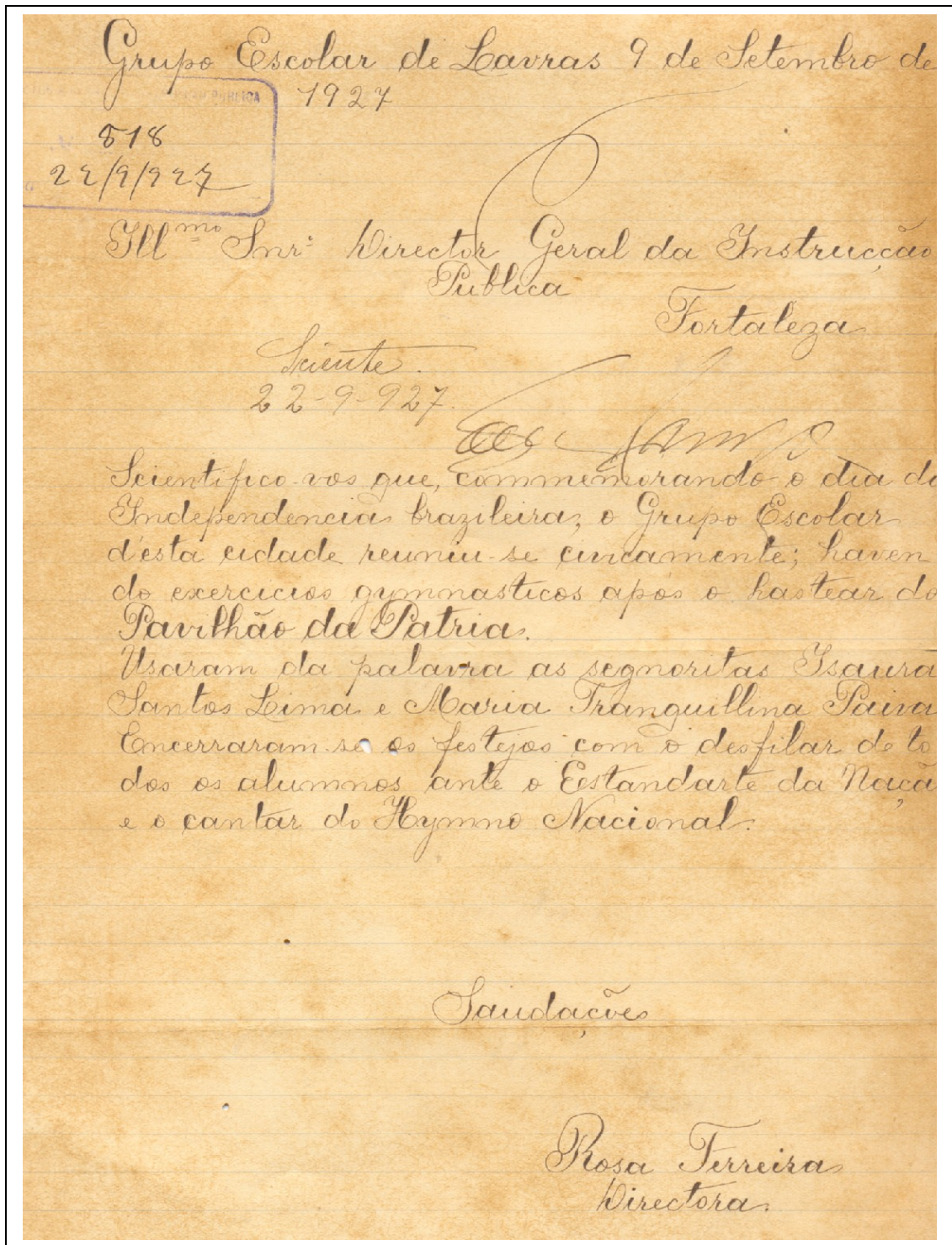


FIGURA 10. Os Exercícios Ginásticos na Programação Escolar. Fonte: ARQUIVO PÚBLICO DO CEARÁ. A carta-convite diz: "Scientifico-vos que, commemorando o dia da Independência brasileira, o Grupo Escolar desta cidade reuniu-se civicamente, havendo exercícios gymnasticos após o hastear do Pavilhão da Pátria. Usaram da palavra as seignoritas Isaura Santos Lima e Maria Tranquillina Paiva. Encerram-se os festejos com o desfilar de todos os alumnos ante o Estandarte da Nação e o cantar do Hymno Nacional".

A exibição da ginástica também era noticiada pelos jornais por ocasião da visita de autoridades às escolas, como segue o trecho:

Com a presença do Dr. Moreira de Sousa, Diretor da Instrução Pública, Filgueiras Lima e Djacir Menezes, funcionários da Diretoria da Instrução iniciaram-se as festividades do Grupo Escolar do Bemfica, às 8 horas da manhã de hontem, em comemoração ao "Dia da Criança". Visitamos todas as classes, em cujas paredes viam-se desenhos coloridos, acompanhados de legendas morais e cívicas que constituíam ótimas lições para a criançada. No pátio do Grupo realizaram-se **jogos infantis, cirandas, ginásticas, [grifo meu]** cantigas, no meio da maior cordialidade e do mais intenso entusiasmo (O POVO, 13 de outubro de 1932).

Para ensinar a ginástica acrobática, ou simplesmente, *gymnastica*, porém era preciso que houvesse professores, além dos instrutores militares, para tal fim. Corria pelo País, na escola de cada Estado, a inserção desta disciplina na formação-padrão do docente.

Nas escolas normais do País, as normalistas aprendiam os métodos e a didática dos métodos tradicionais e, posteriormente, da Escola Nova. Na formação dessas professoras, também constavam o ensino e a aplicação da *gymnastica* para complementar a educação do corpo e da mente.

Na Capital cearense, no ano de 1887, a Escola Normal adotava a *gymnastica*<sup>306</sup>. E, com a reforma por que a Escola passava em 1896, esta disciplina foi considerada “revolucionária” pelo educador e político Moreira da Sousa<sup>307</sup>.

No ano de 1922, a Lei n. 1953, de 02 de agosto, distribuía o Ensino Público no Estado do Ceará da seguinte forma:

---

<sup>306</sup> SILVA, 2001, p.115.

<sup>307</sup> SOUSA, [ S.D.], p.163.

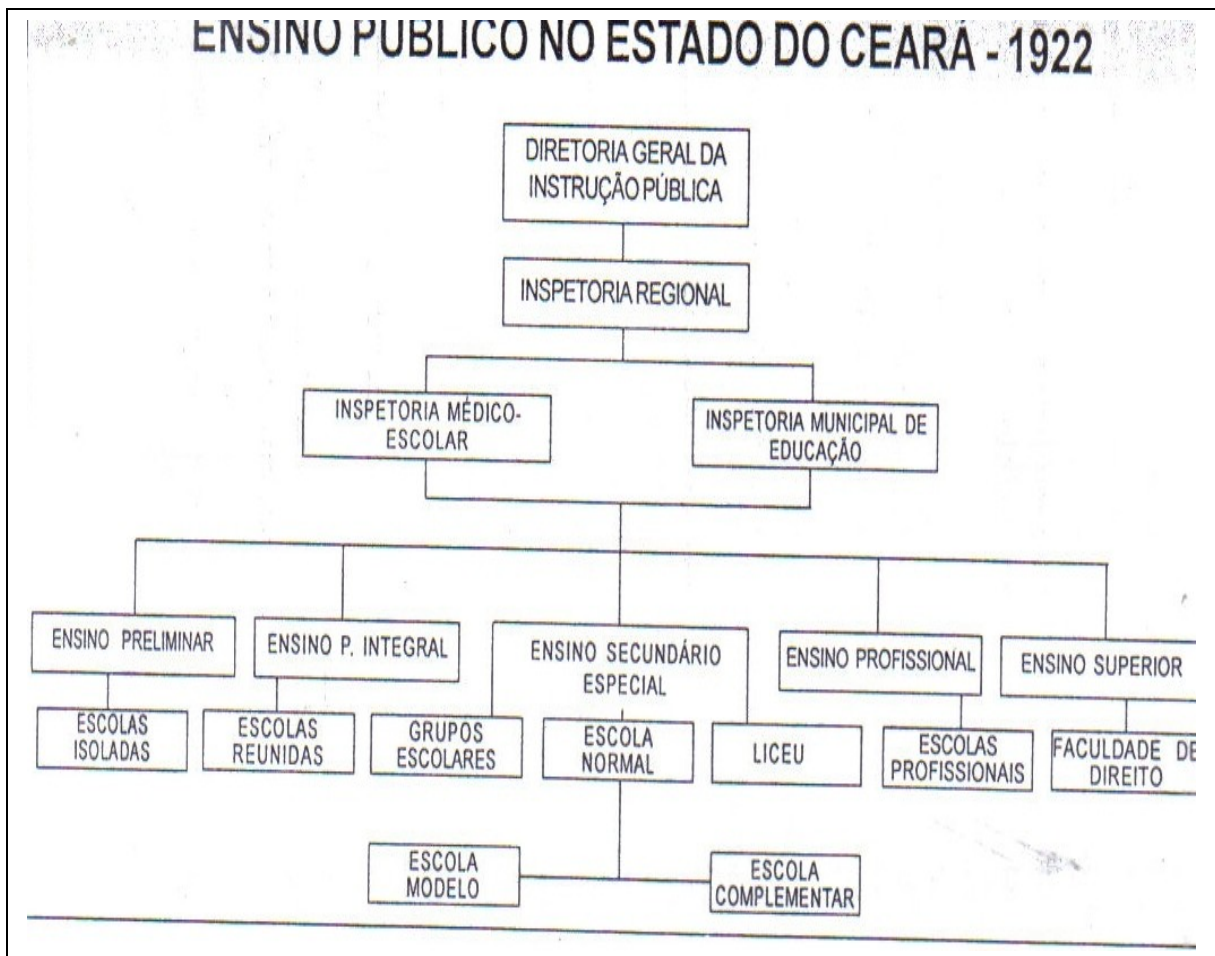


FIGURA 11. Quadro do Ensino Público no Estado do Ceará, 1922. FONTE: NOGUEIRA, 2001.

A ginástica estava no Curso complementar<sup>308</sup> e normal<sup>309</sup> na Escola que formava professoras para o ensino primário. Assim, o número de aulas semanais tinha a seguinte configuração:

#### CURSO COMPLEMENTAR

Nº	Matérias	1º Ano	2º Ano
1	Língua Vernácula	3	3
2	Francês	-	3
3	Aritmética e Álgebra	3	3
4	Geografia e História	3	3
5	Ciências Físicas e Naturais	3	3
6	Desenho Natural	2	2
7	Música e Canto	2	2
8	<b>Ginástica (grifo meu)</b>	2	2
9	Trabalhos Manuais	2	2
		20	23
TOTAL			

FONTE: NOGUEIRA, 2001.

No Ateneu Cearense, se as aulas aconteciam na praia, como bem lembrou Rodolfo Teófilo, outras escolas realizavam a *gymnastica* no pátio (Escola Normal e Escolas Reunidas), em quadras (Colégio Cearense). E em dias especiais, e até mesmo em dias chuvosos, a aula acontecia em um amplo terraço (Gimnásio São João)<sup>310</sup> ou no pavilhão para recreio (Colégio Castelo Branco), conforme a figura abaixo:

<sup>308</sup> Título V, Art. 7º - Fica criada a Escola Complementar, anexa a Escola Normal da Capital, sob a mesma direção e com programa coordenado ao deste estabelecimento. Art. 8º-O curso será de dois (2) anos, compreendendo as seguintes disciplinas: língua Vernácula e Caligrafia; Francês, Aritmética e Noções de Álgebra; História do Ceará e do Brasil; História Pátria, Física e Química e História Natural; Desenho do Natural, Música e Canto; Ginástica e Trabalhos Manuais (Lei n. 1953, de 02 de agosto de 1922 IN NOGUEIRA, 2001).

<sup>309</sup> Título VI, Art. 10; i) são criadas as aulas de Ginástica Educativa e de Música e Canto; Art.11- O Governo fica autorizado a prover a cadeira de Física e Química com o professor da cadeira de Inglês, que se extingue; fica igualmente autorizado a contratar professores capazes para o desempenho das novas aulas de ginástica e Música, percebendo a gratificação que for fixada em lei especial.

<sup>310</sup> REVISTA DO INSTITUTO DE 1954.



FIGURA 12. Espaço para recreio e para as aulas de Ginástica. Fonte: TERRA DA LUZ, 1936.

No Liceu do Ceará, as aulas aconteciam no horário das 5 às 7 horas da manhã e os alunos, de outros turnos, eram obrigados a frequentar uniformizado. Aliás, o uniforme para as aulas de *gymnastica* era uma exigência nas escolas, décadas adiante (1940) como ainda nos dias de hoje, conforme a foto das normalistas (FIGURAS 13) abaixo:

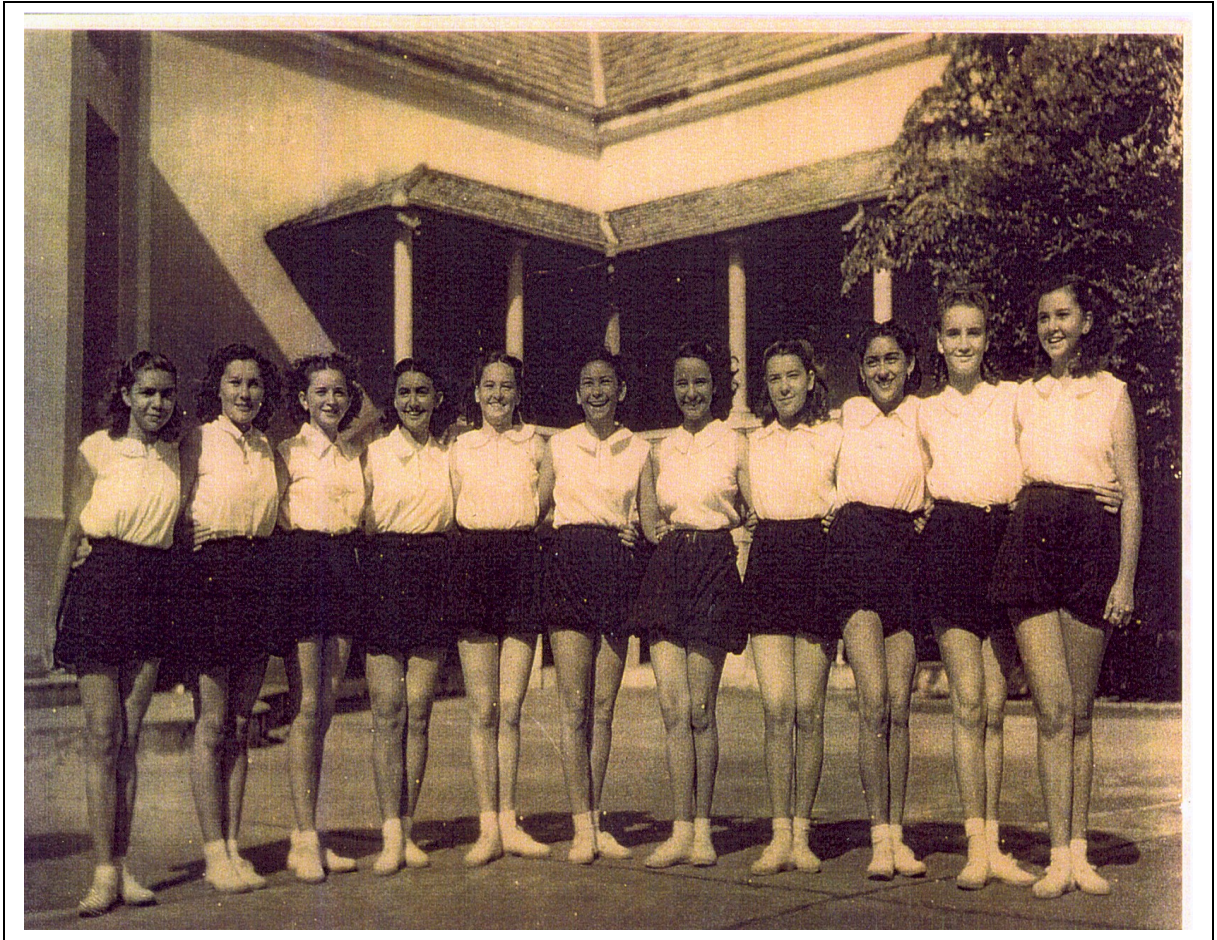


FIGURA 13. As normalistas com roupa de Ginástica, 1940. Fonte: ARQUIVO PARTICULAR DE THIRZA BINDÁ.

Na Legislação Nacional, o Decreto n. 6370, de 30 de setembro de 1876, introduzia exercícios graduados de ginástica nos cursos das Escolas Normais, no Município da Corte. Nelas, a ginástica era composta de exercícios com e sem instrumentos, dependendo do ano letivo, como segue abaixo:

1º Ano: Instrução Moral e Religiosa (História Sagrada, Catecismo da Diocese, Moral); Língua Nacional (Leitura, Análise Gramatical de Prosadores e Poetas Brasileiros e Exercício de Recitação); Língua Francesa (Leitura, Tradução e Análise Gramatical de Prosadores e Poetas); Aritmética até Logaritmos; Álgebra até Equação de Segundo Grau; Metrologia (Sistema de Pesos e Medidas); Desenho Linear e Caligrafia; Música Vocal (Princípios Gerais de Solfejo); **Ginástica (Exercícios Graduados sem Instrumentos) [grifo meu]**; Costuras (na Escola de Professoras);

2º Ano: Língua Nacional, (Recitação e Prosadores e Poetas Portugueses e Brasileiros, Análise Filológica); Elementos de Cosmografia Geral; Geografia do Brasil (Estudo Completo); Geometria Plana; Regras de Escrituração Mercantil; Princípios Elementares de Física e Química; Pedagogia (Princípios Gerais de Educação Física, Intelectual e Moral,



Religiosa e Cívica, Metodologia Geral (Exercícios Práticos nas Escolas Anexas); Desenho Linear e Caligrafia; Música Vocal (Solfejo, Concerto de Vozes); **Ginástica (Exercícios Graduados com Instrumentos)** [grifo meu]; Tricot, Crochet e Bordados na Escola de Professoras.

3º Ano: Língua Nacional (Recitação de Poetas e Prosadores Portugueses e Brasileiros; Análise de Estilo; Exercícios de Composição);-Noções Gerais dos Direitos e Deveres do Homem e do Cidadão; Princípios de Economia Social e Doméstica; Princípios Elementares de História Natural dos Três Reinos; Noções Gerais de Física e Higiene; Noções de História Universal; História do Brasil; Estudo Completo; Pedagogia (Metodologia Especial, Exposição de Todos os Métodos de Ensino e da sua conveniente Aplicação; Exercícios Práticos nas Escolas Anexas); Desenho Linear e Caligrafia; Música Vocal (Solfejo, Concerto de Vozes), **Ginástica (Exercícios Graduados com Instrumentos)** [grifo meu]; Tricot, Crochet, Ponto de Marca e Bordados na Escola de Professores (PRIMITIVO, 1938, p.301-302).

Conforme exposto no programa das aulas de ginástica, havia os “exercícios disciplinares, movimentos parciais e flexões, marchas, corridas, saltos, exercícios píricos equilíbrios, exercícios e jogos ginásticos”<sup>311</sup>.

A obrigatoriedade da ginástica surgiu com o Decreto n. 8025, de 16 de março de 1881, período em que ocorreu a divisão do Curso Normal<sup>312</sup> em duas secções: a masculina e a feminina.

Em Fortaleza, entre as várias reformas<sup>313</sup> ocorridas na Escola Normal<sup>314</sup>, como as demais do País, a Reforma de 1887<sup>315</sup> inseriu a ginástica. Segundo Silva<sup>316</sup>, esse acontecimento ocorreu com “satisfação”, por ser “uma evidência de consenso, à época, ser a educação do corpo, complementar e indispensável à educação do espírito”.

As aulas, como aconteciam em outras instituições, seguiam as orientações dos instrutores militares, responsáveis pela disciplina escolar. Semelhante às aulas do Colégio Militar, os alunos eram dispostos em fileiras e acompanhavam os exercícios com a precisão dos gestos e movimentos, ora realizados em pé ora sentados, porém,

---

<sup>311</sup> PRIMITIVO, 1938, p.316.

<sup>312</sup> Ib. Idem.

<sup>313</sup> Maiores informações em SILVA (2001).

<sup>314</sup> A criação da Escola Normal do Ceará ocorreu pela Lei Provincial nº. 1790, de 28 de dezembro de 1878 e, após seis anos ocorre sua instalação, denominada, inicialmente, de Escola Normal Pedro II (CASTELO, 1970), SILVA (2000), CORDEIRO (2000), SOUSA [S/D], BEZERRA (1992).

<sup>315</sup> SILVA explica essa inserção da seguinte forma: “outro fato interessante, que julgo digno de destaque é a ocorrência de 9 de julho de 1887, em que, sem maiores explicações, o Diretor da Escola comunica ao Presidente a sua “satisfação” com o fato de se ter introduzido os “exercícios de gymnastica” na escola anexa masculina. Isso é uma evidência de consenso, à época, ser a educação do corpo, complementar e indispensável à ed. do espírito (...) (2001, p.101).

<sup>316</sup> O.b. Cit.

todos seguiam em sintonia, cadência, organização, ritmo e movimentação, conforme a demonstração abaixo (FIGURA14 e 15):



FIGURA 14. Aula de Ginástica dos Alunos do Colégio Militar. Fonte: MARQUES e KLEIN FILHO, 2007.

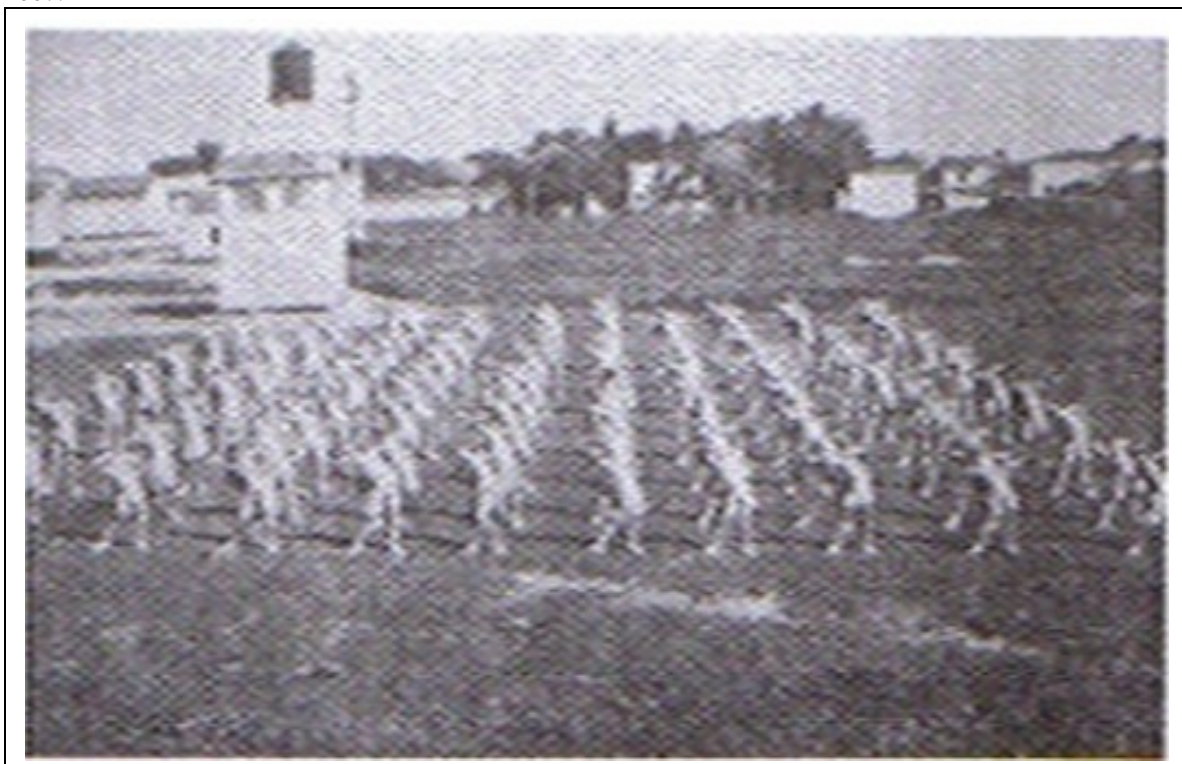


FIGURA15. Aula de Ginástica dos Alunos do Colégio Militar. Fonte: MARQUES e KLEIN FILHO, 2007.

Por aqueles dias, Adolfo Caminha expressa, na obra, “A Normalista”, as alterações do programa da Escola, e, nela, a inserção da *Educação Physica*, segundo a concepção de Spencer e Pestalozzi:

O programa era outro, mais extenso, mais amplo, dividido metodicamente em Educação Física, Educação Intelectual, Educação Nacional ou Cívica, Educação Religiosa pelos moldes de H. Spencer e Pestalozzi; o horário das aulas tinha sido alterado, havia uma escola anexa de aplicação, estava tudo mudado!(CAMINHA, Adolfo, 1985, p.138).

Nas impressões do Escritor, a *Educação Physica* caminhava ao lado da educação *intellectual* e moral segundo os citados teóricos. Na década de 1920, emergiam solicitações por mais reformas, tanto no Ceará, como nas escolas normais do País<sup>317</sup>. Os tempos eram outros. Ocorriam mudanças que afetavam a estrutura do ensino na Escola Normal, como, por exemplo, em vez da aprendizagem movida pela palmatória<sup>318</sup> e da educação voltada unicamente para o desenvolvimento intelectual, desenvolvia-se o método ativo de ensino.

No método da Escola Nova havia o reforço da inclusão da educação corporal dos escolares pela a *gymnastica*, no mesmo patamar da educação intelectual e moral.

Após os estudos na Escola Normal, as normalistas, então professoras, iam trabalhar em cadeiras do ensino primário e, lá praticar seus conhecimentos, inclusive o que aprenderam sobre os jogos e a ginástica, entre elas, Anna Facó.

Anna Facó era poetisa, escritora, contista, romancista e professora. Formou-se pela Escola Normal e lecionou a cadeira de ensino primário no Gymnásio Cearense e, posteriormente, na própria Escola Normal. Autora de “Minha Palmatória”

---

<sup>317</sup> Segundo NAGLE: “A “velha” escola normal já não atendia mais, com a sua falta de conteúdo especial, às novas exigências propostas pela escolarização; as escolas normais existentes constituíam um curso de “humanidades” de segunda classe. Por isso, precisavam ser refundidas de alto a baixo, de modo a “corrigir a orientação literária e formalista do (seu) programa que, composto mais de ciências abstratas ou descritivas, forma o espírito, mas não o forma (1974, p. 218 - 219).

<sup>318</sup> Consultar OLINDA (2004), MADEIRA (1999), SILVA (2000).

<sup>319</sup> descreveu a aula de ginástica em forma de cânticos. Daí o título de “Cântico *Gymnastico*”. Por ser um texto iluminativo, reproduzo na íntegra:

XLVII - Cântico Gymnastico  
Vamos hora de gymnastica  
Bons exercícios fazer;  
Vamos bem de nosso corpo  
Os órgãos desenvolverem

Comecemos tendo o corpo  
Direito, braços caídos,  
Pés firmes e muito próximos,  
Calcânhares quase unidos (1)

As pontas de nossos pés  
Vão-se unir, se desunir,  
Fazendo lembra um leque  
A se fechar e a se abrir (2)

Vamos também nossos braços  
Adestrar pausadamente:  
Verticalmente elevá-los,  
Baixá-los verticalmente (3)

Nossos pés débeis, travessos,  
Delicados no pisar,  
O peso de nosso corpo,  
Na ponta vão supportar (4)

Agora nossas cabeças  
Querem lentas se mover  
Para frente e para traz  
Como avezinha a beber (5)

Vão e vem nossas cabeças  
Pacientes se voltar  
Á direita e á esquerda,  
Sem isso nos molestar (6).

É preciso nossos braços  
Novo exercício fazerem,  
Primeiro dobrarem-se a meio  
Para depois se estenderem

Nossos corpos delicados  
Arremedo fazer vão  
Ás florinhas que se curvam  
Ao soprar da viração

Como uma frágil barquinha,  
Vacillando no alto mar,

---

<sup>319</sup> Obra Póstuma. Tipografia Minerva Assis Bezerra, Ceará, 1938, p.141-143.

A´direita e á esquerda,  
Vão agora se inclinar.

Deixando nossos és firmes  
Como pregados no chão,  
Viemos fazer com o corpo  
Uns visos de rotação

Nossas perninhas são frágeis,  
Mas fortes se vão tornar,  
Curvando-a e descurvando-as  
Neste brinquedo escolar

Para o canto terminarmos  
Com animação e prazer,  
Num passinho requebrado  
Vamos um giro fazer (FACÓ, 1938, p.141-143).

O cântico expressava a forma divertida de fazer ginástica. Por meio da canção de amor à infância, os exercícios deixavam, um pouco, a rigurosidade do treinamento militar e eram tratados como brinquedo escolar.

Nas entrelinhas, o canto revela a preocupação com o corpo infantil tanto física e mentalmente<sup>320</sup>. No seu “Cântico”, a professora Facó explica os passos às professoras e repassa a forma de executar a ginástica no ensino primário, assim:

- (1) - corpo ereto, mãos nos quadris e calcanhares junto.
- (2) - pondo as mãos nos quadris, juntar as pontas dos pés e separá-los, sem erguer os calcanhares e contando um, dois, três até 12.
- (3) - elevar os braços bem estendidos á altura da cabeça e baixa-los ao lado do tronco, contando: 1,2...
- (4) - com as mãos nos quadris, erguer o corpo na ponta dos pés, sentando em seguida os calcanhares no chão, contando: 1, 2...
- (5) - com as mãos nos quadris mover a cabeça para frente e para traz, contando: 1, 2,...
- (6) - com as mãos nos quadris, mover a cabeça á direita e á esquerda, contando: 1,2... (Ib. Idem).

Eram exercícios de flexão do tronco, para frente, ao lado, elevação do tronco, enfim, os mesmos exercícios praticados nas escolas militares, mas com uma abordagem diferente.

### 3.1.2 A Ginástica Sueca

---

<sup>320</sup> COSTA, 1983, p. 183-184.

Houve dias em que a ginástica acrobática era chamada de atlética, e assim como o futebol, passou a ser considerada perigosa à formação dos escolares. Participando das atividades físicas no espaço escolar, essas práticas tiveram uma trajetória de simpatias e rejeição por parte de muitos educadores.

Era consenso entre os educadores, entre eles, os candidatos ao cargo de inspetores estaduais, a compreensão de que a ginástica acrobática era apenas uma “exibição muscular” e, como tal, inadequada à criança em desenvolvimento na fase escolar, pois envolvia exercícios de barras, trapézios, alteres e outros instrumentos.

A ginástica era considerada um “suplício” para a criança em virtude da brutalidade dos exercícios inadequados à formação infantil. A ginástica, até então, considerada perniciosa, passava a ser defendida pelos médicos, educadores, filósofos e outros que, fundamentados na ciência, chamam-na de médica e/ ou científica,

Com este argumento, era tratada com restrição pelos educadores da época, que aconselhavam substituí-la pela ginástica sueca (ou método sueco), conforme constava das provas dos candidatos do Concurso para Inspectores Regionais de Ensino do Estado do Ceará, 13 de abril de 1932. A ginástica sueca, ou ginástica médica, teve como criador o médico sueco, Ling (1776-1839). Composto por quatro categorias, o método tinha as seguintes funções:

- a) Ginástica pedagógica ou educativa - aquela que todas as pessoas, independentemente de sexo ou idade e até mesmo, de condição material e social poderiam praticar. O seu mais elevado objetivo seria o de desenvolver o indivíduo normal e harmoniosamente, assegurando a saúde e evitando a instalação de vícios, defeitos posturais e enfermidades;
- b) Ginástica militar - deveria incluir a ginástica pedagógica, acrescida de exercícios propriamente militares tais como o tiro e a esgrima cujo objetivo era preparar o guerreiro que colocaria fora de combate o adversário;
- c) Ginástica médica e ortopédica - que também deveria estar baseada na ginástica pedagógica, visando eliminar vícios ou defeitos posturais e curar certas enfermidades através de movimentos especiais para cada caso encontrado;
- d) Ginástica estética - que assim como as demais estaria baseada na ginástica pedagógica e, para além dela, procuraria o desenvolvimento harmonioso do organismo e seria completada pela dança e certos movimentos suaves os quais proporcionam beleza e graça ao corpo (SOARES, 1994, p.71-72).

Vários educadores participaram do mencionado concurso, entre os quais os senhores. Djacir Lima Menezes (Bacharel em Ciências Jurídicas), Antônio Filgueiras Lima (poeta e educador). E compondo a comissão de avaliação estava a professora Edite Braga, entre outros membros. As provas dos candidatos encontram-se no Arquivo Público de Fortaleza.

Neste concurso, após um relatório analisando a adoção da Escola Nova pelo Grupo Escolar, os pretendentes faziam uma prova dissertativa sobre Higiene e o ponto sorteado foi o de número 09, que perguntava sobre "Quais os efeitos da Educação Física no desenvolvimento corporal e fisiológico da criança?" Nas respostas, consegue-se apreender as opiniões e o conhecimento dos educadores sobre o assunto.

Para o Sr. Djacir Lima Menezes, a Educação Física "visa o desenvolvimento funcional e harmonioso de todos os órgãos por meio de movimentos neuro-musculares executados intencionalmente". Assim, segundo ele, os efeitos da Educação Física no desenvolvimento corporal e fisiológico da criança estavam na "adaptação funcional ao esforço muscular, desenvolvimento geral do corpo, prontidão nas percepções, regulação da atividade vaso-motora etc". Já o professor A. Filgueiras Lima escreve que:

Preliminarmente devo declarar que, no nosso século, é em verdade o "século da criança", não se compreende um sistema educativo em que não se cuide da educação física do menino. Vem a falhar aqui um pensamento do ilustrado pedagogo brasileiro Lourenço Filho, para quem o problema educativo se afigura um triângulo, cuja base é ocupada pelo aspecto biológico e em cujos ângulos se apresentam o aspecto sociológico e moral. Ninguém expoz com mais clareza e descortina científico as vantagens e os efeitos da educação física do que o grande Thomas Wood, gloria e fama da higiene moderna. Ele os estuda nos diversos modos, quer encarando-os no ponto de vista puramente material ou biológico, quer do ponto de vista psíquico ou intelectual. De fato, assim como o exercício físico concorrem para o desenvolvimento muscular, facilitando o exercício normal da respiração e provocando a aceleração do sangue, igualmente vão favorecer as funções psíquicas, a atenção, o raciocínio, a vontade. Ao mesmo tempo que embeleza e coordenam as formas os movimentos do corpo, tornam-no mais ágil e mais forte para vencer na luta quotidiana da vida. Os corpos melhoramente desenvolvidos resistem mais ao ataque das moléstias, o que se deve ter sempre em vista. Há diversos métodos de educação física adotados em diferentes países do globo. O mais conhecido é inquestionavelmente o de Fritz Moullier, universalmente aplicado. O fim de todos eles, quando a serviço da educação da criança é dar-lhe máxima destreza aos movimentos, (...), o que hoje muito se apregôa, de acordo com os ensinamentos da escola nova que quer fazer de cada menino um ser ativo, capaz de orientar-se e dirigir-se por si mesmo. Sob o aspecto psíquico, ou melhor, moral, os efeitos da educação são os mais positivos e fecundos. A energia, a resolução, a serenidade, qualidades tão necessárias para vencer-se, recebem diretamente dos exercícios físicos os maiores benefícios. (...) E só a

educação física, faz homens de corpo são e mente sã. O grande eugenista Renato Khel diz que o Brasil só será grande quando só tiver filhos fortes e saudáveis. Fernando de Azevedo também assim o crê, motivo pelo qual, na sua Reforma do Ensino do D. Federal colocou na primeira plana a educação física. E assim também o cremos, todos os que nos batemos por esta escola do “trabalho na alegria e da disciplina na liberdade” (...)

A análise desse material ajuda a compreender a aceitação do método sueco entre os educadores cearenses na formação dos escolares. Entre os aspirantes a inspetor, estava o Pe. Rodolpho Ferreira da Cunha, que argumentava a prática inapropriada da ginástica atlética para o organismo da criança pela violência do treinamento ao desenvolvimento muscular. O referido candidato explica que:

Condeno também com a autoridade de Fontenelle, a ginástica atlética, com barras, trapézios, alteres e outros instrumentos de quase suplício, pelo menos, para crianças, cujo organismo ainda em forma não poderão suportar exercícios violentos como esses. Ademais, o atleta é, em muitos casos, um aleijão com músculos extraordinariamente desenvolvido, sem que quando o organismo obedece a esse estranho desenvolvimento. A ginástica deve ser de forma a não ofender em cousa alguma ao desenvolvimento da criança e para isso seria de mister (...) um certo treinamento, afim de que o organismo se fosse habituando a qualquer rudeza que encontrasse nos exercícios fisiológicos (Prova de Pe. Rodolpho Ferreira da Cunha no Concurso para Inspectores Regional de Ensino do Estado do Ceará, 13 de abril de 1932).

Já outra candidata à vaga no Concurso, Maria Laura de Vally Rosa, argumentava que a ginástica atlética “só serve para exibição, porque requer material próprio, e mesmo só põem em jogo os músculos reflexores os que mais trabalham na vida”.

Talvez a antipatia dos educadores pela ginástica acrobática, ou atlética, na escola decorra da semelhança com as acrobacias praticadas livremente nos circos e nas ruas, portanto, sem uma fundamentação científica e daí serem consideradas um espetáculo nocivo ao corpo, por fugir do controle, das medidas, do cálculo, da disciplina e afrontar a seriedade e a utilidade aos moldes do Estado. Como também, talvez essa rejeição se deva ao fato da ginástica “divertida” ameaçar a função moralizante da educação escolar.

O corpo do artista era marginalizado, divertido, alegre e livre. Em vez da ginástica atlética, os educadores elegiam a ginástica sueca nas escolas.



Essa verdade se torna ainda mais evidente que temos numerosas gymnásticas, em que, com uma esperança de eficácia maior, podemos educar as gerações que forem chegando para a vida. Essa gymnastica sueca tão rytmada, fonte e princípio de uma inalterada harmonia, por exemplo (O NORDESTE, ano III, n. 670, Fortaleza, 19 de setembro de 1924).

Ressalto o fato de que por vários caminhos a educação física se inseriu no ambiente escolar, e, entre eles, pela contribuição dos métodos ginásticos<sup>321</sup>, o que não foi diferente na sociedade cearense, onde, ao contrário de outros estados brasileiros, o método adotado não foi o alemão e muito menos o francês<sup>322</sup>, mas o método sueco. Nas escolas, eis a aceitação e a divulgação do Curso de Gymnastica Sueca, conforme o anúncio:

O Governo do Estado instituiu o ensino de ginástica sueca nos Grupos Escolares de Fortaleza e Maranguape e nas escolas primárias da capital, contractando 2 professoras Dona Lucy Arroso e Rosina de Carvalho Freire (ALMANACH DO CEARÁ DE 1922).

A seguir, a prova de higiene (primeira página) do Sr. Djacir Lima Menezes no Concurso de Inspectores Regionais do Ensino. O ponto sorteado foi o n.9 e o candidato deveria dissertar sobre o desenvolvimento corporal-fisiológico da criança, para tanto, a questão indagava “quais os efeitos da educação física?”. Segue um recorte (FIGURA 16),

Concurso de Inspectores Regionais do Ensino

Prova de Higiene  
Ponto sorteado-9º

Dissertação - Desenvolvimento corporal – fisiológico da criança.  
Questão - Quais os efeitos da educação física?

Dissertação - Na frase de Godim, o crescimento é a expressão sintética do desenvolvimento do individuo no ponto de vista fisiológico. Este desenvolvimento se inicia com a concepção, fusão das células sexuais masculinas e femininas para integração do ovo (junção do esperma com o óvulo). Desnecessário se faz deitarmo-nos nos processos íntimos desse fenômeno, mui individualmente analisado nos modernos estudos de embriogenia. O embrião é o ponto de partida do desenvolvimento ontogenético que se inicia. Ponto de partida das investigações a respeito da marcha evolutiva do embrião, cujas variadas e sucessivas morfologias são

<sup>321</sup> Maiores informações em SOARES (1994).

<sup>322</sup> Consultar VILODRE (1992).

comparadas de outras formas de espécies próximas ou revistas à espécie humana, o que leva Fritz Müller e posteriormente Ernst Haeckel (Vie Wellträtzal) a enunciação da lei biogenética já excessivamente vulgarizada explorada, - interessa-nos aqui acompanhar suas fases características. Até o 4º mês de vida intra-uterina há o embrião: daí em diante, o feto, cuja vida se prolonga ao 9º mês. Esse período pré-natal varia segundo as diversas espécies animais, atingindo, no elefante, a (...)

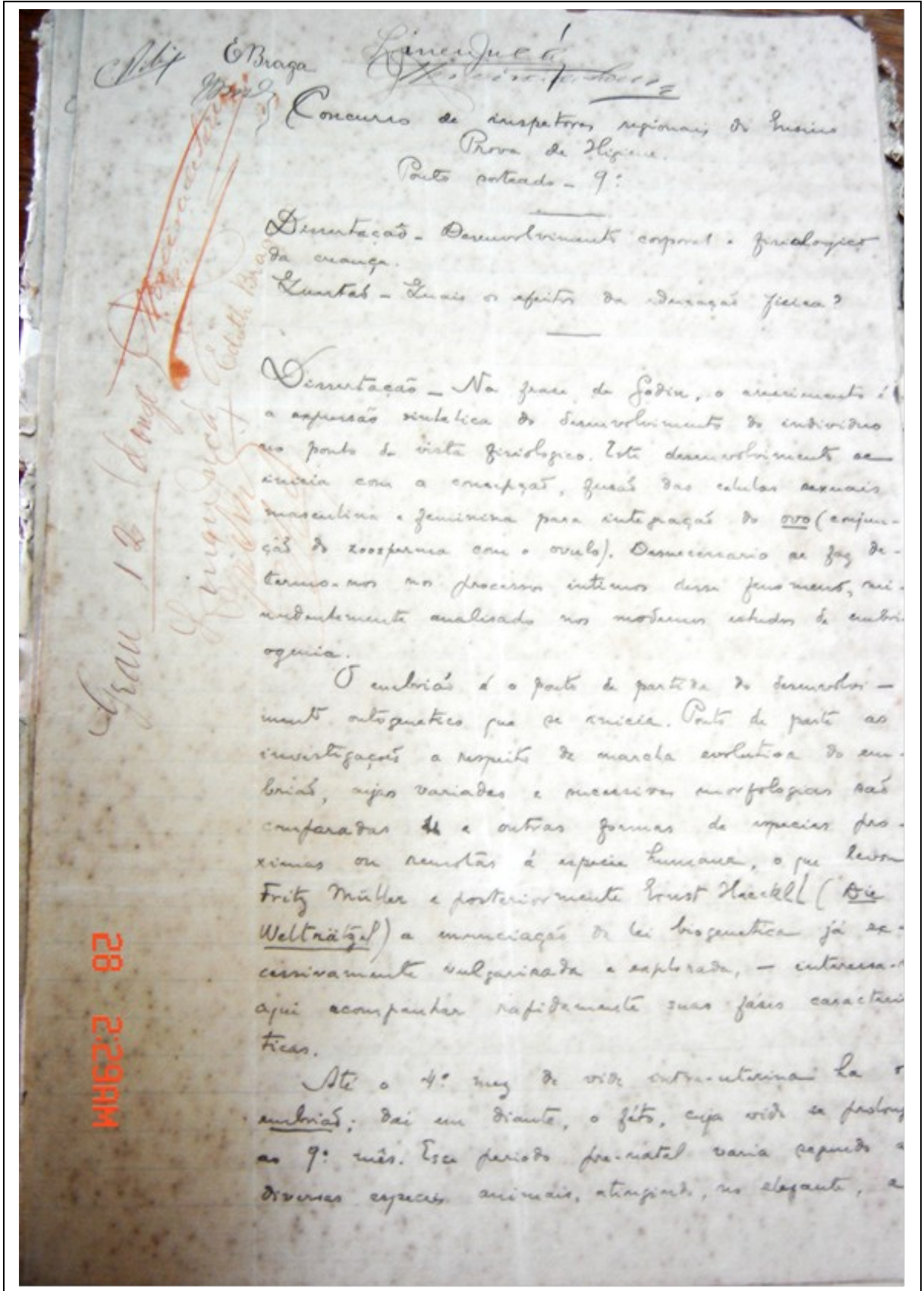


FIGURA 16. Prova do Sr. Djacir Lima Meneses no Concurso de Inspectores Regionais de Ensino, 1932. Fonte: ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO CEARÁ.

### 3.1.3 A Ginástica e a “instrução militar e physica”

Em algumas instituições de ensino, tanto militar como civil, a ginástica era chamada de “*instrução militar*”, ou seja, atividades físicas e militares compostas por ginástica, natação e esgrima e, instruções militares de ordem unida, armamento, tiro, organização do terreno e serviço em campanha<sup>323</sup>.

No Ceará, como em outros estados, a Companhia de Aprendizes Marinheiros era chamada de “abrigo da rapaziada pobre do Nordeste”. A Instituição era responsável pelos menores da região na formação de “marinheiros fortes, hábeis, inteligentes e disciplinados”<sup>324</sup>. Com o recrutamento de jovens desamparados pela sociedade, a Marinha garantia a formação do quadro técnico-administrativo.

Criada em 1865, no Ceará, a Escola foi abolida no ano de 1931 para retornar somente em 1940. No entanto, suas raízes foram germinadas com a vinda da Família Real ao Brasil. Herdeiros dos ensinamentos da Academia Real dos Guardes Marinha, originando-se, a partir de então, a Marinha brasileira. Posteriormente, criavam-se, as Companhias de Aprendizes, idealizadas pelo Marquês de Tamandaré, e instituídas oficialmente pelo Visconde de Albuquerque (março de 1841). E, aos poucos, se espalhava pelas Províncias do Império: na Província do Pará e da Baía (Decreto n. 1517, de 04/01/1855), Pernambuco (1857), Santa Catarina, Maranhão, Rio Grande do Sul e Minas Gerais (1861), Espírito Santo (1862), Paraná e no Ceará (Decreto n. 3.347-de 26 de novembro de 1864). Venâncio alerta para o fato de que,

É importante reconhecer que as companhias de aprendizes marinheiros, instituídas a partir de 1840, representavam uma ruptura fundamental em relação ao atendimento dos meninos pobre maiores de sete anos de idade. A partir da formação das companhias, pela primeira vez era criada no Brasil uma instituição inteiramente pública para menores que não pudessem permanecer sob a custódia dos hospitais ou de responsáveis. Como mencionamos, esse recrutamento incidia sobre três grupos: os enjeitados nas casas dos expostos, os enviados pela polícia e os “voluntários” matriculados pelos pais ou tutores. A novidade do recrutamento consistia no fato de os meninos receberem gratuitamente um enxoval e, no caso dos voluntários, os respectivos responsáveis ganharem o “prêmio” de cem mil reais; valor nada desprezível, pois representava aproximadamente 20% do preço de um escravo adulto ou que permitiria a compra de duas ou mais crianças escravas. Em outras palavras, havia poderosos estímulos para que as companhias de aprendizes prosperassem (2000, p. 198-199).

<sup>323</sup> Ver MARQUES e KLEIN FILHO, 2007, p. 68.

<sup>324</sup> Estudos Sobre o Ceará. Campanha de Inquéritos e Levantamento do Ensino Médio e Elementar. Rio de Janeiro, MEC/ INEP, 1955.

Além do mais, a “referida instituição consistia em uma das pouquíssimas alternativas de aprendizado profissional destinada à infância pobre<sup>325</sup>”, sem esquecer a “forma de curar os males da infância brasileira abandonada”<sup>326</sup>.

Vista como forma de ascensão<sup>327</sup> social, o Estabelecimento educacional encarregava de fornecer aos matriculados “os elementos necessários, como, por exemplo, o material para estudo, alimentação, uniforme e roupas brancas, assistência médica e dentária, gratuitamente”<sup>328</sup>

Nesta direção, “a oferta de aprendizado gratuito e das recompensas financeiras destinadas aos pais e responsáveis”<sup>329</sup> foi o caminho de muitos jovens para fugir da miséria.

Ressalto as dificuldades dos jovens no cumprimento da rigidez militar e, em alguns casos, desamparados pelas famílias diante do sistema de internato, que “os isolava da sociedade e dos prazeres que a sua idade requisitava”<sup>330</sup>.

Convêm frisar que, alguns recebiam a proteção dos “cônegos”, considerados protetores, no entanto, o excesso de castigos desembocava em indignações e revoltas, a exemplo da “revolta da chibata”<sup>331</sup>.

O rigor da formação militar daqueles meninos era norteado pelos princípios de “nacionalidade, subordinação, disciplina e instrução”. O *slogan* era: “obedecer, amar, lutar e morrer pela Pátria”<sup>332</sup>; contudo, era lá, que o jovem órfão, abandonado e desamparado, tinha educação e família.

Além do rigor militar, castigos e chibata, as doenças avassalavam a saúde dos marinheiros. Sobre esse assunto, o jornal “*A Constituição*” publicado no dia 3 de julho de 1865, traz o relatório do médico, responsável pela inspeção dos aprendizes,

<sup>325</sup> Consultar SOUZA sobre como ocorreu a iniciativa de “abrigar” os menores desvalidos na Marinha. (1950, p.187-188).

<sup>326</sup> Segundo VENÂNCIO (2000, p.198), a geografia de implantação das escolas de marinheiros seguiu a rota das casas dos expostos.

<sup>327</sup> VENÂNCIO explica que: “Tendo em vista a pobreza que marcava a vida de boa parte da população livre do meio urbano da época, é compreensível que pais e tutores recorressem torrencialmente ao arsenal” (2000, p.198).

<sup>328</sup> ALMANACH DO CEARÁ de 1922.

<sup>329</sup> VENÂNCIO, 2000, p. 201.

<sup>330</sup> OLIVEIRA, 2002.

<sup>331</sup> FREYRE comenta que: “(...) sob a denominação de ‘cônegos’, desfrutavam de especial prestígio entre alguns dos jovens marujos por qualidades socráticas ou platônicas que faziam deles, irmãos mais velhos, indivíduos ouvidos com particular respeito pelos iniciados” (2000, p.140).

<sup>332</sup> Ver OLIVEIRA (2002).

desmentindo a notícia veiculada pelo Jornal, em julho de 1865, “*O Cearense*”, em que a “metade dos aprendizes sofre moléstias incuráveis”.

No ensino dos aprendizes, as aulas de natação foram destaques por serem consideradas “incomuns na época”, porém, óbvio pelo ambiente de trabalho – o mar.

O ensino destinado aos aspirantes à vida naval era, com efeito, bastante diversificado. Eles aprendiam os tradicionais ofícios que todo marinheiro deveria saber, tais como manejar armas, remar, coser velas, desfilar em “mostras” e “bordejar” em navios, mas também recebiam **aulas de natação, incomuns na época (grifo meu)** (...) (VENÂNCIO, 2000, p. 200).

Como se observa, era nas aulas de natação que o aprendiz tinha contato com a vida marítima e com a preparação física.

Após a promulgação do novo Regulamento das Escolas e com a denominação de Escola de Aprendizes Marinheiros do Ceará, a instituição adotava seleção mais criteriosa. Desta forma, o Ministro da Marinha<sup>333</sup> recomendava ao comandante não mais receber “jovens oriundos da baixa classe social, enveredados pela porta larga dos vícios e dos crimes”<sup>334</sup>, pois, além de indisciplinados e desordeiros, eram briguentos. Barroso relembra,

Certa manhã brincava de camisolão – tão pequeno era – perto de casa, quando um grupo de alunos da Escola Militar à paisano pregou a esquina do sobrado do Barão de Ibiapaba (esquina noroeste das ruas Major Facundo e Senador Alencar) o retrato enxovalhado do Almirante. Vinha passando em direção ao mercado, um cabo de marinheiros do pequeno destacamento da Escola de Aprendizes. Parou, olhou o cartaz infame e as lágrimas lhe pularam dos olhos. Arrancou-o com indignação e dilacerou. Os cadetes, armados de cacetes e facas cercaram-no, bramindo injúrias. Coçou-se rapidamente por baixo da blusa curta, a lâmina duma navalha alumiu na sua mão escura e espalhou-se. A cadetada fugiu. Desse esse dia, adorei uma navalha (2000, p. 115).

Em Fortaleza, a Companhia, inicialmente, funcionava na Rua da Praia, em casa pertencente ao Barão de Ibiapaba e, no período de 1885 até 1908, passava a funcionar no “prédio fronteiro a elas e construído para a esse fim por José Maria da Silveira”<sup>335</sup>.

---

<sup>333</sup> REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ, 1965, p. 338.

<sup>334</sup> Id. Ibidem.

Id. Ibidem.

<sup>335</sup> ÁLBUM DE FORTALEZA DE 1931, p.399.

Lá permaneceu até mudar-se para o atual Prédio em Jacarecanga, em frente à Praia do Pirambu, adquirido pelo Ministério da Marinha, antigo local da fábrica de curtumes (Companhia Cearense de Curtumes).

O ingresso de professores normalistas no ensino da Instituição foi aplaudido e o novo regulamento muito elogiado. Além de aprender a ler e a escrever, ensinava-se a doutrina cristã, a riscar mapas, executar a arte de marinheiros, manejarem as armas brancas e a artilharia naval<sup>336</sup>. Seu quadro de docentes era:

Commandante Capitão-Tenente Mario Emilio de Carvalho  
Imediato - Primeiro Tenente João Correia Dias Costa  
Commissário – Primeiro Tenente Xerxes Marques Mancebo  
Professores-Normalistas - Francisco Bittencourt, Francisco de Paula Archilles e Clovis do Rego Monteiro.  
Auxiliar de Ensino - José Braz Coqueira Aranha  
Mestre de Música – Antonio Prado Lisboa  
**Mestre de Gymnástica e Natação – Manoel Candido de Sousa [grifo meu]**  
Médico Contractado - Dr. Luiz Costa  
Corpo de Sub - Officiaes  
Enfermeiro de Primeira Classe - João de Figueiredo Lisboa  
Fiel de Segunda Classe – Francisco Alves Ferraz e Pedro Lopes do Nascimento  
Primeiro Sargento Auxiliar do Fiel - Octaviano José dos Santos  
Segundo Sargento do Corpo de MMNN - Manoel Antonio de Souza  
O Corpo de Alumnos compõe-se de 170 Aprendizes Marinheiros e existem 5 marinheiros Contractados (ALMANACH DO CEARÁ DE 1922, p. 176–177).

Ao concluir o ensino elementar, profissional e acessório na Companhia, o aprendiz prosseguia os estudos na Escola de Grumetes (Angra dos Reis), com o objetivo de “cursarem as escolas profissionais das diversas especialidades necessárias aos serviços da nossa Marinha de Guerra”<sup>337</sup>.

Em seqüência, o aluno se especializaria nas categorias profissionais do arsenal da Marinha, como, por exemplo: artilheiro, torpedista fiel, escrevente, datilógrafo, enfermeiro, carpinteiro, motorista, eletricista, rádio-telegrafista etc., sem esquecer, porém a educação física, intelectual, moral e profissional dos aprendizes. A este respeito, o Decreto n. 11479, de 10 de fevereiro de 1915, menciona o seguinte Regulamento:

---

<sup>336</sup> OLIVEIRA, 2002, p.51.

<sup>337</sup> ÁLBUM DE FORTALEZA DE 1931, p.403.

Art. 1- As escolas de aprendizes marinheiros e de grumetes, sob a immediata jurisdicção da Inspectoria de Marinha, têm por fim preparar menores para o alistamento no Corpo de Marinheiros Nacionaes, dotando-os com as bases necessárias para a matricula nas escolas profissionaes, de modo a possuir a Marinha de Guerra Nacional pessoal habilitado para os seus múltiplos serviços.

Art.2- **A educação physica, intellectual, moral [grifo meu]** e professional dos aprendizes marinheiros será objecto de constante solitudine do pessoal administrativo e docente. O commandante, os officiaes e os professores deverão concorrer de modo efficaz para a formação do caracter militar dos aprendizes marinheiros, cuidando especialmente de inculcar aos seus discípulos os preceitos da moral, de lhes inspirar o sentimento do dever, o cumprimento rigoroso da disciplina e das regras de polidez e o respeito das instituições nacionais.

Pelo respectivo Decreto, destaque é dado à *educação physica, intellectual, moral e professional*, ou seja, o ensino elementar era encarregado das noções de Língua Materna, Aritmética (noções e operações fundamentais), Geometria Prática, Sistema Métrico Decimal; Geografia do Brasil e noções muito simples de Geografia geral; noções elementares de fenômenos atmosféricos, História do Brasil, Educação Cívica; Música; Desenho; lições gerais.

O ensino professional administrava noções de aparelhos de navios modernos; classificação de navios modernos, sua categoria; obras de marinheiros; conhecimentos de rumos de agulha, regimento de bandeiras e sinais semafóricos.

O ensino acessório era destinado ao desenvolvimento físico dos aprendizes com os exercícios de *gymnastica*, escalenos a remos, a vela e escolares ao ar livre. Para tanto, o “mestre” de ginástica era o responsável pela atividade física dos discentes e, como tal, fazia parte do corpo administrativo da Escola. O Capítulo VII do Decreto n. 11479 (Art. 73) menciona que a Escola permitia ter ainda “um mestre de natação, *gymnastica*, esgrima e infantaria”.

A respeito do pagamento desses profissionais, os dados mostram que os professores normalistas recebiam 4:800\$ anualmente (quatro contos e oitocentos mil réis), enquanto “os auxiliares de ensino, vitalícios por direitos adquiridos anteriormente, e os mestres de música e de *gymnastica*, 3: 600\$ (três contos e seiscentos mil réis)”, (Art. 91 do Decreto n.11.479). Contudo, não foi encontrada evidência sobre a razão que motivaria essa diferença salarial: se por qualificação, carga horária ou outro motivo.

Todos, porém tinham a função de “educar *physica, moral e intellectualmente* os seus *alumnos*, desenvolvendo-lhes, ao mesmo tempo, sentimentos elevados de



dignidade, de patriotismo e de amor á profissão a que se destinam” (Cap. XII, Art.79, Decreto n.11.479).

Os exercícios ginásticos de barra e trapézio saem da Escola e influenciavam a garotada nas brincadeiras no Brasil<sup>338</sup> de 1900, segundo Barroso:

(...) juntava-se um bando de meninos encapetados. João e Xavier Mississippi, José e Luis Percina. O Vieirinha é um caboclo dentuço que atendia pela alcunha de Jacaré. Andávamos sempre de conserva. Um por todos, todos por um. Fazíamos exercícios de barra e trapézio no quintal do Dudu para imitar os Aprendizes Marinheiros, cuja escola ficava próxima (no local do posteriormente construído prédio da Secretaria Estadual da Fazenda, no início da Avenida Alberto Nepomuceno). Nadávamos no riacho Pajeú (em sua embocadura) ou nos maceiós com a maré cheia. Remávamos nas bateiras e construíamos jangadinhas em que navegávamos. Arranjávamos corridas com apostas, de pequeninos barcos a vela. Atravessamos a ponte de Maceió grande, que era em declive, deslizando nas pesadas trollers da Casa Inglesa. Trepados no paneiro da lancha “Crato”, encalhada num lameiro, fingíamos combates navais com abordagens de piratas (2000, p.52).

Além dos exercícios citados, a esgrima como prática corporal escolar era benquista aos olhos de Fortaleza, sendo motivo de exibição nas ruas provincianas, conforme o jornal “*A República*”, de 12 de novembro de 1898,

Somos informados de que a Escola de Aprendizes Marinheiros associando se espontaneamente aos festejos commemorativos da proclamação da República e adesão do Ceara, formará no dia 15 em grande parada á praça da Sé ás 8 ½ horas da manhã desfilando em seguida em passeata marcial pelos principaes ruas da Cidade, e no dia 16 fará exercícios de esgrima de espada e florete á praça do general Tibúrcio ás 4 ½ horas da tarde. Por esta agradável noticia que transmittimos aos nossos leitores, só temos que louvar o zelo e patriotismo do seu ilustre e commandante, Sr. Capital tenente Ludgero Bento da Cunha Motta (A REPÚBLICA, 12 de novembro de 1898).

Ser benquista! Estaria associada ao caráter de distinção que seus praticantes poderiam alcançar, uma vez que associada a uma prática da nobreza? Ao contrário da ginástica dos circos, associada as pessoas pobres e nômades, que viviam debaixo de uma lona, de cidade em cidade, fugindo do padrão familiar tido como adequado na época e, principalmente, fugidos das normas e limites da moralidade exigida. Apesar de instigante, tal questionamento não pode buscar respostas nesse trabalho, pela sua dimensão e amplitude.

---

<sup>338</sup> Ver FREYRE (2000).

Remonta ao ano de 1858 a presença obrigatória da ginástica e da esgrima na Escola da Marinha, com a função de ensinar a teoria e a prática aos aspirantes à praça da Guarda Marinha. O curso tinha a duração de quatro anos e a seguinte programação:

1º ano: Primeira cadeira geometria elementar, seguida das noções fundamentais de geometria descritiva; trigonometria retilínea com aplicação aos primeiros teoremas da geometria analítica, na parte relativa á teoria de linha reta e do plano considerada no espaço. Ensino auxiliar: álgebra ate a resolução geral das equações numéricas; binômio de Newton, com aplicação à dedução analítica das series elementares, a saber: aquelas que exprimem o desenvolvimento das funções exponenciais, logarítmicas e circulares; construção e uso das taboas dos logaritmos, tanto de números como de linhas trigonométricas. O ensino destas doutrinas auxiliares ficara a cargo do opositor que estiver afeto á cadeira do 1º ano, sob a direção do lente respectivo. Primeira aula (dias alternados): aparelho e manobras. Segunda aula: desenho de figura e paisagem.

2º ano: primeira cadeira: noções elementares de calculo diferencial e integral, com aplicação teórica das curvas e superfícies curvas em geral, servindo de introdução ao ensino da mecânica racional; aplicação desta teoria á teoria das maquinas simples, e com especialidade as de vapor, e a explicação dos princípios fundamentais da construção naval; exposição de teoria da atração universal aplicada ao movimento dos planetas e à explicação do fenômeno das marés. Ensino auxiliar: continuação da geometria analítica, com aplicação ao estudo das curvas planas, especialmente das secções cônicas, e das superfícies e sólidos da revolução. O ensino ficará a cargo do opositor da cadeira. Segunda cadeira: física experimental, compreendendo especialmente o estudo da ótica, eletricidade, magnetismo terrestre, meteorologia, e do vapor considerado como agente mecânico. Aula: topografia e desenho topográfico.

3º ano: Primeira cadeira: trigonometria esférica, e astronomia física, servindo de introdução ao curso completo de navegação. Segunda cadeira: balística aplicada ao movimento dos projeteis usados na guerra, e com especialidade à artilharia naval; química elementar, com aplicação especial á pirotécnica. Aula: estudos detalhados e práticos do emprego das maquinas de vapor nos usos da navegação; desenho de maquinas.

4º ano: ensino a bordo de um navio armado em guerra e em viagem de longo curso; tática naval; historia da navegação com especialidade das mais notáveis campanhas navais dos tempos antigos e modernos. Exercícios práticos e regulares de observações astronômicas, especialmente para a determinação das longitudes no mar. Exercícios de artilharia. Trabalhos hidrográficos e desenho respectivo. Detalhes práticos da construção naval, com aplicação ao serviço de guerra (PRIMITIVO, 1938, p. 406-407).

Nesta grade, ginástica, esgrima e natação faziam parte dos exercícios práticos. A quantidade de horas /aulas era a seguinte: “Esgrima: uma vez por semana. Ginástica: uma vez por semana. Natação: duas vezes por mez e nos domingos antes da missa”<sup>339</sup>.

---

<sup>339</sup> PRIMITIVO, 1938, p. 407.

Em relação à educação física nos Estabelecimentos da Marinha, consta no Decreto n. 4720, de 22 de abril de 1871, a obrigatoriedade da prática da esgrima, da ginástica e da natação nos cursos; exemplo que também ocorre com a ginástica no currículo do Colégio Naval.

Criado em 1876, com características de internato, a bordo ou em terra, o Colégio Naval surgiu da extinção do Externato com o objetivo de preparar os alunos para “a matrícula no primeiro ano da Escola de Marinha”, também conhecida por Escolas Preparatórias<sup>340</sup>. Dividido em três anos, o curso tinha a seguinte composição:

1º ano: aritmética até proporções; elementos de gramática portuguesa; história do Brasil; geografia física (especialmente do Brasil), inglês e francês (leitura, tradução e elementos gramaticais); desenho linear; **exercícios ginásticos [grifo meu]**.

2º ano: aritmética (estudo completo); gramática portuguesa (estudo completo); gramática portuguesa (estudo completo); história antiga; história do Brasil (estudo completo); geografia física (estudo completo); francês e inglês (leitura, tradução e gramática); desenho linear; **exercícios ginásticos e natação [grifo meu]**.

3º ano: álgebra elementar (até resolução das equações e dos problemas do 1º grau); história Média e Moderna; português (exercícios ortográficos e de redação); francês e inglês (composição e conversação); geografia (estudo completo); noções de geometria elementar; **exercícios ginásticos e natação [grifo meu]** (...) (PRIMITIVO, 1938, p. 421-422).

A citação demonstra a presença dos exercícios ginásticos e da natação na grade curricular. O Regulamento de 1882 do Colégio Naval diminui a duração do curso para dois anos, cabendo ao primeiro ano os exercícios ginásticos e militares e no último, era incluída a natação. No Regulamento de 1886 abordava apenas a ginástica e a natação, conforme está neste fragmento:

Ficam reunidos sob denominação de Escola Naval a Escola de Marinha e o Colégio Naval. A Escola compreende três cursos: preparatório, de náutica e o superior. Todos os alunos, matriculados em qualquer dos cursos ficam sujeitos á disciplina militar; e os admitidos ao internato terão praça e soldo de aspirantes (...) os alunos deste curso terão como ensino comum: desenho figurado e de paisagem, **exercícios de ginástica, natação [grifo meu]** e infantaria (PRIMITIVO, 1938, p. 429).

Observei que a presença de *gymnastica*, exercícios físicos, natação e esgrima revelam mais do que uma tendência ocasional da instituição militar. Apontam também

---

<sup>340</sup> Ib. Idem.

para a forma utilitária de trabalhar o corpo em políticas de assistência social aos menores órfãos<sup>341</sup> e infratores, como ocorria na Escola de Aprendizes Artífices cearense.

A Escola de Aprendizes Artífices do Ceará funcionava como instituição educacional, formação e assistência aos desvalidos, além de desempenhar o papel de preparar os jovens para o mercado de trabalho<sup>342</sup>. Em outras palavras, “ministrar o ensino profissional primário e gratuito, isto é formar operários e contramestre, através de aulas práticas e conhecimentos técnicos, necessários aos menores que pretendessem aprender um ofício”<sup>343</sup>.

O ideal cívico-militar, higiênico e liberal, apesar de veiculado desde o Império, foi durante a República que se intensificaram medidas de intervenções educacionais nos “menores desvalidos”.

No Estado do Ceará, a Escola era instalada, oficialmente, em 24 de maio de 1910 (Decreto n. 7649 de 11 de novembro de 1909), tendo como primeiro diretor o Dr. Tomás Pompeu de Sousa Brasil Filho.

Saliento que a criação das Escolas de Artífices ocorreu no Governo de Nilo Peçanha, pelo Decreto n. 7566, de 23 de setembro de 1909. Mantidas, inicialmente, pela União nos Estados, subordinadas ao Ministério da Agricultura<sup>344</sup>, e, posteriormente, ao Ministério da Educação e Saúde Pública.

No currículo da Escola, as matérias eram: “instrução moral e religiosa, leitura e *escripta, grammatica* nacional, princípios de *arithmetica e systema* usual de pesos e medidas”<sup>345</sup>. Nagle explica que:

O ensino industrial dado nas Escolas de Aprendizes Artífices, desde a sua criação até o Regulamento de 1918, manteve a feição assistencial. Era ministrado por professores normalistas –e nisso não se diferenciava muito do ensino ministrado nas escolas primárias – e por mestres diretamente

---

<sup>341</sup> Destaco que no Ceará de 1865, havia outras instituições voltadas à educação e recolhimento dos meninos órfãos e desvalidos, como, por exemplo, as irmãs de São Vicente de Paulo (com sua casa de órfão, depois, colégios de órfãos, estendendo, em seguida, sua ação para o Externato de São Vicente de Paulo, para meninos pobres, e um orfanato, para moços pobres), Dispensa dos Pobres (1885), Asilo da Misericórdia (1886), Patrocínio dos Menores Pobres (1903), Escola para Menores Pobres (1908), Dispensário Infantil (1914), Patronato da Maria Auxiliadora para Moços Pobres (1922) e Asilo Bom Pastor (1928).

<sup>342</sup> A esse respeito consultar MADEIRA (1999).

<sup>343</sup> Art. 1 do Regulamento de 1909 In. MADEIRA, 1999, p.69.

<sup>344</sup> Pelo Decreto n. 1.606, de 29 de dezembro de 1906, O Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio tinham a competência de regular o ensino profissional no Brasil. Maiores informações em NAGLE (1974, p.163).

<sup>345</sup> Matéria de 21 de junho de 1864 In. MADEIRA, 1999.

retirados das fábricas e das oficinas – mestres sem a base teórica, o conhecimento técnico e a formação pedagógica. Além disso, tais escolas funcionavam sem normas precisas de programação dos cursos – dependente de cada diretor – portanto, sem o mínimo de uniformidade, e o ensino profissional se processava com o emprego do método imitativo (...) (1974, p.165).

A merenda escolar e a “caixa de mutualidade” faziam parte da assistência aos aprendizes. Segundo o periódico “ÁLBUM DE FORTALEZA DE 1931”, a “caixa de mutualidade” visava a socorrer “os aprendizes em casos de acidentes e moléstias, prover ás despesas de enterramentos dos que falecerem durante o período escolar e entregar aos que completarem o curso as ferramentas e utensílios indispensáveis para o seu ofício”.

Em 1922, a Escola de Aprendizes de Artífices do Ceará era composta pelo seguinte quadro:

Director - Carlos Torres Câmara;  
Escriptuário - José de Alencar Araripe;  
Auxiliar – Bolívar Nunes Teixeira;  
Porteiro – Raymundo Furtado de Mendonça.  
Corpo docente  
Professor de desenho - Bacharel Adolpho Pompeu de Arruda;  
Adjuntos – D. Maria Pereira Custodio da Cunha e Carmem Freire;  
Professor do Curso Primário – D. Helena da Franca Alencar;  
Adjuntos – D. Amélia de Castro e D. Lydia Teófilo Pacheco;  
Mestre da officina de typographya e encadernação – Francisco Rodrigues;  
Mestre da officina da sapataria - José Francisco Cyrino;  
Mestre da officina da alfaiataria – José da Silva Braga;  
Contra - Mestre Francisco de Souza;  
Mestre da officina de Ferraria, Serralheria e Mecânica - Francisco Henrique Ehric.  
Mestre de officina de Carpintaria e Marcenaria - Tibúrcio Ferreira do Vale  
Presidente - Carlos Torres Câmara  
Vice-Presidente - Adolpho Pompeu de Arruda (ALMANACH DO CEARÁ DE 1922, p.177)

Embora, oficialmente, a ginástica não estivesse nessa programação, a Escola preocupava-se com a prática da atividade que seguia instrução militar. A esse respeito, achei vestígios de que:

O atual diretor da Escola, Carlos Câmara resolve estatuir a instrução militar, aproveitando, para isso, as horas consagradas ao recreio. Foi criada, então, a Escola de Instrução Militar, incorporada como Sociedade de Tiro, sob n. 262, que tem dado ao Exército várias turmas de reservistas (ÁLBUM DE FORTALEZA, DE 1931).

A instrução militar era praticada três vezes por semana e ministrada por um oficial do Exército. Sobre a origem da instrução militar, Madeira (1999) relata que ela surge “nos currículos escolares do País a partir do Parecer de Rui Barbosa, Projeto nº224, de 1884, ao tratar da reforma do ensino primário, tornado a educação física disciplina obrigatória nas escolas públicas e particulares”.

Apesar da colaboração de Rui Barbosa no mencionado projeto, a autora alerta para o fato de que, “tal determinação pouco efeito tivera na prática escolar da época”<sup>346</sup>. Convém frisar que se muitas leis brasileiras não saíram do papel, essa não foi exceção em virtude da deficiência de recursos das escolas.

No ambiente escolar, o ensino dos exercícios físicos “se destacava entre as demais disciplinas”<sup>347</sup> e seu valor era destaque nas folhas da “Revista Pedagógica” (1917-1919), periódico desta escola.

O periódico estampava os propósitos da escola. Na revista escolar era discutida a preocupação com a higiene dos escolares e dos prédios, o ensino técnico profissional (lições de tipografia, ensino agrícola, lição de *physica* etc.), o civismo, a educação moral e o ensino patriótico (de autoria do Padre Silvino de Sousa), além da “gymnastica militar” com exercícios sem armas (parte preparatória) e com armas na instrução militar.

Na literatura didática, estava o livro de leituras militares, *O amor da Pátria*, de Osório Duque Estrada. O tenente João de G. Castelo Branco exalta o “amor da Pátria, da bandeira, do Corpo de Tropa a que pertencemos”. As virtudes militares exemplificadas eram: sentimento de dever, força de vontade, amor à ordem, moralidade, obediência, abnegação, coragem e bravura, pontualidade e presteza, decoro militar, camaradagem.

Nesse estabelecimento educacional, a ginástica era empregada na forma utilitária, socializadora e recreativa<sup>348</sup>, ou seja, visava a educar os desamparados para serem regenerados pelo trabalho e, assim, torná-los “homens utilizáveis” na sociedade.

---

<sup>346</sup> MADEIRA, 1999, p. 114.

<sup>347</sup> Ib. Idem.

<sup>348</sup> Anos depois, MARINHO na monografia de 1945, sugeria esse lugar para a Educação Física num Plano Nacional de Educação (Concurso de trabalhos sobre Educação Física, promovida pela Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, Seção Técnico – Pedagógica). Consultar VILODRE (ORG), 2005.

No Colégio Castelo Branco, as aulas eram compostas de exercícios metódicos, ritmados e cadenciados. A aula, na sua maioria, tinha a duração de uma hora. Seguindo os fundamentos biológico-fisiológicos e também “moral”, os meninos eram separados das meninas (como ainda predomina nos dias de hoje em algumas escolas); como também ocorria a separação dos “maiores” e dos “menores” na aula de Educação Física. Costa acrescenta que:

Observando-se a noção de discriminação por idade nos exercícios físicos pode-se acreditar que sua lógica atendia exclusivamente ao reconhecimento das diferentes capacidades biológicas das crianças. Na verdade este era um dos objetivos dos médicos. No entanto, a criança também era mostrada como um ser em evolução, a fim de chamar a atenção dos pais para os cuidados específicos que os filhos necessitavam. Buscava-se, por este meio, reforçar a idéia da necessidade de conhecimentos médicos que pais e educadores deveriam ter para se tornarem aptos a cuidar das crianças (1983, p.186).

Com algumas variações, os exercícios eram de barra, trapézio (Escola de Aprendizes Marinheiros), cambalhotas, saltos mortais, dança e ginástica (Ateneu), evolução militar, ginástica e esgrima (Escola Artífices, Liceu e Colégio Cearense), além das diversas modalidades esportivas, como, por exemplo, o *volley-ball*, futebol, *basket-ball* etc. A função de cada um era:

(...) Alguns visavam a desenvolver certos órgãos dos sentidos como a visão e a audição. Outros atendiam aos preceitos da elegância e, portanto, variavam conforme os sexos. Às meninas recomendavam-se o canto, a declamação e o piano. Os dois primeiros produziam o desenvolvimento dos órgãos respiratórios. Aos meninos aconselhavam-se o salto, a carreira, a natação, a equitação e a esgrima. A dança era indicada para ambos os sexos. Alguns autores consideravam que, juntamente com a esgrima, a dança comunicava ao corpo “atitudes respeitadas”. Outros achavam-na um “exercício preciso, porque fortalecia o corpo lisonjeando o espírito”. Quanto aos exercícios específicos é quase desnecessário mostrar quais as suas finalidades. Fazer crer que a natação, a esgrima, a equitação, o canto, a dança e o piano eram benéficos ao desenvolvimento físico, foram à maneira de tornar conformes à “natureza” os sinais de classe da burguesia. A educação higiênica, mediante essa manobra, procurava fazer com que as crianças aprendessem a retirar do comportamento social burguês benefícios e prazeres físicos (COSTA, 1983, p. 185).

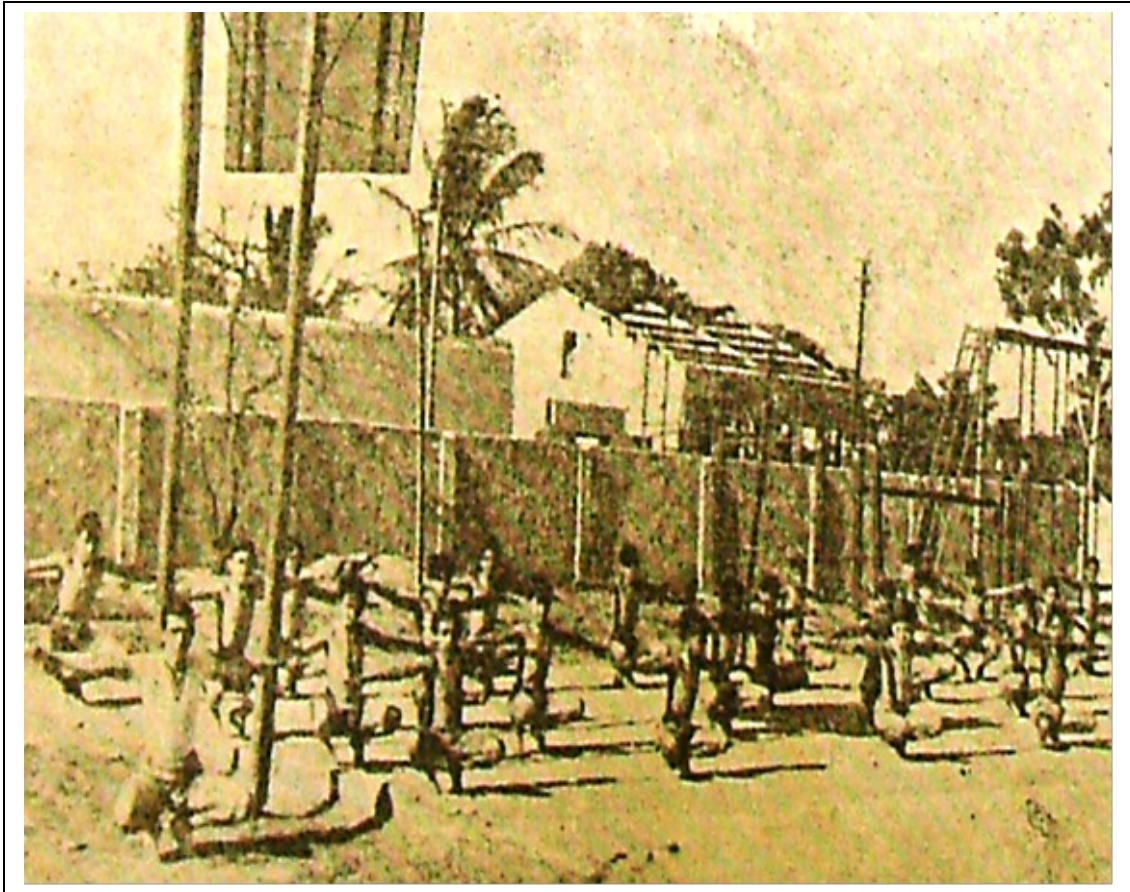


FIGURA 17. Aula de Educação Física no Colégio Castelo Branco. Fonte: REVISTA TERRA DA LUZ, 1936.

Nas dependências do Colégio Castelo Branco, havia gabinetes de Física e de História Natural completos, além do “vasto campo de esporte bem aparelhado” para a realização das aulas de educação física, ginástica e prática esportiva<sup>349</sup> como garantia da “educação integral, sólida e aprimorada, assegurando, desse modo, o pronto triunfo na carreira que abraçar na vida prática”<sup>350</sup>.

---

<sup>349</sup> FONTENELE comenta que: “entre 1906 e 1911, registrou-se a pior fase do futebol cearense, em seus primeiros anos totalmente estagnados. Apenas alguns colégios promoviam jogos, no final desse período, notadamente, a partir de 1910, o Liceu e o Castelo, enquanto moradores das ruas 24 de Maio e Barão do Rio Branco no Centro da cidade, realizavam torneios. Os adeptos do **pedol (grifo meu)** se conformavam em acompanhar à distância os jogos no Sul do País através dos jornais, estes recebidos com atraso de 15 a 20 dias” (2002, p.260).

<sup>350</sup> REVISTA TERRA DA LUZ, 1936.



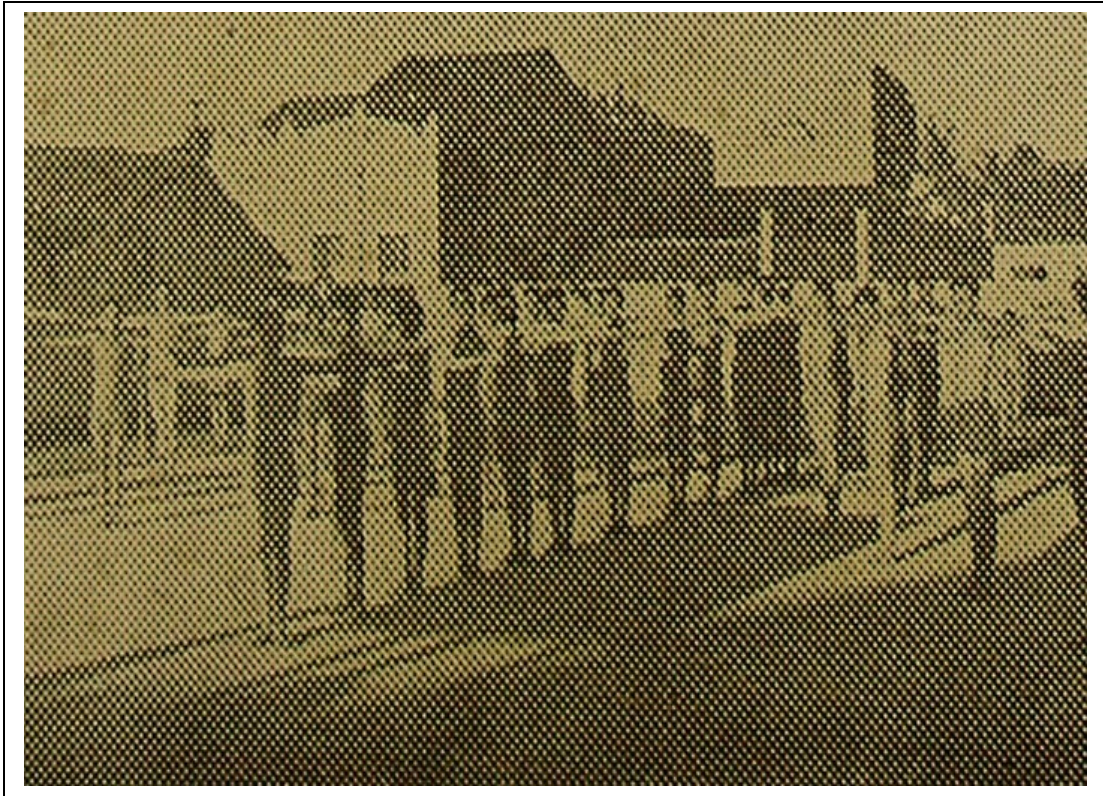


FIGURA 18. Aula de Educação Física no Colégio Castelo Branco Fonte: REVISTA TERRA DA LUZ, 1936.

Com um corpo docente especializado, o Colégio contava com o sistema de internato, semi-internato e o externato. Eis a relação dos professores e suas respectivas cadeiras no Curso Seriado:

Português- Drs. Joel Linhares e Silas Ribeiro  
Francês - Pedro Albano e Maria Liberalina Albano  
Inglês- Prof. Valdemar Barros  
Latim- Mons. João Alfredo Furtado e Acadêmico José Valdivino  
Geografia- Dr. César Fontenele e acadêmico Juarez Aires  
História - Acadêmico José Valdivino  
Matemática-Dr. Raimundo Arruda Filho, Prof. Francisco Mena Barreto, Nelson Machado e Antônio Almeida Filho.  
Desenho- Profs. João Marinho e Mena Barreto  
Física - Prof. Juarez Furtado e acadêmico Aldo Leite  
Ciências físicas e naturais-Dr. Antonio Cirilo de Freitas e acadêmico Juarez Aires  
**Ginástica e Instrução Militar - Sargento Darci de Carvalho (grifo meu)**  
(REVISTA TERRA DA LUZ, 1936).

A ilustração expõe a responsabilidade do Sargento Darci de Carvalho pela cadeira de ginástica e instrução militar no Colégio. Antes, porém, todos os alunos eram submetidos ao rigoroso exame médico biométrico<sup>351</sup> e agrupados homogeneamente de acordo com o valor físico de cada um.

As aulas eram realizadas no pátio aberto e/ou na quadra. Os exercícios eram movimentos sincronizados e ritmados segundo os princípios anatomofisiológicos de cada idade; ou seja, na infância, visava ao desenvolvimento harmônico do corpo e, na idade adulta, a atenção estava voltada para a manutenção e o melhoramento do funcionamento dos órgãos, como “aumentarem o poder do coração e dos vasos sanguíneos, o valor funcional do aparelho respiratório, a precisão e eficácia dos movimentos e, pelo conjunto desses meios, assegurarem a saúde”<sup>352</sup>.

A “pouca roupa” do fardamento dos alunos, contudo, inquietava muitos professores do Colégio, como também o excesso de atenção dado à Educação Física. A opinião do Sr. José Valdivino foi publicada nas páginas do periódico escolar e intitulada “Educação Física e Paganismo”, nas linhas abaixo:

(...) A propósito, citamos, aqui, nestas páginas de uma revista escolar, um caso típico de perturbação dos nossos dias – a prática da educação física. Levada ao excesso, considerada como fator precipício da existência, dando-se-lhe importância capital na esfera do ensino secundário, a educação física é, hoje em dia, disciplina de destaque, impondo-se com uma utilidade aterradora. Aterradora, sim! Porque, no curso de admissão, si o candidato apresentar defeito que o impossibilite de praticar os exercícios, está, *ipso facto*, condenado a não seguir o curso fundamental! Eis o mais positivo sintoma de paganismo em terras brasileiras. O físico sobrepuja o espírito; a força impõe-se à inteligência. É o primado da matéria! Estamos, pois, em plena administração grega, em pelo costume da Grécia pagã. Parece que ainda não fomos resumidos pelo sangue de um parente circense. A Igreja Católica não condena, em si, os exercícios ginásticos, mas o abuso deles, o que, precisamente, se faz agora. Escola da verdade e do bom senso. Ela dirige as coisas num sentido criterioso e prudente. A ginástica tomada como ponto de referência na educação da juventude, equivale ao endeusamento do corpo, o que implica numa aberrante paganização. O sentido de paganismo de que mais se resente a educação física atual é o modo com que à prática o elemento feminino. Hoje, nos presenciamos, pelas ruas, em dia de parada, e pelas revistas do sul, mocinhas – alunas de bombastas indecentes, ou banhado - se em promiscuidade, nas grandes piscinas dos colégios ricos. É a renovação dos termos de Caracéla! É o nudismo diplomático! É o bolchevismo autêntico que está minando, em surdina, estas almas que seriam a vida e a defesa dos lares. (...) Com o Governo quer que os meninos façam educação física, é, precisamente, desrespeito à lama e embotamento

---

<sup>351</sup> Como nos dias de hoje, o exame biométrico era realizado para medir o peso e a altura do aluno e observar se estavam acompanhando a tabela padronizada do médico.

<sup>352</sup> Tenente José Gondim, REVISTA TERRA DA LUZ, 1936.

do pudor cristão da jovem brasileira. A mulher deve merecer mais a respeito, deve ser mais acatada e não transformada em motivo de indecência e degeneração social, onde os monstros vão levar a sua animalidade. Esse exame morfo-fisiológica a que se submetem os alunos do curso seriado, no sul, nada mais é que uma revoltante imoralidade, sob a falsa rubrica de progresso e aperfeiçoamento racial. Os jogos de *basquet-ball* e *volley-ball* que, já aqui mesmo, na nossa pacata Fortaleza, as meninas normalistas e ginásianas desempenham, com triste desembaraço, até depois dos retiros espirituais ou comunhão coletiva, entre rapazes semi-despidos (Prof. José Valdivino IN REVISTA TERRA DA LUZ, 1936).

A preocupação do Professor de latim e história estava na exposição do corpo, nas aulas de educação física, principalmente, o da mulher e, portanto, nem em nome do “progresso e aperfeiçoamento da raça” justificava tal “nu diplomático”, pois os excessos abalariam os costumes morais e educacionais dos jovens cearenses.

Nos argumentos do docente, a influência dos exercícios circenses, como, por exemplo, a acrobacia, não tinha respaldo científico e como tal era vista como perniciosa à saúde.

Por outro lado, ainda nas páginas da Revista Terra da Luz, está o depoimento a favor da educação física tanto no meio discente como docente. Eis a opinião do professor José Loureiro:

Em contacto com a juventude cearense desde 1934, observei acentuada diferença e gosto pelos desportos. É justo confessar que encontrei jovens decididamente apaixonados pela Educação Física, mas infelizmente, a maioria deles era refratária a qualquer espécie de exercícios físicos. As causas que inflam nesses constantes desprendimentos pelos desportos e conseqüentemente pelo amor à saúde são múltiplas e variáveis. Compete, em primeiro lugar, aos jovens o estudo minucioso dessas causas e em segundo lugar, aos pais porque são responsáveis pelos destinos da mocidade e pela grandeza do Ceará, quiçá do Brasil. O exército marcha na testa da vanguarda da Cruzada benemérito da educação física. De sua Escola tem saído grande número de Instrutores e Monitores verdadeiros apóstolos, como também professores civis e oficiais e sargentos das polícias dos Estados que com a mesma dedicação dos seus colegas do Exército, disseminar a educação física por todos os setores da esfera educacional. É preciso que os jovens compreendam o sacrifício dos mestres. Educação física, nova cadeira criados para os colégios oficiais e oficializados, é igual à outra qualquer disciplina do Colégio Pedro II: história, matemática ou ciências, são tão necessárias como à educação física. Ela é também uma ciência. Não é somente jogo, flexionamentos, natação etc. o que constitui a educação física. O homem está dentro do seu próprio grau e ciclo de acordo com a idade e circunstâncias morfofisiológicas de cada individuo. Não bastam os exercícios, é preciso que o médico e o instrutor acompanhem estes movimentos em todas as fases da vida humana. Repito. Educação física é uma ciência. Ouçamos a história: “Os gregos tinham uma noção muito nítida da necessidade do aperfeiçoamento das faculdades naturais. A raça era bela de natureza nos os legisladores, criam, com razão, que seu

embelezamento era conseqüência da educação de seu físico”. Estudamos a história da educação física em todos os seus cinco períodos, isto é, desde o período pré-histórico ao contemporâneo, é que encontraremos normas, regras capazes para afirmarmos que a educação física é uma ciência. Desde Jean Jacques Rousseau que dizia: ”faça primeiro vosso aluno soa e forte para podê-lo ver inteligente e sábio” e Pestalozzi acrescentava: “porque separar a educação física da inteligência, quando o espírito da educação física deve ser em todas as circunstâncias o mesmo”. Amoros que fez a adoção da ginástica, Demey, Lombroso e tantos outros afirmaram que a educação física partindo da idade paleolítica à contemporânea, sofrendo por todo este trajecto de metamorfoses radicais é, hoje, considerada uma ciência. Interessemos-nos, pois, pela educação física. Se nos interessam os compêndios de geografia, de matemática ou de línguas, porque então não obtemos livros de educação física? “Da constituição física do corpo e de seus movimentos naturais é que devem surgir as bases pedagógicas e fisiológicas donde permanecerão os princípios reguladores dos exercícios de ginástica”. Como esta sentença de Pestalozzi tiremos a conclusão lógica do valor do movimento desde que a educação física seja – racional, metódica, contínua e científica. Se isso não basta, façamos um minucioso estudo nos livros de nossos grandes mestres (Professor José Loureiro, REVISTA TERRA DA LUZ, 1936).

Pela transcrição é possível extrair alguns pontos relevantes, como, por exemplo, a concepção de Educação Física. Para o Educador, essa “nova cadeira criada para os colégios oficiais e oficializados” é uma ciência e como tal deveria ser “igual à outra qualquer disciplina”.

Portanto, as aulas deveriam ser compostas por um conjunto de atividades que envolveriam “jogos, flexionamentos, natação etc.” dentro do “grau e ciclo de acordo com a idade e circunstâncias morfofisiológicas de cada indivíduo”. Além disso, o concorrente defendia o acompanhamento do médico, nas aulas, ao lado do instrutor-militar.

Em seus argumentos, o educador José Loureiro extraiu os fundamentos teóricos dos gregos, Rousseau, Amoros, Demey, Lombroso, entre outros, por fim, enfatizava o pensamento de Pestalozzi na defesa dos princípios da Educação Física racional, metódica, contínua e científica. As páginas do citado periódico escolar iluminam o debate em torno da educação física como também oferece fotos e depoimentos de alunos e professores.

Nas idéias da época, a crença exacerbada na ciência e no nacionalismo impulsionou a defesa da educação física escolar, não apenas no Ceará, mas, suponho que em todo o Brasil.

No Colégio Castelo Branco, no início de cada ano letivo, era praxe anunciar o corpo docente com suas respectivas disciplinas. O anúncio tinha a função de divulgação do estabelecimento educacional, como também de apresentar aos alunos seus futuros professores.

No caso da Ginástica e Instrução Militar, o Sargento Darci de Carvalho estava à frente da disciplina. A seguir (FIGURA 19) o corpo docente do Colégio Castelo Branco:

# COLEGIO CASTELO BRANCO

Avenida D. Luiz 339

**Internato – Semi-internato – Externato**

**CORPO DOCENTE «-» CURSO SERIADO**

Português— Drs. Joel Linhares e Sila Ribeiro.

Francês — Profs. Pedro Albano e Maria Liberalina Albano.

Inglês— Prof. Valdemar Barros.

Latim — Mons. João Alfredo Furtado e Academico José Valdivino.

Geografia— Dr. Cesar Fontenele e Academico Juarez Aires.

Historia— Academico José Valdivino.

Matematica— Dr. Raimundo Arruda Filho, profs. Francisco Mena Barrêto, Nelson Machado e Antonio Almeida Filho.

Desenho— Prof. João Marinho e Mena Barrêto.

Fisica— Prof. Nelson Machado

Quimica—Prof. Juarez Furtado e Academico Aldo Leite.

H. Natural— Dr. Estanislau Façanha e Academico Aldo Leite.

Ciências Físicas e Naturais— Dr. Antonio Cirilo de Freitas e Academico Juarez Aires.

Ginastica e Instrução Militar— Sargento Darci de Carvalho.



**Matricula - De 1 a 15 de Março**

**para o**

**Curso Secundário**

FIGURA 19. Anúncio do Colégio Castelo Branco apresentando os professores e suas respectivas disciplinas. Fonte: REVISTA TERRA DA LUZ, 1936.

Em outra revista escolar, a do Instituto de Humanidades, Odorico Castello Branco, o então diretor do Instituto Miguel Borges (posteriormente, chamado de Colégio Castelo Branco), descreve “Em Reminiscências do Offício” uma visita ao quartel. Na oportunidade, o Sr. Castello Branco apresenta a “festa” dos exercícios físicos no quartel. Tal exemplo demonstra a proximidade daquelas aulas com a formação em pelotão e das manobras militares.

Nesse dia, não sei de que maneiras consegui que elle fosse commigo ao quartel federal, onde um pelotão de alumnos ia fazer exercício. Não que lhe importasse ver os exercícios, absolutamente não. Venceu-o, porém, a curiosidade: ver o quartel que lhe diziam ser muito grande, muito bonito, ver a sociedade ali reunida, a convite do general, para assistir a distribuição de prêmios dos alunos que tomaram parte das manobras “a festa” finalmente, foi, sobretudo, o engodo que o arrastou ao quartel, e curioso, desejoso de ver. Mas, lá chegado, foi insensível a tudo: aos prêmios, ás manobras; aos botões dourados da officialidade; a tudo, a tudo. Nada o impressionou, nada o interessou, além de biscoitos distribuídos aos pequenos (...).(Odorico Castello Branco, Reminiscência do Offício, Revista Escolar do Instituto de Humanidades <sup>353</sup>, 1912, Ano 8, n. 87, v. 9, p. 3- 4).

O Curso Científico do Colégio Cearense do Sagrado Coração compreendia a formação religiosa, intelectual, física e militar. Daí a criação do Tiro de Guerra n.164, com a função de preparar alunos maiores de 16 anos para serem reservistas do Exército.

O Decreto Federal n. 6.947, de 08 de maio de 1908 tratava da obrigatoriedade do Tiro de Guerra para o ensino secundário. Teixeira explica que:

(...) Esse foi um momento em que o tom patriótico e militarista foi acentuando (...) a formação cívica era um instrumento a favor do fortalecimento dos ideais republicanos e, portanto, responsabilidade de toda a escola. Essa obrigatoriedade trouxe para dentro do ambiente escolar a figura do instrutor militar. Esse fato demonstra a proximidade da escola e da “gymnastica” com a instituição militar, bem como demonstra a importância da instituição militar na definição do campo de conhecimento da educação física (2004, p. 10).

---

<sup>353</sup> A Revista Escolar do Instituto de Humanidades é a elaboração dos alunos e de alguns professores do Instituto, sendo impressa na própria instituição que tinha como diretor o Sr. Joaquim da Costa Nogueira. A Revista dividia-se nas seguintes seções: Pedagogistas Ilustres, Reminiscências do Offício, Idioma Rústico, Lições de Geographia Physica e Aritmética, Solução, História Universal, Causas Históricas, Phrases Literais, Vida Infantil, Boa Leitura e Notícias Diversas.

O Tenente Pedro Lucas, militar do 23º BC, assumia a instrução militar no Colégio Cearense<sup>354</sup> e, seguia os princípios educacionais do Colégio, ou seja, “na ordem física, um esforço de ação; na ordem intelectual, um esforço de atenção; na ordem moral, um esforço de resistência e perseverança”<sup>355</sup> para o progresso da pátria amada orientados pelo “o educar de um povo e o civilizar de uma raça”<sup>356</sup>.

O Grêmio do Colégio Cearense, da época, era composto por José Jacaúna de Souza (diretor), João Perboyne Vasconcelos (redator - chefe), José Colombo de Souza (secretário), José Aurélio Motta (gerente). Juntos, criaram o periódico da escola intitulado “VERDES MARES” (o primeiro número surgiu no dia 25 de novembro de 1923). Nas páginas, a revelação dos debates em torno dos problemas sociais e educacionais do Brasil e, principalmente, cearenses.

Os artigos publicados no periódico tratavam da igreja e da questão social de 1932; a reforma do ensino de 1932; o patriotismo; o progresso; a importância da educação; o papel dos educadores e dos pais; resultados dos testes escolares; convites aos ex – alunos; anúncios de comemorações de outros colégios; poesias, grade curricular; informativo aos pais; secção *Vida Sportiva*; concursos de tiro, entre outros.

Com a secção de “Jornais & Revistas”, o periódico efetuava a troca de informações com outros periódicos locais, tais como: *Pátria*, do Colégio Militar; *Ceará Ilustrado*; *Santuário de São Francisco*, de Canindé, e até de outro país, a exemplo do jornal francês *La Millie des Meilleurs*, de Abel Bonnard<sup>357</sup>.

Observei nos artigos a presença do pensamento positivista nesse estabelecimento católico<sup>358</sup>, bem como a forte presença do clamor patriótico embalando discursos na defesa do Estado brasileiro.

Ao Exército, considerado “a alma da nação”, cabia a responsabilidade de tomar as iniciativas necessárias para a defesa da “própria nação amada”, pois, o “valor de um país é medido pela importância do seu exército”<sup>359</sup>.

---

<sup>354</sup> ÁLBUM DE FORTALEZA, 1931, p.421.

<sup>355</sup> ADERALDO, REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ, 1955, p.283.

<sup>356</sup> REVISTA VERDES MARES (1932-1938). Os Periódicos encontrados foram colecionados em um só volume, e com ação do tempo e do manuseio, muitas páginas estão desgastadas ao ponto de não mais ser possível identificar o ano e o número das páginas com precisão.

<sup>357</sup> REVISTA VERDES MARES, junho de 1934.

<sup>358</sup> Consultar OLINDA sobre os princípios positivistas e enciclopedistas na inserção de rudimentos de ciências no currículo primário (2004, p.55).

<sup>359</sup> Ib. Idem.



Assim, era solicitado o esforço de todos, inclusive dos diretores de estabelecimento de ensino, no sentido de obter um “instructor que, com carinho e desvelo, prepare os jovens que se acham sob vossa vigilância e responsabilidades, para que sobre vos recaiam as bens celestiaes da Pátria agradecida”<sup>360</sup>.

Nessa conjuntura, o Colégio Cearense incorporava as Linhas de Tiro e o sargento Instrutor Militar da “Escola de Soldados” foi o Sr. Lucas Evangelista de Souza, segundo o recorte seguinte:

Qualquer gesto tendente a crear ou manter a instrução militar nos estabelecimentos de ensino é tão patriótico quão necessário. Torna-se preciso até restricta obrigação, rigorosamente fiscalizado, para todos os institutos quer públicos quer particulares. Assim é que o Colégio Cearense, cuja matrícula se elevou, no corrente ano, a mais de 500 alummos, sentiu de perto e satisfez tão premente necessidade, estabelecendo aquelle ramo de instrução. Ao mesmo tempo que vão os moços recebendo instruções continua, lenta, gradual e adequado ao seu desenvolvimento intellectual, alimentam forte amor ao militarismo, que bem praticam, e que entre nós é tão falho. Cultivando as letras e a sciencia, preparam também o espírito no amor da Pátria, aprendendo a combater, a seu hábil soldado, sem que, com isso, dispenda a noção importância apreciável. Acresce, ainda, que, desta fôrma, se isentam os rapazes de passar pelo exercito activo, onde, de certo os labores da caserna lhe fariam perder um anno de estudos outros, sem encarar os rigores da instrução que o curto praso de um anno exige que seja forçada - verdade que se patenteia na má vontade que, em geral, domina os sorteados, inadptados á vida militar. Isso, porém, não acontece nos estabelecimentos de ensino que, com o Colégio Cearense, comprehenderam tal necessidade (SOUZA IN REVISTA VERDES MARES, junho de 1934, p. 29).

Conforme demonstrado, o objetivo da agremiação militar foi “incutir no ânimo da mocidade brasileira o amor pela pátria” e, ainda de preparar “com relativa comodidade, sua preparação para a guerra”, contribuindo para a solução do grave problema da lei do sorteio militar<sup>361</sup> e não perder tempo com o serviço militar obrigatório regular.

Enfatizo que, o primeiro Tiro de Guerra do Ceará foi fundado no ano de 1909, com a denominação de “Tiro Cearense”. Posteriormente, no ano de 1910, foi incorporado à Confederação do Tiro Brasileiro sob o n. 38. Depois surgiu o Tiro n.309 (fundado a 11 de dezembro de 1916 e foi incorporado à Confederação no dia 23 de março de 1913) e, por último, o de n. 280.

---

<sup>360</sup> REVISTA VERDES MARES, 1934.

<sup>361</sup> Ib. Idem.

Estes estabelecimentos se expandiram pelas principais cidades e vilas do interior, a exemplo de Crato (n. 118 e n.308)<sup>362</sup> com a meta de engrandecer o Brasil e, assim, ensinar, cultivar e incentivar o patriotismo nos alunos em um ambiente familiar do Colégio. E, desta maneira, obter-se-ia a “isenção dos serviços da caserna” sem o desligamento dos estudos ou dos trabalhos civis fornecendo os “elementos novos á formação de nossa reserva de guerra; não elementos communs, mas, sim, elementos intellectuaes, moraes, com vastos conhecimentos militares”<sup>363</sup>.

E mais: engrandeceria a “defesa da Pátria, da Família e da Religião”<sup>364</sup>, daí as atividades cívicas como, por exemplo, a parada militar e o Concurso de Tiro ao Alvo entre os atiradores do Tiro n.164 do Colégio Cearense.

Nesta situação, o dever militar ao País era de enaltecer e facilitar a criação das Linhas de Tiro, ou seja, a Confederação do Tiro Brasileiro (pelo Decreto de 1906, mas somente organizado em 1909), sob a orientação do deputado Elicio de Araújo, “um dos mais ardorosos pioneiros da instituição militar no Brasil pelo órgão das linhas de tiro”<sup>365</sup>.

Ministradas por instrutores oficiais do 23º B.C, as aulas seguiam as orientações do Departamento Nacional do Ensino Secundário. No periódico “VERDES MARES” consta a seguinte nota: “A par da educação religiosa e da instrução que nos ministram, os Irmãos Maristas estendem a sua ação ao campo material, proporcionado nas aulas de ginástica, sob a direção de um oficial do 23º B.C. (o Tenente Dutra). Aliás, isto é nada mais do que a satisfação ás exigências do Departamento Nacional do Ensino Secundário”.

Além da formação dos reservistas, os instrutores eram formados para propagar nos colégios a instrução militar, pois, “uma plêiade de jovens oficiais do estado foram os principais instrutores da mocidade cearense”<sup>366</sup>, inclusive ministrando a ginástica, educação física e esportes.

Em nome do “amor à Pátria”, além da ginástica, proliferavam as idéias, discursos e ações nacionalistas<sup>367</sup>, dos primeiros decênios do século XX, e perduravam

---

<sup>362</sup> Ver o trabalho de TELES, 2004.

<sup>363</sup> REVISTA VERDES MARES, 1932-1939, p.3.

<sup>364</sup> Ib. Idem.

<sup>365</sup> SOUZA, 1950, p.178.

<sup>366</sup> Ob. Cit.

<sup>367</sup> Sobre o termo, concordo com a explicação de NAGLE: “não interessa, agora, discutir se a denominação nacionalista não poderia ser substituída por nativismo, patriotismo, etc.; nem discutir se o

até meados de 1920. A atenção voltava-se para a formação do corpo forte, ágil e produtivo ao desenvolvimento da Nação. Nagle<sup>368</sup> explica o que foi o movimento nacionalista da época,

A partir dos meados da década dos dez e por toda a década dos vinte, o nacionalismo foi uma componente importante do clima social do País. Estrutura-se sob a forma de uma corrente de idéias e, logo depois, sistematiza-se em amplo movimento político – social que congrega homens e instituições de diversas naturezas e de diferentes posições ideológicas. Como fenômeno de exaltação do homem e das coisas brasileira, se como esforço que se expressa na tentativa de construir as instituições que reflitam as condições peculiares do povo e também a situação histórica que está a exigir a formulação dos quadros da verdadeira Nação brasileira, o nacionalismo é, principalmente, um ideário que aparece e acompanha o desenvolvimento de uma formação econômico - social capitalista (1974, p. 231).

O patriotismo destacava-se nos sentimentos daquele que também foi representante do movimento parnasiano na literatura brasileira, Olavo Bilac. O poeta foi um dos muitos intelectuais que defendeu a profissionalização do exército brasileiro e a sua reorganização inspirada nas armadas modernas estrangeiras.

Também postulou o alistamento militar obrigatório, a criação do Tiro de Guerra, a Educação Física e o escotismo<sup>369</sup> como “verdadeira promessa de salvação”<sup>370</sup>. O “Príncipe do Parnasianismo” liderou campanhas cívicas e patrióticas, chegando a visitar os “exercícios da Força Pública, orientados pela Missão Militar francesa, chefiada pelo Coronel Balagny”.

O programa de instrução patriótica era orientado pelos princípios da disciplina, ordem e hierarquia e se comprometia “com um ideário de fundo aristocrático”<sup>371</sup>. Nesta direção, a programação era acusada de ser guiada por uma “poesia imaginosa, de filosofia abstrata e de patriotismo alarmante”<sup>372</sup>. Esses princípios, todavia, acompanhavam a história do Exército Brasileiro e da ginástica, “se confundido em muitos de seus momentos, com a dos militares”<sup>373</sup>.

---

novo ideário é composto de elementos mais sentimentais ou românticos, ou se ele se alicerça, primeiramente, sobre as bases de uma compreensão racionalizada e objetiva da situação histórico – social da época” (1976, p. 311).

<sup>368</sup> Ib.Idem.

<sup>369</sup> Maiores informações em CAMBI (1999).

<sup>370</sup> Em cima desse arcabouço é que se formou a Liga de Defesa Nacional. Consultar NAGLE (1974).

<sup>371</sup> NAGLE, 1976, p. 46.

<sup>372</sup> Id. Ibidem.

<sup>373</sup> CASTELANNI FILHO, 1994, p.34.

Nem sempre as aulas de ginástica e as de Tiro, contudo, tiveram boa receptividade entre os alunos. Exemplo apresentado por Odorico Castello Branco, diretor do Instituto Miguel Borges, nas “*reminiscências do Officio*” intitulado *o Capim do Pateo*, como se pode conferir no recorte seguinte:

Esse fez, agora, apenas sete annos; mas parece ter trazido na alma, ao nascer, o gérmen da insubordinação. É anti-militarista exaltado; e não comprehede para que si os outros obrigados, seu irmão inclusive, a passar quase duas horas de carabina ao hombro fazendo evoluções, sob as ordens do instructor. Como se fosse muito melhor brincar, correr a gente livremente, ou contar histórias, ali, junto a escada do que andar medindo o pateo a perna, em todos os sentidos, sem poder sentar-se quando quer. O tiro ao alvo, elle ainda o tolera, gosta de ouvir *pum!Pum!* E ver o projectil bater no alvo ou no muro que faz de para-balas. Isto ou a gymnastica. Esta, sim, seria até agradável, boa mesmo, se fosse livre, á vontade, aos modos de cada um, sem esses movimentos methodicos impostos pelo mestre. Saltar na barra, gyrar, metter de cabeça, dançar, suar, rasgar a roupa... Que bom! Que bom! Sem ás intrujices de uma vontade estranha, impertinente a gritar “não faça isto, não faça aquilo!” (Odorico Castello Branco In REVISTA ESCOLAR do Instituto de Humanidades, ano 8, n. 87, V. 9, p. 3- 4).

No Colégio Cearense, a educação física entrava como complemento da educação cívica, ministrada pelos instructores militares, como se pode averiguar no recorte seguinte:

N’este estabelecimento de ensino não se recebe somente a instrução religiosa civil e scientifica. Aqui, o militarismo tem recebido um desenvolvimento digno de elogios, pela tendência ás culminaria da perfeição, em que promette chegar brevemente. (...) Nos annos passados a instrução era administrada com um indifferentismo tal, que apenas ensinava-se aos alumnos as evoluções mais necessárias para uma Parada Militar. Hoje podemos elevar nossa voz, altivar nossa cabeça, neste tocante, que muito recommenda a grandeza de uma pátria portentosa, brava e heróica (REVISTA VERDES MARES, 25 de novembro de 1932).

É instigante a criação do Tiro de Guerra<sup>374</sup> em um estabelecimento de ensino católico. No Liceu, além da ginástica, havia as evoluções militares e a esgrima acompanhando na inserção a ginástica na programação escolar.

Alem disso, o Relatório da Inspeção Geral da Província da Instrução Pública de 1882, do então Presidente Barros Pimentel e assinado por A. Cavalcante como Secretário da Instrução Pública, constavam a *Hygiene*, nas cadeiras teóricas, e,

---

<sup>374</sup> Os tiros-de-guerra (TG) têm suas origens provenientes de uma sociedade de tiro ao alvo com finalidades militares em Rio Grande (RS), no ano de 1902. “A partir de 1916, no impulso da pregação de Olavo Bilac em prol do serviço militar obrigatório, transformou-se, com o apoio do poder municipal, nesse tipo de organização militar tão essencial à formação de reservistas brasileiros”. Maiores informações em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Tiro\\_de\\_Guerra](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tiro_de_Guerra) acesso no dia 2 de outubro de 2007 as 10h.

nas cadeiras práticas, a *gymnastica de oficiais* no Lyceu do Ceará como extensão da higiene.

O Liceu do Ceará que, inicialmente, viveu dias inspirado pela filosofia humanística, foi, aos poucos, tomado pelo espírito prático da instrução militar, inclusive com a formação do batalhão escolar, alguns anos à frente. Teixeira explica que:

A prática de constituir batalhões escolares, por sua vez, foi inspirada em escolas européias. Bourzac (1987), ao comentar as condições de emergência desses batalhões na França, afirma que uma formação cívica elevada aliada à instrução militar seriam instrumentos de uma renovação a favor da república. Submetidos à educação militar, o jovem ou a criança, demonstrariam em sua vida, os efeitos positivos dessa educação (...) (TEIXEIRA, 2004, p. 6).

As aulas aconteciam no horário das 5 às 7 horas da manhã e os alunos (do turno) eram obrigados a freqüentarem uniformizados<sup>375</sup>. E, no período de 1921 a 1938, o Liceu teve os seguintes instrutores: ginástica, o instrutor Augusto de Castro Barbosa (21-08-1931); Instrução Militar, 1º Ten. Dr. Paulo Aguiar, 2º Ten. César Monte de Almeida (15-02-1921), Capitão Hugo de Alencar Matos (10-03-1922), Sargento Eurico de Oliveira Dias (01-04-1926), Sargento Manuel Gentio do Carmo (01-09-1927), Sargento-ajudante Ramiro Antonio de Sousa (01-06-1928), 3º Sargento Pedro Lucas Advincula (19-01-1929), 1º Sargento Manuel Gentio do Carmo (26-01-1929) e o instrutor dos escoteiros<sup>376</sup>, era Miguel de Aguiar Picanço Filho (de 1924-1926)<sup>377</sup>, o que evidencia a presença de militares, médicos, acadêmico e instrutor responsáveis pelas aulas que compunham à disciplina de Educação Física no mencionado estabelecimento escolar.

Segundo Vitor, “quando o Liceu foi militarizado teve como instrutor o então Capitão Ernesto Medeiros substituído pelo Aspirante Edgard Facó. Era comandante do Batalhão Escolar, no posto de Major, o atual desembargador Daniel Augusto Lopes”<sup>378</sup>. Sobre o Batalhão Escolar, Sabóia conta que:

---

<sup>375</sup> SABÓIA [S.D.] e VITOR (1945).

<sup>376</sup> Pela Lei n. 1953, de 02 de agosto de 1922, Título VI, Capítulo II, o Escotismo era considerada uma instituição auxiliar do ensino no Estado de Fortaleza. O artigo 147 diz que “fica adoptado o escotismo nas escolas públicas do Estado, como instituição do ensino cívico e moral”; e o artigo 148 – Os professores que organizarem e mantiverem associação de escoteiros, filiando-se à Comissão Estadual dos Escoteiros do Ceará terão o seu nome registrado no “Livro de Merecimento” da Directoria da Instrução (NOGUEIRA, 2001).

<sup>377</sup> SABÓIA, [S.D], p. 33.

<sup>378</sup> VITOR, 1945, p.37.

Na gestão do professor Otavio Farias foi criado o batalhão escolar, com a mesma estrutura de uma unidade militar, comando, postos de acesso, etc., para tornar o Liceu mais coeso e, principalmente, com uma maneira de facilitar a sua apresentação nos dias de formatura como na parada do dia sete de setembro. Aconteceu que, aos poucos, o batalhão passou a intrometer-se na vida disciplinar do estabelecimento ultrapassando os limites de sua verdadeira finalidade, inclusive suspendendo alunos que não compreendiam as ordens de seus superiores hierárquicos. Tempos depois este grupo foi extinto, sem deixar saudades ([S.D], p.41).

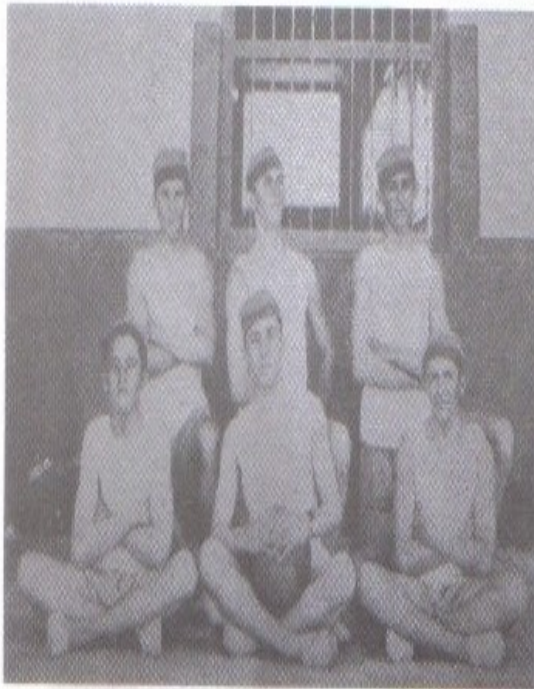
### **3.1.4 A Ginástica ao lado do esporte escolar**

Ao lado da ginástica, estava o esporte. Do lar à rua, ou vice-versa, a ginástica, os exercícios físicos e os esportes chegam à escola, ou melhor, à saúde escolar<sup>379</sup>. Segundo Hobsbawn (1995), “o esporte foi o único modelo cultural que extrapolou os limites regionais e se tornou universal”.

O Colégio Militar, desde o início, destacou-se no esporte, tendo até em 1924, a formação de equipes esportivas de cada modalidade FIGURA 20.

---

<sup>379</sup> Ver LIMA, 1985.



Equipe de basquete. CMC. 1924.  
Acervo dos autores.



Time de vôlei. CMC. 1924.  
Acervo dos autores.

FIGURA 20: Equipe de basquete e vôlei do Colégio Militar do Ceará, 1924. Fonte: MARQUES e KLEIN FILHO, 2007.

Também possuía o atletismo, que enfatizava o lançamento de dardo, disco e o salto com vara e altura (FIGURAS EM BLOCO 21):



Jogo de vôlei. CMC. 1924. Acervo dos autores.



Lançamento de dardo. CMC. 1924.  
Acervo dos autores.



Lançamento de disco. CMC. 1924.  
Acervo dos autores.



Salto com vara. CMC. 1924.  
Acervo dos autores.



Salto em altura. CMC. 1924.  
Acervo dos autores.



Neste estabelecimento educacional, privilegiavam-se esportes que evitassem contato direto entre os alunos, como, por exemplo, o futebol - proibido desde o primeiro ano do Colégio Militar do Ceará; no entanto, nas escolas da Capital havia a participação do *Basket – ball* (FIGURA 22),



FIGURA 22. *Team de Basket-Ball* no Colégio Cearense. Fonte: REVISTA VERDES MARES, 1936.

Na Escola Normal e Colégio Castelo Branco estava o *volley* (FIGURA 23),

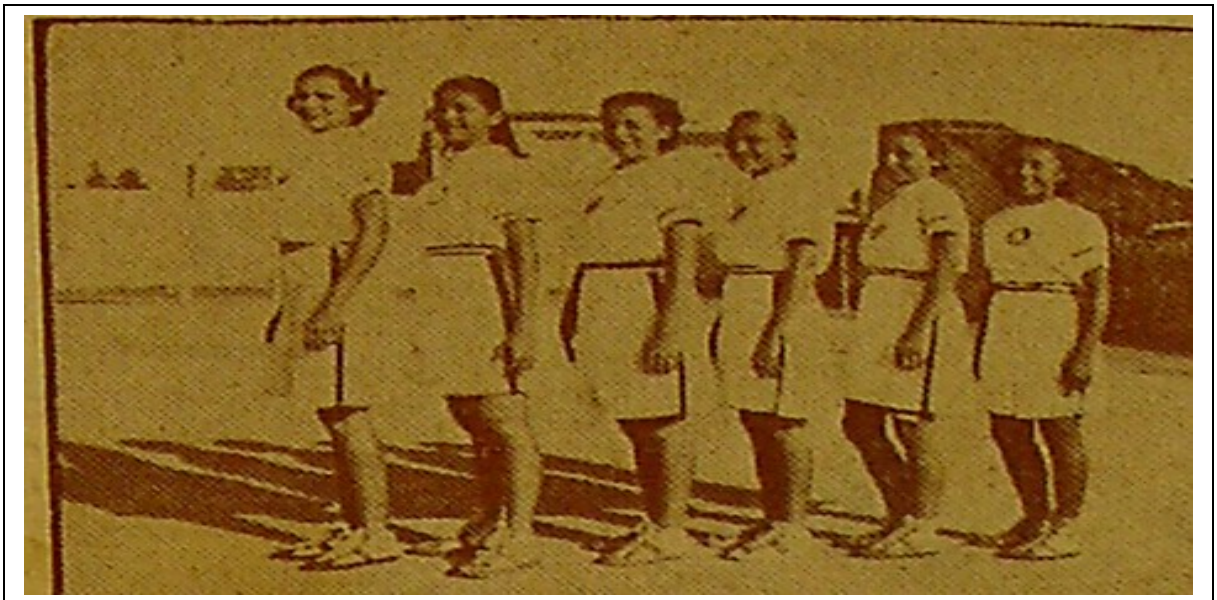


FIGURA 23. *Team Feminino de Volley-Ball* do Colégio Castelo Branco. Fonte: REVISTA TERRA DA LUZ, 1936.

Além das citadas exibições, havia também a "*Festa Sportiva*" no Colégio Cearense bem como em outros estabelecimentos educacionais (FIGURA 24):



FIGURA 24. Flagrante da Festa *Sportiva*. Fonte: REVISTA VERDES MARES, 1934.

As escolas vão se afinando com o futebol e, assim, criando clubes que os representassem, como, por exemplo, o Republicano *Foot-Ball Club*, de alunos do Liceu (o qual participava Raimundo Girão e Paulo Sanford)<sup>380</sup> e o Botafogo F. Clube do Colégio Militar, em 1921<sup>381</sup>.

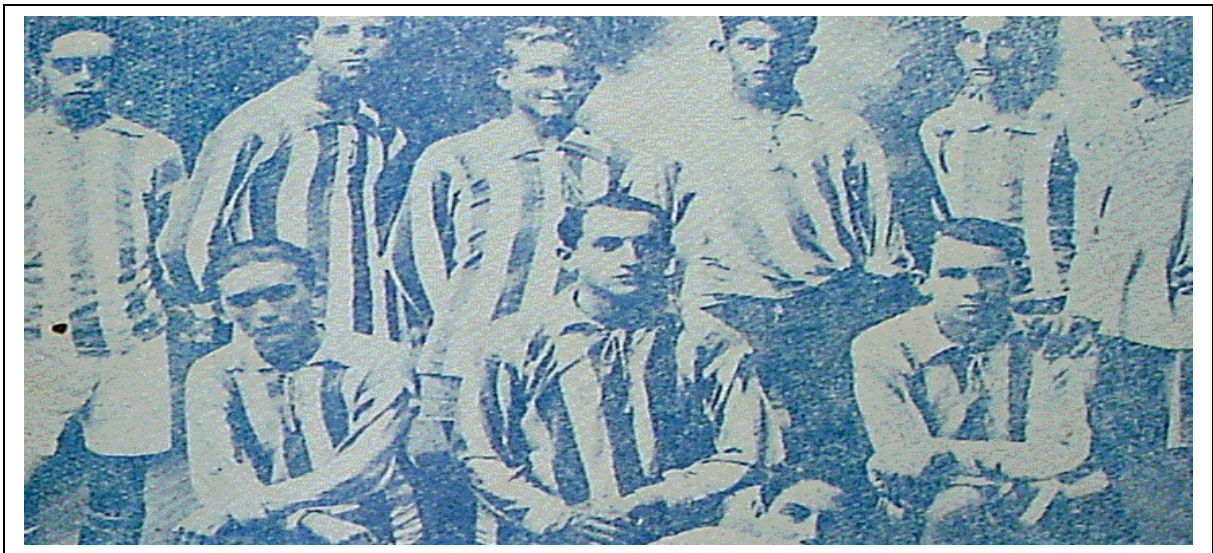


FIGURA 25. O Time de Futebol dos Maiores do Colégio Cearense Fonte: REVISTA VERDES MARES, 1934.

<sup>380</sup> ALENCAR, 1980, p. 63.

<sup>381</sup> Ib. Idem.

A expansão do futebol atinge o ensino secundarista. Deste crescimento, surge a associação destinada ao futebol secundário, a exemplo da Liga Esportiva Secundária, que, teve “campo em terreno murado na Praça Fernandes Vieira, vizinho ao Palacete do Dr. Luis de Moraes Correa”<sup>382</sup>. Fontenele sustenta que:

Entre 1906 e 1911, registrou-se a pior fase do futebol cearense, em seus primeiros anos, totalmente estagnado. Apenas alguns colégios promoviam jogos, no final desse período, notadamente, a partir de 1910, o **Liceu e o Castelo [grifo meu]**, enquanto moradores das ruas 24 de maio e Barão do Rio Branco no centro da cidade, realizavam torneios. Os adeptos do pebol se conformavam em acompanhar a distância os jogos no Sul do país através dos jornais, estes recebidos com atraso de 15 a 20 dias (2002, p.260).

Apesar de tantas divergências na prática dessa modalidade esportiva, algumas pessoas considerando - o como uma “distracção para o espírito das labutas quotidianas, como também, um exercício para os seus membros, para o seu próprio desenvolvimento physico”<sup>383</sup>.

Embora o trânsito dessa prática esportiva entre a elite e o povo, na rua e na escola, e, ainda, nos discursos aconselhando a prática saudável dos exercícios, “*sport*”, e da ginástica sueca ao ar livre,<sup>384</sup> o tratamento dado pelas autoridades aos seus praticantes não era o mesmo.

Se o “*Sportman*”<sup>385</sup> era sinal de civilidade para alguns afortunados, para as crianças “de rua”, torna-se vadiagem, malandragem no “bando de desocupados” no “campo de pelinragem”<sup>386</sup>.

Igualmente, observo nos jornais e revistas o constante apelo de leitores às autoridades para que “cuidassem” desses menores nas ruas de Fortaleza, ou como ressoam as vozes da época:

E o mais assustador é que o numero de pequenos desocupados, em Fortaleza, cresce dia a dia, sem haver o que justifique tal facto. A maioria dos garotos tem algumas ocupações: ora engraxantes, ora baleiros, quase sempre vendedores de jornais, de bilhetes de Loteria ou de garrafas vasias. E os outros? Ah, os outros se vão iniciando na “vida”. Roubam mercadorias no ponto de desembarque ou noutra parte, quando não se entregam ao prazer de disputar “foot-ball” nas praças ou de jogar o “cara - ou - coroa” nas calçadas (...) (CEARÁ ILUSTRADO de 25 de janeiro de 1925).

<sup>382</sup> ALENCAR, 1980, p. 63.

<sup>383</sup> FONTENELE, 2002.

<sup>384</sup> CEARÁ ILUSTRADO, “A cultura physica a serviço da belleza e da força: Conserve a sua vitalidade por Madaleine Taylor”, 11 de janeiro de 1925.

<sup>385</sup> Ver CEARÁ ILUSTRADO, 18 de janeiro de 1925.

<sup>386</sup> Palavras extraídas dos documentos em que BARBOSA ( 2003) realizou sua pesquisa.

Neste rumo, a perseguição ao futebol de rua se atribuiu ao entendimento de que esse esporte era para “desocupados” e que “gerava discussões e até brigas”<sup>387</sup>. Por ser espontâneo e permitindo vivenciar a “paixão, o desregramento e a intransigência”<sup>388</sup>, era visto como “violento, dada à *irrepressível* conduta dos praticantes”.

Também era considerado prejudicial à saúde “por causa da poeira que provoca em virtude da péssima educação dos jogadores”<sup>389</sup>, inapropriado para “um País de clima tropical onde se experimentam altas temperaturas”<sup>390</sup>. Soma-se, ainda, o fato de incomodar “a livre circulação” e ser “uma ameaça aos prédios da Cidade”<sup>391</sup>.

Enfim, a prática do futebol “era tomada como um sintoma da falta de educação do povo, que se apropriava do espaço público, transformando-o em campo para diversão”. Da representação de civilidade à vadiagem, o esporte era tratado, pelo discurso higienista<sup>392</sup>, disciplinador e moralizador, como caso de polícia.

Na verdade, porém o que estava em foco era a transgressão causada às posturas da Cidade que, na idéia de civilidade, impera regras únicas, padronizadas e sérias do vestir, comportar e sentir, como, por exemplo, a contenção ao riso espontâneo.

No caso do futebol da Capital cearense, a relação de mão dupla extrapola os limites da rua e da escola, se, inicialmente, era uma prática considerada perigosa, vadiagem e nociva, aos poucos, o futebol, em Fortaleza, era incluído nas aulas de educação física escolar. Isso mostrarei a seguir, no dia-a-dia do Colégio Cearense do Sagrado Coração, em Fortaleza, no periódico escolar, “VERDES MARES”.

O periódico revela considerável número de matérias publicadas sobre a educação física e dos esportes na secção *Vida Sportiva*. Percebe-se a preocupação dos educadores na educação corporal e da alma dos educandos, daí Mozart Soriano Aderaldo defender como lema desses educadores “*Mens sana in corpore sano*”<sup>393</sup>.

No Colégio se praticavam *foot-ball*, *volley – ball*, *Boute à la Perche*, *Basket-Ball*, *Ping - Pong* e *Gimnastica* e estava sob a responsabilidade do “Cearense Esporte

---

<sup>387</sup> BARBOSA, 2003, p.149.

<sup>388</sup> Ib. Idem.

<sup>389</sup> Idem, p.146

<sup>390</sup> Idem, p.147.

<sup>391</sup> Idem, p. 147.

<sup>392</sup> Consultar GÓIS JÚNIOR (2000).

<sup>393</sup> REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ, 1955, p. 287.

Clube”<sup>394</sup>, com a seguinte diretoria: Sinó Pinheiro (Presidente), José Galba Araújo (Diretor – esportivo), Vaterlôo Guimarães (Tesoureiro), Adonias Mário (Secretário). Havia a Liga Secundarista de *Foot - Ball* (criada em 1922) e promovia jogos internos e externos com outros clubes (*American Foot – Ball Club, Humaytá Sport Club*) e com os seguintes colégios: Araripe Junior, *Gymnasio S. João, S. Christovam Foot-Ball Club, Phenix Caixerai, Liceu* e o *Sport Club Castelo Iracema, Colégio Militar, Frota Gentil, Rio Negro* e tantos outros.

Esses jogos eram realizados no campo do Prado, Praça de Pelotas e no *Sport Club Magoary*. A seguir, apresento, na íntegra, o recorte, por acreditar na aceitação do futebol escolar,

Muito animado tem sido o movimento desportivo no Collégio durante este começo de anno. Sendo a prática do *sport* inherente ao jovem, é muito natural que os alumnos do Collegio procurem-na tanto como em meio de distracção para o espirito das labutas quotidianas, como também par a um exercicio para os seus membros, para o seu próprio desenvolvimento physico. Portanto, vê-se claramente o interesse que tomam os alumnos em que se adestrarem nos diversos *sports* com que conta o Collégio, como sejam o *foot-ball, volley-ball, basket- ball, boule á le perche* etc. O Collégio Cearense pode gabar-se com razão, de possuir as mais adentradas equipes de *foot – ball* dos estabelecimentos de ensino de nossa capital, tanto juvenil como infantil. E a prova disto tira-se do resultado do torneio início do campeonato colegial. Neste referido torneio o “team” do Collegio derrota o do Educandário cearense pela “score” de 1 “goal” e 2 “coaners” X 0; bateu também o do Gymnasio S. João por 2 “corners” X 1 “corner”; e venceu ainda o da Phenix Caixerai pela elevada contagem de 2 “goals” e 2 “corners” X 0 (...), portanto quão bella foi a actuação de nossos elementos conquistando destarte o titulo de Campeão do Torneio e uma linda taça offerecida ao vencedor pelo sympatico “team” S. Christovam Foot- ball Club sob cuja directriz está sendo effectuado campeonato collegial de Fortaleza. Foi o seguinte quadro apresentado pelo Collegio no torneio:

Manuel

Galba - Correia

Pedro – Walter – Luiz

Emmanuel- Aurélio – Agapito – Mario – Hamilton

Este mesmo quadro jogou no dia (...) do corrente com o Educandário Cearense em continuação do Campeonato, tendo o último quadro entregue antes do jogo (.) pontos, por reconhecer a sua incapacidade de se bater com o Collegio. Conta já, portanto o Collegio com 02 pontos. “Verdes Mares” apresenta á “equipe” vencedora os seus applausos e sinceros parabéns pela brilhante Victoria almejando o titulo de campeão collegial de Fortaleza (REVISTA VERDES MARES, 31 de maio de 1931, p. 41).

Como se observa, há predominância do linguajar inglês e a formação em que os nomes dos jogadores eram postos evidenciava o sistema tático do jogo. Em terras

<sup>394</sup> ÁLBUM DE FORTALEZA, 1931, p.421.

cearenses, surgia a primeira reação nativa ao linguajar inglês no futebol, o que, porém, predominou por muito tempo. Alencar, entre outros esportistas, fundou, em 1918 ou 1919, o Tabajara Pedol Clube, inicialmente chamado de Tiralasca.

Na época em que o futebol era “coisa de moleque”, “campo de pelinragem”<sup>395</sup>, ou caso de polícia, segundo o discurso higienista, disciplinador e moralizador que corria nos jornais da época<sup>396</sup>, essa prática esportiva passava a ser vista com muita simpatia no meio escolar, conforme a notícia seguinte:

Certamente o sympathizado jogo bretão, o mais cultivado e bemquisto de todos os desportos tem chegado ao apogeu de entusiasmo no seio da mocidade forte e vigorosa que compõe o Colégio Cearense do Sagrado Coração. Quase todas as espécimes de desportos são aqui cultivados com esmero e afeição. O foot - ball, porém, suplanta tudo e se aperfeiçoa vertiginosamente, formando homens de que a Pátria precisa, para glorificar seu renome e multiplicar sua bravura. Vemos, desde muito, o pebolismo seductor e entusiasta, pulsar com maior ardor na colocação desta juventude hercúlea (REVISTA VERDES MARES, [1932]).

O futebol vai, aos poucos, quebrando fronteiras entre a rua e a escola, “sociedade de bem” e os “moleques” e, entre as “peladas” e as aulas de Educação Física, vai compondo o conjunto daquela disciplina.

### **3.2 Os complexos (quase impenetráveis) caminhos da autonomia da Educação Física Escolar**

---

A evolução do campo de produção cultural para uma autonomia maior acompanha-se, assim, de um movimento para uma maior reflexividade, que conduz cada um dos “gêneros” a uma espécie de volta crítica sobre si, sobre seu próprio princípio, seus próprios pressupostos (...) (BOURDIEU, 1996, p.273).

Um campo constitui-se quando ele ganha autonomia<sup>397</sup> em relação a outros campos, ditando as próprias regras, seus princípios de reconhecimento e padrões, além de captar as posições produtoras de visões correspondendo aos agentes portadores de

---

<sup>395</sup> BARBOSA, 2003.

<sup>396</sup> O POVO, Jornal, 13 de outubro de 1932.

<sup>397</sup> Para um maior aprofundamento do grau de autonomia do campo, consultar BOURDIEU(1996, p. 249).

um *habitus* socialmente constituído. Dizer que um campo é autônomo é proferir que se libertou das forças externas.

Em se tratando de relações de poder e influência de outras áreas de conhecimento, indago se a educação física escolar teria conseguido a sua autonomia. Antes de precipitar uma resposta, expresso a idéia de que essa área “se faz presente muito antes de podermos pensá-la como um campo”<sup>398</sup>. Tal afirmação está fundamentada nas proposições de Herbert Spencer e Rui Barbosa.

A primeira vista, o campo da educação física escolar constituiu-se pelas matrizes higiênica-eugênicas, nacionalismo e escolanovismo - visões políticas diversas e parecendo até unificá-las com às práticas e valores de uma civilização “moderna”.

Por esse ângulo, não há uma ruptura radical com a ordem social, ao contrário, há o engendramento do campo da educação física na escola e uma autonomia<sup>399</sup> relativa, porque está sempre presa à classe<sup>400</sup>.

À frente das aulas da então ginástica escolar, observo, no entanto, uma pequena, mas significativa mudança. Os instrutores-militares consagrados pelo poder de *illusio* passam a formar outros formadores dos códigos, as normalistas, embora ainda não dominantes, diferentemente dos *status* dos militares, contudo, tiveram a consagração dos consagrados no ensino da ginástica, posteriormente, denominada de Educação física.

Confirma-se que, de início, há predominância dos militares<sup>401</sup> nas aulas de educação física (não houve uma ruptura total, pois, é possível que ainda esteja em alguma escola pelo Brasil). Tem-se de reconhecer a evidente contribuição desses agentes. No entanto, há de considerar os princípios sociais capazes de impulsionar, motivar e assim constituir o cerne da concorrência, envolvendo os ocupantes das diversas posições disponíveis no interior do espaço em composição.

O instrutor-militar, no entanto, detido do poder de codificar e decodificar os códigos propagou esse saber e as práticas nas escolas cearenses, e o ginasta “marginal”, proveniente dos circos, não detinha o reconhecimento social e nem científico.

---

<sup>398</sup> PAIVA, 2004, p.60.

<sup>399</sup> Consultar BOURDIEU (1996, p. 250).

<sup>400</sup> Ib. Idem.

<sup>401</sup> Ver BAPTISTA et al, 2002.

Nas mãos da normalista, ocorreu, sutilmente, uma alteração na prática pedagógica, como também na concepção da Educação física Escolar; fato ocorrido por volta da década de 1920 e evidenciou-se com maior nitidez na década de 1930.

Pelo percurso histórico, acompanhou-se a configuração da ginástica até desaguar na educação física escolas de Fortaleza, como também, a mudança nos agentes e das práticas pedagógicas e envolvidas nesta disciplina escolar compreendidas no período desse estudo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

Este estudo buscou uma reconstrução da gênese da educação física escolar em Fortaleza a partir do movimento de crítica à produção historiográfica defensora da idéia de que esta disciplina se restringiu, até os anos de 1930, apenas ao Rio de Janeiro.

Nesse percurso, vários elementos foram apresentados na perspectiva de confirmar a presença da ginástica nas escolas públicas e privadas desde os meados do século XIX. Estas constatações foram extraídas de documentos, dentre os quais, fotos, jornais, periódicos e etc.

A teoria dos campos de Pierre Bourdieu, sem negar a contribuição de outras linhas de análise, possibilitou compreender a estrutura do campo, posição dos agentes e a construção do *habitus* como sistema de disposições socialmente constituídas e, por fim, evidenciou a institucionalização da educação física escolar como referência ao estudo da cultura corporal na escola.

Colocada a questão desta maneira, foi possível apresentar uma reconstrução dos passos iniciais da então ginástica em algumas instituições educacionais de Fortaleza, até chegar à denominação de educação física, explicitando os embates entre os agentes – acrobatas (os ginastas “marginais”), os instrutores (militares) e as normalistas, que protagonizaram o movimento de naturalização e objetivação da prática desta disciplina na escola.

Outro aspecto que não deve ser negligenciado foi o anseio pela “modernidade”, influenciado e influenciador das idéias sociais, políticas e educacionais



predominantes na época, dentre as quais o higienismo, a eugenia, o nacionalismo e o escolanovismo que concorreram para o predomínio do significado da ginástica como mudança corporal tendo em vista a formação do homem “moderno”.

Com referência as questões acima, a escola era compreendida como instância de formação e de inserção social do homem “civilizado”, “culto”, “educado”. Com o poder de consagrar, legitimar, formar e reproduzir, a escola, além de outras instâncias, inseriu a ginástica no cotidiano e no currículo dos estabelecimentos educacionais, que posteriormente se consolidaria como uma prática corporal denominada de educação física escolar.

Por este caminho, evidenciou-se a relação da educação física com a educação e, sem negar o processo histórico apresentado, foi possível observar a constituição de outras relações conjunturais da escola e da educação física com o esporte e o lazer que enfocaram outras práticas corporais nas escolas no intervalo de tempo de 1860-1930.

Na tentativa de formular o argumento que privilegiou a inserção e a consolidação da educação física nas escolas, públicas e privadas de Fortaleza, apresentei a história de sua constituição, representatividade e consolidação na sociedade do período.

Desta maneira, esta pesquisa se configura como processo de crítica da história dessa área de conhecimento e revela as limitações da literatura existente que desconsidera a emergência e consolidação da educação física em outras regiões.

Por fim, mas não menos importante, não desconheço os limites de um trabalho deste porte diante das dificuldades de encontrar documentos que tratassem este objeto de estudo. Mesmo assim, e por menor que seja a parcela da contribuição deste trabalho, forneço aqui novas fontes, enfoques, leituras, inclusive para criar o questionamento, revisão, produção e discussão desta área.

## **FONTES E REFERÊNCIAS**

---

### **FONTES IMPRESSAS**

---

DECRETO n.º 3.347, de 26 de novembro de 1864.

DECRETO n.º 11.479, de 10 de fevereiro de 1915.

DOCUMENTOS. Collecção das Leis do Império do Brasil. 2ª Parte, Secção 02, Tomo 18.

DOCUMENTO. **Estudos sobre o Ceará.** Campanha de Inquéritos e Levantamento do Ensino Médio e Elementar. Rio de Janeiro, MEC/ INEP, 1955.

DOCUMENTO. Exmo Senhor Secretário do Interior e de Justiça, 06 de Setembro de 1933.

FACULDADE INTEGRADA DO CEARÁ - FIC. **Curso de Educação Física.** Fortaleza, 2002.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO, UFC. **Currículo do Curso de Licenciatura em Educação física.** Fortaleza, 1994.

JUÍZO da 3ª Vara Criminal de Fortaleza. **O Habeas Corpus das Banhistas.** A Prostituta Estudada à Luz do Direito por Virgílio Augusto de Moraes Filho. Do Instituto

da Ordem dos Advogados Brasileiros. Ceará - Fortaleza, Typ. Minerva, de Assis Bezerra, 111, Rua Major Facundo, 113, 1925.

OFÍCIO da Diretoria Geral da Instituição do Ceará – Lygia de França Amora – 2ª oficial para o Senhor Diretor da Escola Normal Pedro II IN Estado do Ceará, Diretoria Geral de Instrução Pública, Fortaleza, N. 595, 4 de setembro de 1933.

RELATÓRIO apresentado ao Exmo.sr. Presidente do Estado do Ceará pelo Dr. Pedro Augusto Borges pelo Secretário dos Negócios do Interior Miguel Ferreira de Mello. Ceará- Fortaleza, Typo - Moderno a Vapor, Ceará, Saúde Pública, p. 8, Junho de 1903.

RELATÓRIO apresentado ao Exmo.sr.dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly pelo Secretário de Estado dos Negócios do Interior José Pompeu Pinto Accioly- Ceará- Fortaleza, Typo - Lythographia A Vapor – Ceará, Rua Formosa, 68, Junho de 1907.

RELATÓRIO apresentado ao Exmo.sr.dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly Presidente do Estado do Ceará pela Secretaria de Estado dos Negócios do Interior José Pompeu Pinto Accioly, Junho de 1908.

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA, UNIFOR. **Curso de Educação Física**. Fortaleza, 1990.

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ, UVA - **Curso de Educação Física**. Sobral, 2002.

## **JORNAIS**

---

A CONSTITUIÇÃO, Jornal. 3 de julho de 1865.

A REPÚBLICA, Jornal. **Escola de Aprendizes Marinheiros**, 12 de novembro de 1898.

A REPÚBLICA, Jornal. 04 de janeiro de 1925.

A REPÚBLICA, Jornal. **Data comemorativa do centenário da República**, Ano VII, n. 263, 17 de novembro de 1889 no Ceará, Edição fac-similar, BNB, 1989.

O CEARENSE, Jornal. **Recreio Gymnastico**. 29 de novembro de 1871.

O NORDESTE, Jornal. Ano III, n. 670, Fortaleza, 19 de setembro de 1924.

O POVO, Jornal. **Contra o Foot-ball nas Praias de Banho**, 10 de outubro de 1932.

O POVO, Jornal. **A Reclamação, agora, é contra as Corridas de Cavalo**, 11 de outubro de 1932.

O POVO, Jornal. **Os Novos Direitos da Mulher**, 21 de novembro de 1932.

O POVO, Jornal. **O Dia da Criança nos Grupos Escolares**, 13 de outubro de 1932.

O POVO, Jornal. **O Espírito Irrequieto**, Fortaleza, 25 de junho de 2006.

O POVO, JORNAL. Edição Especial, ano IV, n. 4, out-nov, 2007.

UNITÁRIO, Jornal, **Os carroceiros acabam com o concreto**, 16 de fevereiro de 1935.

UNITÁRIO, Jornal, **Infracção de uma Postura Municipal**, 16 de fevereiro de 1935.

UNITÁRIO, Jornal, **Foot-ball nas ruas**, 16 de fevereiro de 1935.

## **PERIÓDICOS**

---

ÁLBUM DE FORTALEZA. **Collegio Castelo Branco**, Ceará, 1931.

ALMANACH DO CEARÁ, 1922.

BA-TA-CLAM, **Jogo de Xadrez**, Fortaleza, 03 de julho de 1926.

CEARÁ ILUSTRADO. **A Saúde Pública**, 04 de janeiro de 1925.

\_\_\_\_\_. **Corrida de touros**, 04 de janeiro de 1925.

\_\_\_\_\_. **A cultura physica a serviço da beleza e da força**: Conserve a sua vitalidade, 11 de janeiro de 1925.

\_\_\_\_\_. **Futebol**, 18 de janeiro de 1925.

\_\_\_\_\_. **O baile carnavalesco do “Iracema”**, 18 de janeiro de 1925.

\_\_\_\_\_. **A moça ideal para o casamento**, 28 de junho de 1925.

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS. Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará. Memória apresentada ao 4º Congresso Médico Latino – Americano no Rio de Janeiro pelo Dr. Barão de Studart, Presidente do Comitê do Ceará, Tomo XIV, Typ Minerva, 1909-1910, p. 20-67.

\_\_\_\_\_. V. 01, Tomo II, 2º Fase, dez, 1938.

REVISTA ESCOLAR DO INSTITUTO DE HUMANIDADE. n. 5, Ano VIII, maio de 1911, p.1-2.

\_\_\_\_\_. V.9, n.87, Ano 8, 1912, p.3-4.

REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ. Ano 08, n. 87, v. 9, n. 1, janeiro de 1912.

\_\_\_\_\_. Ano VIII, n. 90, V. IX, 4 abril de 1912.

\_\_\_\_\_. Cesidio de Albuquerque Martins Pereira pública a relação das cadeiras providas do Estado do Ceará, Tomo. IX, 1897, p. 71-85 e 331-224.

\_\_\_\_\_. Ano XI, Tomo XI, 2 Trimestre de 1897-1898, p.116.

\_\_\_\_\_. Ano XI, Tomo XI, 2 Trimestre de 1897-1898, p.113,

\_\_\_\_\_. Ano XII, Tomo XII, 1 Trimestre de 1898, 3 e 4 Trimestre, 1897.

\_\_\_\_\_. Ano XI, Tomo XI, 1 Trimestre de 1897, p. 82-84.

\_\_\_\_\_. Ano XIII, Tomo XII, 2 e 3 trimestres de 1898, p.116.

\_\_\_\_\_. **O Ensino Secundário pelo Dr. Antonio Theodorico da Costa.** Tomo 41, 1927, p. 222,

\_\_\_\_\_. **Barão de Studart,** Filantropia Por Pe. E. Friederichs S.J, Tomo 79, 1856-1938, p. 203.

\_\_\_\_\_. **Apontamentos Biográficos de João Cordeiro** Escritos por ele mesmo. Tomo 59, 1945, p.289.

\_\_\_\_\_. **João Brígido:** Homens e Factos, Tomo 63, 1950, p.65.

\_\_\_\_\_. **Ateneu:** Educandários do Ceará. Tomo 69, 1955, p. 52.

\_\_\_\_\_. **Colégio Cearense:** 40 Anos de Benemerência. Tomo 69, 1955.

\_\_\_\_\_. **Um Aspecto da Tradição Militar Cearense:** O Estabelecimento Militar de Ensino de Fortaleza por José Aurélio Saraiva Câmara. Tomo 73,1959, p. 104- 167.

\_\_\_\_\_. **Centenário da Escola de Aprendizes Marinheiros do Ceará,** Tomo 96,1965 p. 338.

TERRA DA LUZ, **Revista do Colégio Castelo Branco,** setembro, 1936-1940.

VERDES MARES, **Revista do Grêmio Literato José de Alencar do Colégio Cearense do Sagrado Coração**, Typ. Progresso, Ceará, 25 de novembro de 1923 -1939.

## CATÁLOGOS E ANAIS

---

IMOPEC – Instituto de Memória do Povo Cearense. **Lugares da Memória do Ceará**, Fort/2002.

ANAIS do VIII Congresso Brasileiro de História da Educação física, Esporte, Lazer e Dança - **As Ciências Sociais e a História de Educação física, Esporte, Lazer e Dança**, UEPG, Ponta Grossa, 14 a 17 de novembro de 2002. Revista digital, Lecturas: EF y Deportes, Buenos Aires, v.1, n.7, 2001.

## LIVROS, ARTIGOS, DISSERTAÇÕES E TESES

---

ADERALDO, Mozart Soriano. **Retalhos Nautiquinos: História em Crônica, Leves do Náutico Atlético Cearense**. Fortaleza, CE: Edições Tipoprogresso, 1988.

ALENCAR, Edigar. **Fortaleza de Ontem e Anteontem**, Fortaleza, CE: Edições UFC/PMF, 1980.

ALENCAR, José. **O Sertanejo**. 4 ed., Rio de Janeiro: Ática, 1987.

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **Instrução Pública no Brasil (1500-1889): História e Legislação**. São Paulo: EDUC, 2000.

ALVES, Joaquim. **História das secas** (século XVII-XIX). 2 ed. Mossoró, RN: Escola Superior de Agricultura de Mossoró, 1982.

AMARAL, Eduardo Lucio Guilherme. **Barão de Studart: Memória da Distinção**. Fortaleza, CE: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

ANDRADE, Francisco Ari de. Educação para a Saúde no Ceará: a Pedagogia da Vacina nas Areias de Fortaleza no Início do Século XX. In. CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; BEZERRA. Jose Arimatea Barros, (Org). **Biografias, Instituições, Idéias, Experiências e Políticas Educacionais**. Fortaleza, CE: UFC, 2003, p. 287-303.

\_\_\_\_\_. **O Ensino Superior no ideário político do Aciolismo: a ação pedagógica da Faculdade Livre de Direito do Ceará, no período de 1903 a 1912**. Tese de doutorado, FAGED/UFC, Fortaleza, 2005.

ASSIS, Machado de. **O Alienista**. Rio de Janeiro: Primor, 1972.

AZEVEDO, Ferdinand, S. J (Pe). **Ensino, jornalismo e missões jesuíticas em Pernambuco, 1866-1874**. Recife, PE: FASA, 1981.

AZEVEDO, Fernando de. **Da Educação Física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser**. 3 ed, Edições, São Paulo: Melhoramentos, 1960.

AZEVEDO, Aluisio Tancredo Gonçalves de. **O Mulato**. 7 edição, Rio de Janeiro: Ática, 1987.

BAPTISTA, Marco Túlio et al. Influência da Escola de Educação Física do Exército na Origem do Currículo de Educação Física no Brasil. **Revista de Educação Física**, 2002, n.126, p. 10-13.

BARBOSA, Francisco Carlos Jacinto. Um Novo Campo de Pelinragem: futebol e transgressão nas ruas de Fortaleza no início do século XX. In VASCONCELOS, José Gerardo; MAGALHÃES JUNIOR, Antônio Germano (org). **Linguagens da História**. Fortaleza, CE: Impreco, 2003, p.144-154.

\_\_\_\_\_. **A Força do Hábito: Condutas Transgressoras na Fortaleza Remodelada (1900-1930)** Fortaleza, Abril, 1997, Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFC.

BARRETO, Lima. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. 11 ed., São Paulo: Ática, 1993.

BARROSO, Gustavo. **Memórias: Liceu do Ceará**. 3 ed. Fortaleza, CE: UFC/Casa de José de Alencar, 2º Volume, 2000.

BERMAN, Marschall. **Tudo que é Sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. 14 reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BETTI, Mauro. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BEZERRA, Antônio. **O Ceará e os Cearenses**. Fortaleza, CE: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.

BEZERRA, José Arimatea Barros. **Comer na Escola: Significados e Implicações**. Fortaleza, Faculdade de Educação, Tese de Doutorado, Programa de Pós – Graduação em Educação Brasileira, 2002.

\_\_\_\_\_. ANDRADE, Francisco Ari de (ORG). Documentos. Texto Integral das Leis do Ensino. Revista do Arquivo Público do Ceará: **História e Educação**. Fortaleza, CE: Arquivo Público do Estado do Ceará, 2006, n. 2.

- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Coisas Ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim, Revisão Técnica de Paula Monteiro. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. 4 Edição. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- \_\_\_\_\_. **As Regras da Arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BRÍGIDO, João. **Ceará**: homens e fatos. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2001.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.
- CAMINHA, Adolfo. **A Normalista**. Rio de Janeiro: Ática, 1985.
- CAMPOS, Eduardo. **Capítulos de História de Fortaleza do Século XIX**: o social e o urbano. Fortaleza, CE: UFC, PROED/1985.
- \_\_\_\_\_. **O Inventário do Quotidiano**: Breve Memória da Cidade de Fortaleza. Edições Fundação Cultural de Fortaleza. Serie Pesquisa. N. 6- Prefeitura Municipal de Fortaleza, CE: Fundação Cultural de Fortaleza, 1996.
- CARONE, Edgard. **A Primeira República** (1889-1930): Texto e Contexto. Direção do Prof. Fernando Henrique Cardoso. 3ª Edição com Apêndice. São Paulo: DIFEL, 1976.
- CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**: O Rio de Janeiro e a República que não foi. 3 ed. [1985].
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde Nacional e Fôrma Cívica**: Higiene, Moral e Trabalho no Projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista. São Paulo: EDUSF, 1998.
- CASALECCHI, José Enio. **A Proclamação da República**. 5 ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1992, n. 18.
- CASTELO, Plácido Aderaldo. **História do Ensino do Ceará**. Monografia n. 22, Departamento de Imprensa Oficial (Coleção Instituto do Ceará) Fortaleza, CE, agosto de 1970.
- CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. Campinas, SP: Papirus, 1998.



CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. **O Jornal como fonte privilegiada de pesquisa histórica no campo educacional**. Mimeografado, FAGED, UFC, [S.D.].

\_\_\_\_\_. **João Hippolyto de Azevedo e Sá: o espírito da Reforma Educacional de 1922 no Ceará**. Fortaleza, CE: Imprensa Universitária: UFC, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução a história da filosofia**. São Paulo: Brasiliense. 1994.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. 2 ed. Rio de Janeiro: GRAAL, 1983.

COSTA, Lamartine Pereira da. **Diagnóstico de Educação Física/Deportes no Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Fundação. Nacional de Material Escolar, 1971.

CRESPO, Jorge. **A História do Corpo**. Lisboa: DIFEL - Difusão Editorial Ltda. Lisboa, 1990.

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. Os Exercícios Gymnasticos no Imperial Collegio de Pedro Segundo (1841-1870). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, SP: Co - Edição: Autores Associados, Temática: História da Educação física e Esporte V. 25, N. 1, Setembro, p. 70-81, 2003.

DANTAS, Eustóquio Wanderley Correia. **Mar à Vista: Estudo da Maritimidade em Fortaleza, CE: Museu do Ceará: Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2000.**

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FACÓ, Anna. Páginas Íntimas: **Obra Póstuma**. Fortaleza, CE: Typografia Minerva, 1938.

FERREIRA NETO, Amarílio. Projeto Militar na Educação Física. **Pesquisa Histórica na Educação Física**, FERREIRA NETO, Amarílio(org). Vitória: UFES, v. 2, 1997, p.84-120.

FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil: aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1947.

\_\_\_\_\_. **Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil II.** Sobrados e Mucambos. Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 2 ed. 2. Volume, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1951.

\_\_\_\_\_. **Nordeste:** Aspectos da Influência da Cana sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil. 3 ed. Rio de Janeiro Livraria José Olympio, 1961.

\_\_\_\_\_. **Ordem e Progresso.** 5 ed, Rio de Janeiro: Record, 2000.

FONTENELE, Airton. Como nasceu o futebol no Ceará. In. CHAVES, Gilmar (Org). **Ceará de Corpo e Alma:** um olhar contemporâneo de 53 autores sobre a Terra da Luz. Fortaleza, Ceará: Instituto do Ceará, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

GALENO, Juvenal. **Lendas e Canções Populares.** Fortaleza, CE: Henriqueta Galeno. 1969.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Educação Física Progressista:** A Pedagogia Crítica-Social dos Conteúdos e a Educação física brasileira, São Paulo: Loyola, 1988.

GIRÃO, Raimundo. **Educandários de Fortaleza.** Separata da Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza, CE: Imprensa Universitária do Ceará, 1959.

\_\_\_\_\_. **Geografia Estética de Fortaleza.** 2 ed. Fortaleza, CE: Imprensa Universitária do Ceará, BNB, 1979.

\_\_\_\_\_. **Pequena História do Ceará.** 4 ed., Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 1984. (Coleção Estudos Cearenses).

GOIS JÚNIOR, Edivaldo. **Os higienistas e a Educação Física: a história dos seus ideais.** Rio de Janeiro: UGF, 2000.

GONDRA, José G. Combater a “poética pallidez”: a questão da higienização dos corpos. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, n. especial, p. 121-161, jul/dez. 2004. Disponível em [www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectiva.html](http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectiva.html) acesso 7/set/2007.

HARLAN, David. A História Intelectual e o Retorno da Literatura. In. RAGO Margareth, GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (ORG). **Narrar o Passado, Repensar a História.** Campinas, SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000 p.15-62.

HASSE, Manuela. A Educação Física no Real Collegio dos Nobres de Lisboa (1761-1837). **LUDENS**, Revista Trimestral do Instituto Superior de Educação Física de Lisboa, jul./Set.1981. v; 5. p.21-28.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos Extremos:** o breve século XX-1914-1991. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995.

JUCÁ, Gizafran Nazareno Mota. **Um novo olhar sobre a Cidade: reformas e disciplinas** IN. **A Gestão da Cidade: Uma História Político – Administrativa**. Fortaleza, CE: Fundação Cultural de Fortaleza, Departamento de História – Núcleo de Documentação Cultural, Universidade Federal do Ceará, 1994.

\_\_\_\_\_. **O lazer em Fortaleza** (1945-1960). Fortaleza, CE: UFC/NUDOC, (Caderno do NUDOC; 18), 1996.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LIMA, Gerson Zanetta de. **Saúde escolar e educação**. São Paulo: Cortez, 1985.

LINHARES, Paulo. **Cidade de Água e Sal: por uma antropologia do litoral Nordeste sem cana e sem açúcar**. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 1992.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergstrom. Conferência de Educação Física. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Educação Física, 1942, p. 18.

\_\_\_\_\_. Prática pedagógica (programa de ensino) publicado na Revista de Educação, Piracicaba, São Paulo, V.2, n.1, p. 50-59, maio. 1922. IN. Lourenço Filho, Manoel Bergstrom, Organização: Ruy Lourenço Filho. **A Formação de Professores: Da Escola Normal À Escola de Educação**. 4. Ed. Revisada. Ampliada. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2001.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao Estudo da Escola Nova: Bases, sistemas e diretrizes da Pedagogia Contemporânea**. 11 Edição. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1974.

KURY Lorelai B. A sereia amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo na Viagem ao Brasil. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, 2001. V. 21, n. 41, p. 157-172.

MADEIRA, Maria Graça de Loiola. **Recompondo memórias da educação: a Escola de Aprendizes Artífices do Ceará (1910 –1918)**. Fortaleza, CE: Gráfica do CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará. 1999.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Do lar como escola da nação: a família nos debates educacionais dos anos 1920/30. **Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação**. Natal, RN: NAC, 3 a 6 de novembro de 2002, p.317.

MARINHO, Inezil Penna. **Rui Barbosa: Paladino da Educação Física no Brasil**. Brasília, DF: [S.D], 1974.

\_\_\_\_\_. **História da Educação Física no Brasil**. São Paulo: Gráfica Latina Ltda. [S/D].

MARQUES, Janote Pires; KLEIN FILHO, Luciano. **O Casarão do Outeiro: Memórias e Ilustrações**. Fortaleza, CE: ABC, 2007.

MENESES, Antonio Bezerra de. **Descrição da Cidade de Fortaleza**. Introdução e notas de Raimundo Girão. Fortaleza, CE: UFC/ Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982.

MENEZES, Raimundo de. **Coisas que o Tempo Levou: Crônicas Históricas da Fortaleza Antiga**. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2000.

MENEZES, Djacir. **O Outro Nordeste**. Ensaio sobre a evolução social e política do nordeste da civilização de couro e suas implicações históricas nos problemas gerais. 3 ed. Fortaleza, CE: UFC: Casa José de Alencar, Programa Editorial, 1995.

MIRANDA, Ubatuba de; GIRÃO, Raimundo. Retrato de Fortaleza. **Cadernos de Cultura**. Fortaleza, CE: Instituto do Ceará, 1954, n. 7.

MONARCHA, Carlos. **A reinvenção da cidade e da multidão: dimensões da modernidade brasileira: A Escola Nova**. São Paulo: Cortez, 1989.

MONTEIRO, Hamilton de Mattos. **Nordeste Insurgente [1850-1890]**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. **A Historiografia Liberal de Tristão de Alencar Araripe**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: E.P.U.; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1974.

NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, Ceará: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação e Sociedade**, ano XXIII, n. 78, abril, 2002.

NOGUEIRA, Raimundo Frota de Sá. **A Prática Pedagógica de Lourenço Filho no Estado do Ceará**. Fortaleza, CE: UFC, 2001.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. **Tinta, Papel e Palmatória: A Escola no Ceará no Século XIX**. Fortaleza, CE: Museu do Ceará: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004.

OLIVEIRA Leandro Eulálio de. **A Marinha e as Camadas Populares no Maranhão: 1822- 1872**. Imperatriz, MA: Ática, 2002.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de; VILLA, Maria Eugenia. Educação Física, Corporalidade e Escola. In BRACHT, Valter; CRISORIO, Ricardo (Org). **A Educação**

**Física no Brasil e na Argentina:** Identidade, Desafios e Perspectivas. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro: Prosul, 2003 p.147-154.

\_\_\_\_\_ et al. Fontes para o Estudo Histórico das Práticas Corporais Escolares e da Constituição da Educação Física Escolar no Estado do Paraná. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte.** Campinas, SP: Co – Edição Autores Associados - Temática: História da Educação física e Esporte, setembro, 2003, v. 25, n. 1, p.145-158.

ORTIZ, Renato (Org). **Pierre Bourdieu.** Sociologia. Coord. Florestan Fernandes. 2 ed. Rio de Janeiro: Ática, 1994.

PAIVA, Fernanda Simone Lopes de. **Notas Para Pensar a Educação Física a partir do Conceito de Campo.** Florianópolis, SC: Perspectiva, jul/dez, 2004, v. 22, n. Especial, p. 51-82.

PILATTI, Luiz Alberto. **Pierre Bourdieu:** Apontamentos para uma reflexão metodológica da História do Esporte Moderno. Revista Digital, Buenos Aires - Año 11 - Nº 97 - Junio de 2006. [www.efdeportes.com](http://www.efdeportes.com). **Lecturas:** EF y Deportes.

PINHO, Silvana de Sousa. A simbologia da edificação da Escola Normal de Fortaleza, na década de 1920. In. CAVALCANTE, Maria Juraci Maia, BEZERRA, José Arimatea Barros (org). **Biografias, Instituições, Idéias, Experiências e Políticas Educacionais.** Editora, Fortaleza, CE: UFC, 2003, p.189-213.

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1981.

PONTE, Sebastião Rogério. **A Belle Époque em Fortaleza:** remodelação e controle social. (1860 –1930). 3 ed. Fortaleza, CE: Fundações Demócrito Rocha, 2001.

PONTES, João Airton de Matos. **Implantação, Universalização e Redimensionamento do Telensino no Ceará:** uma análise na perspectiva da Educação Física (1974 - 2004), Dissertação, Mestrado em Educação. Fortaleza, CE: FAGED, 2005.

PORTER, Roy. **História do Corpo.** In: BUCKE, Peter (organizador). **A Escrita da História:** novas perspectivas. 4 impressão, São Paulo: UNESP, 1992, p. 291-326.

PRIMITIVO, Moacyr. **A Instrução e o Império:** Subsídios para a História da Educação no Brasil –1854-1889. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Série 5, Série Brasileira, 3 Volume, 1938.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze.** 62 ed. São Paulo: Siciliano, 1993.

RAMOS Graciliano. **Vidas Secas;** Posfácio de Álvaro Lins, Ilustrações de Aldemir Martins, 35 ed. Rio, São Paulo: Record Martins, 1976.

REIS FILHO, Casemiro dos. **A Educação e a Ilusão Liberal**. São Paulo: Cortez - Autores Associados, 1981.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o Povo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ROCHA, Ariza Maria. **A Seca, o Sertanejo e a Ginástica Sueca na Batalha da Borracha (1942-45)**. In. CAVALCANTE, Maria Juraci Maia et al. **História e Memória da Educação no Ceará**. Fortaleza, CE: Imprensa Universitária, 2002. p.147-164.

\_\_\_\_\_. **O sentido da Educação Física nos Discursos Oficiais e no Cotidiano de uma Escola Pública Cearense**. Dissertação de Mestrado UFC, Fortaleza, CE: UFC, 2002a.

\_\_\_\_\_. A eugeniação da raça brasileira pelo corpo feminino: a defesa da educação física para a mulher. In **Anais do XV Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste**. Educação, Desenvolvimento Humano e Cidadania. São Luís, MA: UFMA, 2001.

\_\_\_\_\_. A Educação Corporal no Aformoseamento da Cidade de Fortaleza no Final do Século XIX e Início do Século XX. In **Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação-História e Memória da Educação Brasileira**. Natal, RN: UFRN, 3 a 6/novembro/2002b, p.371-372.

\_\_\_\_\_. Vestígios da Educação Física em Fortaleza (1863-1945). In **Anais do VIII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**. As Ciências Sociais e a História de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. Ponta Grossa, PR: UEPG, 14 a 17 de novembro de 2002.

\_\_\_\_\_. LIMA, David César Casto. A Ginástica Sueca na Educação Corporal da Capital Cearense na Década de 1920-1930. In **Anais do VI Encontro Cearense de Historiadores da Educação**. Aracati, CE: UFC, 2007.

SABÓIA, Boanergues. **O Liceu Que Conheci**. Tipografia Minerva. Fortaleza, CE. [S.D].

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **O Receio dos trabalhos perdidos: Corpo e cidade**. "Projeto História", São Paulo, (13), jun1996, p.121-128.

\_\_\_\_\_. **É possível realizar uma história do corpo**. In: SOARES, Carmem Lúcia (org). **Corpo e História**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. **A Longa Viagem da Biblioteca dos Reis**. São Paulo: CIA das Letras, 2002.

SILVA, Maria Goretti Lopes Pereira e. **A Escola Normal do Ceará: Luzes e modernidade contra o atraso na Terra da Seca (1884-1922)**. Dissertação. UFC, Fortaleza, 2001.

SILVA, N. PITHAN e. **Ginástica Moderna-Calistenia: Acompanhados com Música – Método de Skanstron e Wood**. Rio de Janeiro: Cia Brasil Editora. [S.D].

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 1994.

\_\_\_\_\_. **Imagens da Educação no Corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

\_\_\_\_\_. **Imagens da Educação no Corpo: a ginástica e a estética da retidão**. **Revista Digital Lecturas EF y Deportes**. Buenos Aires, outubro 2000, Año 5, n. 26. Disponível em: [www.efdeportes.com](http://www.efdeportes.com). Acesso em 31 set. 2007.

SOUSA, Joaquim Moreira. **Sistema Educacional Cearense**. Recife, PE: MEC/INEP/Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, [S.D].

SOUSA, Eustáquia Salvadora de VAGO, Tarcísio Mauro. Última Década dos Oitocentos. Primeira Década da Gymnástica na Formação do Professorado Mineiro. In: VEIGA, Cyntia Greive; FONSECA, Tahais Nívia de Lima e (Org.) **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003, p. 253-282.

SOUZA, Eusébio de. **História do Ceará**. Monografia nº.15. Fortaleza, CE: Coleção Instituto do Ceará, 1950.

SOUZA, Rita de Cássia de. Reformas escolanovistas na educação mineira: formando cidadãos. In **Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação**. Natal, RN: NAC 3 a 6 de novembro de 2002, p.442.

SOUZA JUNIOR, Marcilio; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. História das Disciplinas Escolares e História da Educação: Algumas Reflexões, **Educação e Pesquisa**, São Paulo, set/dez. 2005, v. 31, n.3, p.391-408.

SPENCER, Herbert. **Educação Intellectual, Moral e Physica**, 2 ed. São Paulo: Alcino Aranha & C<sup>a</sup>: Portugal, Teixeira & Irmão, 1888.

SPROULE, Anna. **Charles Darwin: a história de como a teoria da evolução desafiou a visão religiosa da criação do mundo**. São Paulo: Exley publications by Editora GLOBO, 1990.

TAVARES, Aurélio de Lyra. **Nosso Exército: essa grande escola**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985.

TEIXEIRA, Aleluia Heringer Lisboa. Movimento de Inserção da Ginástica como Constitutiva da Cultura Escolar do Ginásio Mineiro (Internato E Externato) 1890-1916. Fundação Helena Antipoff. GT: **História da Educação** (internet). Belo Horizonte, MG: UFMG, 2004, n. 02.

TELES, Maria Iceide Viana. José Fernandes: primeiro professor de Educação física da região do Cariri. In **I Semana de Cultura, Ciência, Arte e Esporte da URCA**. Crato, CE 15 a 23 de outubro de 2004.

TEÓFILO, Rodolfo. **Coberta de Tacos**. Instituto Histórico e Geographica do Brasil. Fortaleza, CE: Typ. Moderna, F. Carneiro, 1931.

\_\_\_\_\_. **A Fome**. Org. e Atualização de notas por Otacílio Colares. Rio de Janeiro: José Olympio. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.

\_\_\_\_\_. **A varíola e a vacinação no Ceará**. Fortaleza, CE: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

\_\_\_\_\_. **Libertação do Ceará**. Fortaleza, CE: Fundação: Waldemar Alcântara, 2001.

THERRIEN, Nobrega, Silvia Maria; THERRIEN, Jacques. **Trabalhos Científicos e o Estado da Questão**: reflexões teóricas metodológicas. Estudos em avaliação educacional, julh-dez. 2004. v. 15, n. 30.

VASQUEZ, Pedro Karp. **A fotografia no Império**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Os Aprendizes da Guerra. In DEL PRIORE, Mary (Org). **História das crianças no Brasil**. 2 ed, São Paulo: Contexto, 2000, p. 192-209.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY. Yara Maria Aun. **A Pesquisa em História**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1991.

VIEIRA, Sofia Lerche. **História da Educação no Ceará**: sobre promessas fatos e feitos. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2002.

\_\_\_\_\_. **Para uma (Re) Leitura da Reforma Lourenço Filho no Ceará**. Disponível em: [www.anped.org.br/reuinoes/26/trabalhos/sofialerschevieira.rtf](http://www.anped.org.br/reuinoes/26/trabalhos/sofialerschevieira.rtf). Acesso: 5 out. 2007.

VILODRE, Silvana Goellner (Org). **Inezil Penna Marinho**: Coletânea de Textos. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2005.

\_\_\_\_\_. **O método francês e a Educação física no Brasil**: da caserna à escola. Porto Alegre, RS: UFRGS, 1992.

VIGARELLO, Georges. **O limpo e o sujo**: Uma história da higiene corporal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.



\_\_\_\_\_. A Invenção da Ginástica do Século XIX: movimentos novos, corpos novos – Revista Brasileira de Ciências do Esporte: **História da Educação física e Esporte**. Campinas, SP: Co - Edição Autores Associados, Setembro, v. 25, n. 1, p.7-21,2003.

VITOR Hugo. **O Liceu do Ceará em 100 anos**. Fortaleza, CE: Tipografia Iracema, 1945.

## **ANEXOS**

---

NÍVEIS DE ENSINO E DAS INSTITUIÇÕES ESTUDADAS EM FORTALEZA NO PERÍODO DE 1860-1930.

INSTITUIÇÕES PÚBLICAS

NOME	ANO	DIRETRIZES	MOVIMENTOS DA GINÁSTICA	MINISTRANTE	PRÁTICAS	OBSERVAÇÃO
Escola Normal do Ceará	Criada pela Lei Provincial n.º 1790,28/12/1878, após seis anos foi	Formação de professores habilitados para as escolas primárias.	Inserção da ginástica com a Reforma de 1887.	Instrutor militar	As aulas aconteciam no Pátio da Escola (Parque da Independência)	Na Legislação Nacional, o Decreto n.º 6370, de 30/9/1876 introduzia a ginástica nos cursos das Escolas Normais da
Ensino Primário da Capital Cearense	O Ato Institucional de 1834 descentralizou o ensino a instrução primária	Combater o alto índice de analfabetos e formar intelectual, moral e fisicamente.	A partir do Parecer de Rui Barbosa, em 1884, ao tratar da reforma do ensino primário nas escolas públicas e particulares	Normalistas	Ginástica infantil	A ginástica participava do calendário escolar e nos dias especiais.
Lycée do Ceará	Concretizado em 15 de julho de 1844, e instalado em 10 de outubro de 1845 pela Lei n. 304.	Inspecionar as aulas públicas da Província	A <i>Hygiene</i> estava nas cadeiras teóricas e a <i>gymnástica</i> de <i>officiis</i> nas cadeiras práticas	Instrutor militar	Ginástica, evoluções militares e a esgrima.	As aulas aconteciam as 5 às 7 horas da manhã e os alunos eram obrigados a frequentarem uniformizados, antes das atividades físicas, os alunos passavam por uma avaliação médica.
Escola de Aprendizes do Ceará	Criado pelo Decreto n. 7566, de 23 de setembro de 1909.	Ensino técnico-profissional aos menores desvalorizados.	Instrução militar	A ginástica estava na programação da Escola como prática da instrução militar que foi implantada Escola de Instrução Militar e incorporada como Sociedade de Tiro, sob n.º 262, que formou várias turmas de reservistas ao Exército.	Gymnástica militar com exercícios sem armas (parte preparatória) e com armas na instrução militar praticada três vezes por semana e ministrada por um oficial do Exército.	Nas horas consagradas ao recreio

NÍVEIS DE ENSINO E DAS INSTITUIÇÕES ESTUDADAS EM FORTALEZA NO PERÍODO DE 1860-1930.

INSTITUIÇÕES PARTICULARES

NOME	ANO -CRIAÇÃO	DIRETRIZES	MOVIMENTOS DA GINÁSTICA	MINISTRANTE	PRÁTICAS	OBSERVAÇÃO
Amenue Cearense	Criado por João de Araújo Costa Mendes, em 1863.	Formação dos preceitos da educação intelectual, moral e física do educando.	O programa curricular constava de Educação Religiosa, Humanística, Música, Dança e Ginástica.		A <i>gymnástica</i> com saltos mortais e cambalhotas	Praticada fora da Escola (no Morro do Moínho)
Colégio Castelo Branco	Fundado pelo educador piauiense Odorico Castelo Branco, no ano de 1900.	A instrução era movida pelo espírito nacionalista.	Instrução militar	Ginástica e Instrução Militar - Sargento Darci de Carvalho	As aulas de ginástica, educação física e prática esportiva. Os exercícios eram movimentos sincronizados e ritmados segundo os princípios anátomo-fisiológicos de cada idade.	Os alunos eram submetidos ao exame o biométrico e agrupados de acordo com o valor físico de cada um. As aulas eram realizadas no pátio aberto e/ou na quadra.
Colégio Cearense do Sagrado Coração	Criado em 1912 com a inauguração o dia 4 /01/1913. No ano de 1916, a diretoria passava para os irmãos Maristas (Congregação fundada na França).	“Na ordem física, um esforço de ação; na ordem intelectual, um esforço de atenuação; na ordem moral, um esforço de resistência e perseverança”.	Instrução militar	O Tenente Pedro Lucas, militar do 23º BC assumia a instrução militar no Colégio Cearense.	Ginástica, práticas esportivas, competições de corrida, ciclismo, acrobacias e Tiro de Guerra nº 164 . A partir de 1930, as aulas seguiram as orientações do Departamento Nacional do Ensino Secundário.	O Decreto Federal n. 6.947 de 08 de maio de 1908 tratava da obrigatoriedade do Tiro de Guerra para o ensino secundário

NÍVEIS DE ENSINO E DAS INSTITUIÇÕES ESTUDADAS EM FORTALEZA NO PERÍODO DE 1860-1930.

INSTITUIÇÕES MILITARES

NOME	ANO -CRIAÇÃO	DIRETRIZES	MOVIMENTOS DA GINÁSTICA	MINISTRANTE	PRÁTICAS	OBSERVAÇÃO
Escola de Aprendizes Marinheiros do Ceará	Criada em 1865, a Escola foi abolida no ano de 1931 para retornar somente em 1940.	O Decreto n.º 4720, de 22 de abril de 1871, estabelecia a obrigatoriedade da prática da esgrima, da ginástica e da natação nos Estabelecimentos da Marinha.	O Capítulo VII do Decreto n. 11479 (Art. 73) menciona que a Escola permitia ter ainda um mestre de natação, <i>gymnastica</i> (Manoel Candido de Sousa) esgrima e infantaria.		Gymnástica (uma vez por semana) com exercícios de barra e trapézio, esgrima (uma vez por semana) natação (duas vezes por mês e nos domingos antes da missa) e preparação física com averiguação do “Índice de Robustez” e da condição física do aprendiz.	A ginástica fazia parte do ensino acessório (exercícios práticos) destinado ao desenvolvimento físicos dos aprendizes.
Colégio Militar do Ceará	Teve várias escolas, ou fases; a saber: 1º Fase -1889-1897; 2º Fase: 1919-1938 e, 3º Fase, de 1938 –1942 e, em todas elas a ginástica estava presente.	Erguen-se com o advento da República para preparar alunos para o curso superior militar.	Pelo Decreto n.º 2.116, de 11 de março de 1858 a esgrima e a natação estavam presentes nos Cursos de Infantaria e Cavalaria da Escola Militar, além de estabelecer o acriescimo da prática da ginástica nos Cursos Preparatórios à Escola Militar (Decreto n.º 3705, de 22 de setembro em 1866).	Oficiais instrutores coadjuvantes, a exemplo, do Tenente Francisco Batista Torres de Melo, Mestre de Esgrima de Espada e Florete; Tenente Frederico Augusto de Albuquerque Melo, Mestre de Ginástica e Natação; Tenente Antonio Pereira da Silva Leitão, no ano de 1897.	Ginástica, natação, equitação e esgrima, fundamentais para a formação militar.	No ano de 1919, a 3ª seção compreende as Ciências <i>Physicas</i> e Naturas e ao 6ª e a 7ª o Ensino Prático de Infantaria, Tiro ao Alvo, Equitação, Esgrima, <i>Gymnastica</i> . Natação e Música.